

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS DE BAURU

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NOS COTIDIANOS
ESCOLARES: Educação como questão de cor**

THAISA MARIA DE OLIVEIRA

BAURU
2022

THAISA MARIA DE OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NOS COTIDIANOS
ESCOLARES: Educação como questão de cor**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências, como requisito parcial à obtenção do título de mestrado profissional.

Nome do orientador: Prof. Dr. Vitor Machado

Bauru
2022

O48r

Oliveira, Thaisa Maria de

Representação Social do Negro no Cotidiano Escolar: : Educação
como questão de cor! / Thaisa Maria de Oliveira. -- Bauru, 2023
352 p. : tabs., fotos + projeto + objeto educacional

Dissertação (Mestrado profissional - Docência para a Educação
Básica) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências, Bauru

Orientadora: Vitor Machado

1. Representação Social. 2. Cotidiano Escolar. 3. Perspectivas sobre
racismo. 4. Pedagogia Histórico Crítica. 5. Construção Social. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

THAISA MARIA DE OLIVEIRA

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NOS COTIDIANOS
ESCOLARES: Educação como questão de cor

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Docência para a Educação
Básica, da Faculdade de Ciências, como
requisito parcial à obtenção do título de
mestrado

Resultado: _____

Cidade, ____ de _____ de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. VITOR MACHADO

Prof. Dr. EVA APARECIDA DA SILVA

Prof. Dr. ANDREIA TEIXEIRA RAMOS

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE THAISA MARIA DE OLIVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 24 dias do mês de novembro do ano de 2023, às 15:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de THAISA MARIA DE OLIVEIRA, intitulada **"REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO COTIDIANO ESCOLAR: EDUCAÇÃO COMO QUESTÃO DE COR"** e produto educacional **"OIÁ : VAMOS FALAR SOBRE MULHERES ?"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. VITOR MACHADO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof(a). Dr(a). EVA APARECIDA DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. ANDREIA TEIXEIRA RAMOS (Participação Virtual) do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais (DTEPE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final **Aprovada**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 **VITOR MACHADO**
Data: 11/12/2023 11:02:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. VITOR MACHADO

“Se você ouvir os cães continue. Se você vir as tochas na floresta, continue. Se houver gritos atrás de você, continue. Nunca pare. Continue. Se você quer um pouco de liberdade, continue.”

Harriet Tubman

RESUMO

Este estudo investigou a representação social no cotidiano escolar, buscando promover reflexão e romper formas de preconceito social nas instituições de ensino já arraigadas a prática educativa. Analisou-se o racismo enquanto sistema estruturante da sociedade e por sua consequência a desigualdade social naturalizada em diferentes pilares da sociedade e sendo perpetuada através da educação. Assegurar a igualdade de oportunidades e que ninguém seja excluído por conta da cor da pele ou da classe social e assegurar uma educação antirracista e que favoreça o pertencimento e a criticidade são objetivos dessa pesquisa. Para isso, é importante que as professoras/es sejam devidamente formadas para lidar com a diversidade racial e cultural, capazes de lidar com a diferença e tratarem a todos de forma igual e justa para tanto propõe-se enfrentamento através de metodologias e práticas que promovam e estimulem a criticidade e compreensão da realidade, compreendendo a escola não apenas como mera reprodutora de cultura e sim como produtora.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Representação Social. Educação Antirracista.

ABSTRACT

This study investigated social representation in everyday school life, seeking to promote reflection and break forms of social prejudice in educational institutions already entrenched in educational practice. Racism was analyzed as a structuring system of society and, as a result, social inequality naturalized in different pillars of society and perpetuated through education. Ensuring equal opportunities and that no one is excluded due to the color of their skin or social class and ensuring an anti-racist education that promotes belonging and criticality are the objectives of this research. To this end, it is important that teachers are properly trained to deal with racial and cultural diversity, capable of dealing with difference and treating everyone equally and fairly. and encourage criticality and understanding of reality, understanding the school not only as a mere reproducer of culture but as a producer.

Keywords: School daily life. Social Representation. Anti-Racist Education.

SUMÁRIO

CARTA DE APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	16
2 METODOLOGIA	22
2.1 A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA ALIADA A UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	22
3 IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	27
3.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (TRS)	27
3.2 A SOCIAL IDENTITY THEORY (SIT)	30
3.3 A RELAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ..	33
4 AS DIMENSÕES DO CONCEITO DE RAÇA, RACISMO E ETNIA.....	36
4.1 PENSANDO O CONCEITO DE RAÇA E RACISMO	36
4.2 A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E RACISMO.....	43
4.3 PARA ALÉM DA ETNICIDADE	51
4.4 AÇÕES AFIRMATIVAS E SUA IMPORTÂNCIA NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA	54
5 DESIGUALDADE SOCIAL PLANEJADA E A EDUCAÇÃO DESIGUAL	64
5.1 AS QUESTÕES ESTRUTURAIS E A DESIGUALDADE SÓCIO EDUCACIONAL.....	65
5.2 TRABALHO ESCRAVO, ABOLIÇÃO E PÓS ABOLIÇÃO	70
5.3 EDUCAÇÃO E DESIGUALDADES	73
5.4 EVASÃO ESCOLAR E OPORTUNIDADES SOCIAIS.....	80
5.5 INDICADORES SOCIAIS: RETRATO DAS OPORTUNIDADES NO BRASIL.....	85
5.6 MERCADO DE TRABALHO.....	91
6 REPENSANDO A EDUCAÇÃO	97
6.1 ABORDAGENS E METODOLOGIA ANTIRRACISTA	98
6.2 COMO SUPERAR O RACISMO NA ESCOLA?	101
6.3 A ESCOLA REFLETE A SOCIEDADE? REPRODUÇÃO OU PRODUÇÃO DE CULTURA?	104
6.4 FORMAÇÃO CONTINUADA – AÇÃO FORMATIVA.....	110

6.5 ABORDAGEM EDUCATIVA.....	123
7 O PRODUTO EDUCACIONAL	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
REPERTORIANDO	153
ANEXO I.....	156

FIGURAS

FIGURA 1– Carolina Maria de Jesus.....	110
FIGURA 2– Antonieta de Barros.....	140
FIGURA 3– Esperança Garcia.....	142

EPÍGRAFE

EPÍGRAFE 1 – foto Juca Martins - Olhar Imagem. Manifestação durante a reunião da SBPC Salvador BA 1981. Arquivo Leurenroth – Unicamp - acervo MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO.....	27
EPÍGRAFE 2 - Lelia Gonzalez, em campanha a Deputada Federal, 1982.....	75

GRÁFICOS

CARTA DE APRESENTAÇÃO

EMORIÔ!¹

Eu sou Thaisa Maria de Oliveira, professora, pesquisadora, mãe e mulher preta. Sempre acreditei (e sigo acreditando) na mudança a partir da Educação e na mudança social que pode acontecer se nós tivermos uma educação transformadora, pensada para modificar os padrões impostos.

A intenção inicial dessa pesquisa era de evidenciar uma educação que exclui determinados grupos não apenas por ter se organizado eurocêntrica mas por não produzir mecanismos de mudança ou basicamente por reproduzir padrões.

Pensar a representação social a partir dessa perspectiva, analisando os territórios educativos trouxe a dimensão dos ciclos de exclusão e do impacto social do racismo com a anuência da escola que deveria ser o lugar de encerramento do ciclo de exclusão, ou o lugar de início de um ciclo Libertador ou de ciclos de transformação social quando se propõe diferentes perspectivas.

O ciclo educacional é pautado por vários significados sociais, construção de conhecimento, socialização, construção de identidade, pertencimento, validação social, possibilidade de ascensão, porém e como diz Grada Kilomba a sociedade é um cubo branco que só reproduz brancura, e nessa reprodução que parte da perspectiva da branquitude, que por ela é organizada e arquitetada para manutenção da engrenagem capitalista como se constrói a identidade das pessoas pretas? Que lugar nós ocupamos dentro das instituições escolares? Que lugares nós (pessoas pretas) ocupamos na sociedade? e Qual é a visão das pessoas pretas sobre si mesmo posterior a esse processo de invisibilização e apagamento cultural?.

Essa pesquisa traz um tom de denúncia para um fator muito corriqueiro da sociedade que é a questão racial e seus meandros, partindo do apagamento cultural que a educação tem mantido de forma veemente, buscou-se evidenciar invisibilização das pessoas pretas na perspectiva de compreender para superar esses processos. Também faz parte da intenção dessa pesquisa ser mais uma ferramenta para combater a estrutura racista e

¹ Êmorio: Expressão em iorubá e significa "eu te vejo" ou "eu te reconheço".

para nos propor enquanto sociedade a reflexão sobre a importância de um processo educativo abrangente e plural, não se pode pensar na prática educativa sem a reflexão, sem a análise do que se propõe e sem pensar que a ausência de informação educa tanto quanto os conteúdos propostos.

A Pedagogia Histórico-crítica nessa proposta vem como uma possibilidade de abordagem no sentido de reflexão, de senso crítico e de análise sistematizada.

Faz-se emblemático pensar sobre o padrão antidemocrático da escola, pois este deveria ser espaço de diálogo e reflexão, porém a escola reflete o que ela foi construída para ser, um espaço de treino, reprodução com ordens para sentar e levantar, horários determinados, se tornando uma configuração de aprisionamento, condicionamento que aliado a ausência de materialidade ou de conteúdos baseados ou construídos por seleta e dominante fatia contribuem para a formação de pessoas que mal conseguem diferenciar fatos de argumentos, que simplesmente não são capazes de analisar criticamente as situações cotidianas de violência racial basicamente por ter naturalizado tais situações.

Pontua-se que na escola não acontece basicamente uma reprodução de racismo, quando não se pensa e age sobre as questões raciais, questões étnicas, diferenças sociais dos indivíduos, quando não há discussão de raça, classe, gênero somados a propostas com pensamento colonial (ou colonizável), quando não há uma formação ancorada nos estudos das africanidades, quando não há um estudo sobre a população negra no Brasil e os ciclos de exclusão não há meramente reprodução de racismo, há a produção de novos mecanismos racistas.

Essa pesquisa traz então a intenção de provocar os educadores a pensar e refletir sobre o racismo como problema social educacional, não apenas como um elemento socioeconômico com a intenção de convidar as famílias e a comunidade escolar para a discussão. Provocar o pensamento sobre a formação Inicial e continuada dos profissionais acerca das questões raciais e étnicas, sobre o cumprimento das Leis 10.639-03 e 11.645-08 e sobre qual a produção de conhecimento que a escola ou que as escolas tem se proposto a fazer.

Há muito tempo não percebo o racismo como uma questão subjetiva. Enquanto pessoa preta aprendi a me defender das agressões de cunho racial, mas não aprendi que isso é uma violência, não se aprende que esse ódio tem uma finalidade específica e que essa questão é anterior à formação social e da construção da minha subjetividade, mas que ela é determinante para a formação da sociedade; Tenho aprendido e reaprendido muitas coisas e digo enquanto formadora sobre a importância do olhar para o outro, olhar atento sobre a perspectiva do outro, sobre ter condições (e buscar) de oferecer ao outro elementos para que ele tenha uma Independência psicológica e social capaz de não aceitar violações de direitos.

Faço minhas as palavras de Grada Kilomba, postas como presente no livro *Memórias da Plantação*, o racismo é uma realidade violenta e uma questão de poder!

É real, é concreto, é palpável e consegue se fazer sinuoso e invisível nas relações para minar ainda mais nossa capacidade de percepção.

O processo que aconteceu internamente comigo durante o mestrado, que gosto de chamar de imersão, foi e tem sido (pois eu não permito que nenhum processo de aprendizagem se esgote em mim!) um processo de reconhecimento, de muito aprendizado, de exaustão, de felicidade e angústia, momento de reaprender para poder ensinar, ajudar, aprender, compartilhar. Aprende-se na filosofia Ubuntu sobre ser parte do todo, do outro, ser parte do meio, que eu sou porque nós somos e isso de certa forma tem fortalecido as pessoas pretas como um elo de coletividade, mas por outro lado a sociedade que nos obriga a ser um coletivo para que nos tornemos fortes nos rouba a possibilidade de sermos indivíduos, nos furta a subjetividade, então pensar sobre as questões raciais na educação nos faz pensar sobre como a questão racial transita por todas as questões cotidianas sobre como é sutil e elaborada a arte de inferiorizar.

Também faz parte dessa pesquisa de mestrado a turbulência causada pela pandemia covid-19, associada a um governo que fomentou o ódio e o olhar de desprezo para as diferenças, para as maiorias minorizadas, para as culturas e para a subjetividades.

Durante esse processo de pesquisa e de produção de conhecimento por várias vezes eu me peguei pensando como a sociedade consegue tolerar o

intolerável e corrijo dizendo que quando se trata de pessoas, de suas culturas, de sua subjetividade, tolerar não seria a palavra correta e sim como a sociedade consegue tratar as pessoas com desprezo e naturalizar tais formas de tratamento, como a sociedade consegue matar as pessoas pretas e indígenas (bem como outros grupos excluídos) em sua estrutura psicológica, financeira, social e naturalizar esse processo.

Eu gosto bastante de uma entrevista do Ailton Krenak publicada na revista CULT, intitulada “O tradutor do pensamento mágico”, edição nº 251, em que ele fala brevemente sobre a sensação que o toma ao ouvir o barulho de motosserra e segue descrevendo como esse som, objeto causam para ele um embrulho no estômago, medo, pavor. E quando eu penso nas situações de cunho racial, nas violências que temos vivenciado com base apenas na cor da pele e-ou fenótipo, eu me recordo dessa descrição do essencial Krenak que parece tão subjetiva, peculiar, mas que é tão gritante para quem sente e que aos meus olhos exprime também a questão de pertencimento, de todo, de coletivo. O preconceito de marca e suas inúmeras formas de nos privar.

Pensar os questionamentos necessários para que nós possamos modificar a educação, para que nós possamos pensar sobre uma democracia em preto e branco e todas as cores possíveis.

Não há a possibilidade que os instrumentos do opressor possibilitem ao oprimido qualquer liberdade! A pretexto de ser professora e de perceber nessa profissão a minha ferramenta social de transformação, eu continuo sendo militante e como tal eu preciso usar todos os mecanismos que eu tenho para libertação do meu povo. Quando eu penso sobre os povos pretos e sobre o que eu aprendi e aprendo cotidianamente, sobre todo o processo de construção de identidade e dos atravessamentos sociais sobre a minha formação, lembro-me dos saberes sistematizados que na escola são transmitidos como única possibilidade quando se trata sobre os povos pretos no Brasil (ou no mundo), me recordo da sensação de constrangimento, do que hoje nomeio como ausência de pertencimento e da necessidade de fazer de um grupo, assuntos e uma única visão elitizada e sem contexto histórico sobre encarceramento em massa, a escravização, o genocídio do povo preto, subalternidade. Penso também na pouca ou nenhuma comoção para os corpos pretos que passam por violência sexual, assassinatos, brutalidade

policial, condições precárias de trabalho reprodução cultural e social aceita dos tempos escravagistas, ao se verificar muitas mulheres pretas ainda nos trabalhos domésticos, além do número alarmante de crianças assassinadas, do padrão eurocêntrico de beleza imposto e exigências contratuais que mantém a engrenagem no mesmo movimento em contraponto quando eu penso em uma educação com outra perspectiva, passo a observar toda a materialidade construída pelo continente africano, com seus diversos povos, culturas e linguagens, pensar nas lutas que os povos pretos tiveram até conquistar a força a sua liberdade, passo a compreender que nada nos foi dado e que nada tem sido dado, pois todas as conquistas são resultado de muita luta, a qual têm sido feita para as pessoas pretas. Eis a necessidade de nos fortalecermos enquanto comunidade, para continuarmos lutando pelos nossos direitos, a luta por uma educação antirracista, por uma educação numa perspectiva decolonial não é uma luta só por direitos, é também por autoconhecimento; Ainda é uma luta por liberdade, a nossa busca é por liberdade!

Pensar sobre a educação na perspectiva antirracista é compreender que todos os povos têm direito à memória, tem direito a conhecimento aprofundado sobre suas culturas e origens, tem direito a produção do conhecimento do seu povo e de saber que é capaz de produzir nas mais diferentes esferas. Diversas potências basearam (ou usurparam) seus renomados feitos na produção cultural e científica do berço civilizatório, assim a educação antirracista ajuda a explicar que o racismo é um problema social, educacional, político e que move toda a estrutura do nosso país, não apenas um elemento socioeconômico. e que a trajetória de atravessamento social racializado está intimamente ligada às nossas perspectivas, a nossa expectativa social. Daí a necessidade de se pensar em uma educação decolonial, como forma de se produzir uma formação cidadã crítica. Não se pode efetivar a prática educativa sem a reflexão. Faz-se necessário considerar as questões raciais, étnicas que nos constituem enquanto comunidade, sociedade e país e analisar esse processo de construção de identidade do sujeitos. Não há a possibilidade de avanço na perspectiva educativa sem pensar sobre esses ciclos. Para compreender os meandros dessa discussão eu busco nos estudos de pesquisadores e filósofos como Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva,

Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Ivone Souza, Grada Kilomba, Abdias Nascimento, Oracy Nogueira, entre muitos outros, entender as raízes dos nossos problemas raciais, sociais e emocionais. A pesquisa que eu fiz ancorada a outros estudos na tentativa de evidenciar o patriarcado, o padrão eurocêntrico, a apagamento cultural, o epistemicídio.

Finalizo esta apresentação com uma frase da professora Petronilha citada em entrevista à revista ANPUH “educação para as relações étnico-raciais não é um tema, não é uma lista de conteúdos. É um projeto de sociedade.”

“Èsú matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje!”

Ditado Iorubá

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa, aqui apresentada, inicia-se no campo das inquietações, pela necessidade de compreender e conjecturar sobre algo tão complexo. Vivenciamos um tempo em que o tão famoso racismo velado torna-se escancarado e naturalizado.

O amadurecimento das ideias, os referenciais teóricos e a verificação *in loco*, alinhou essa dissertação de forma sistemática e reflexiva.

Fez-se necessário traçar um panorama que evidenciasse uma estrutura fundamentalmente racista, iniciada com a escravização das pessoas pretas ainda no período do Brasil colonial (séc. XVI) e que posteriormente a esse período instaurou-se enquanto mantenedora social.

Trago um racismo enquanto cerne da sociedade, perpassando intrinsecamente por todas as fendas que nutrem o sistema capitalista que tanto se beneficia com essa cultura.

Não se pode pensar em manutenção da cultura sem olhar o quanto a educação escolar contribuí para enfatizar estereótipos, propagar a sensação imposta de “certo/errado” para o indivíduo e impor uma “normalidade social”. Nesse sentido, embasados em uma visão histórico cultural eurocentrada e que não se propõe a um princípio equitativo para possibilitar a diferentes grupos que se percebam enquanto parte atuante da história, enquanto resistência, enquanto produtor e propagador de cultura (sem demonizá-las), acaba-se normalizando que o ideal é ser branco, nesse caso não sê-lo o torna o OUTRO (e ao outro cabe tudo o que for adverso).

Analisar situações racistas para além da denominação “ato irracional”, o racismo é pensado, é articulado e minimamente planejado. A estrutura construída em bases racistas tem nutrido todo um sistema social. A fome, a falta de moradia, a desigualdade social, a baixa escolaridade versus uma educação populista e eurocêntrica, o encarceramento e a violência são pilares para estruturar e instaurar a cultura do medo.

Nas palavras de Sarmiento e Vasconcellos (2007), as percepções de criança e infância são conceituadas de forma diferente ao longo do tempo e no espaço cultural, através da infância, a partir de aspectos de classe social, filiação racial, principal religião, etc. Nessa perspectiva, as crianças negras

representam uma categoria social que demonstra as complexidades da cultura, do saber e dos lugares de fala. Para Feitosa (2012), elas pertencem a grupos sociais distintos, estão em fase de desenvolvimento mental e físico adequado, elaboram representações sociais nas relações raciais desde a infância e são representados por outros grupos. Vale destacar que a representação do racismo, a negação de sua identidade, a falta de reconhecimento e valorização do negro e a própria invisibilidade da cor estiveram presentes na geração de concepções sobre a infância das crianças negras.

Segundo Coelho (2006, p. 47), “[...] muitas crianças que vivem em condições precárias e abandonadas são negras, mas isso mostra apenas um aspecto do apartheid que existe no país [...]”, e sua extensão pode ser percebida no cotidiano das escolas brasileiras. Essas realidades compartilhadas podem ser compreendidas em termos da teoria das representações sociais, que leva em conta a socialização entre grupos e sujeitos para construir conhecimento sobre algo ou alguém.

Para Moscovici (2000/2015) e Jodelet (2003), as representações sociais são imagens, sentimentos, significados e ideias que grupos sociais constroem por meio do senso comum em suas relações, tendendo a moldar atitudes e comportamentos em relação a determinados objetos de representação. Assim, a cor da pele é um objeto representacional que existe nas relações raciais no contexto escolar, por meio da classificação racial e autoclassificação que as crianças comunicam em seu cotidiano.

Segundo Fazzi (2006), esse movimento em torno da cor da pele é considerado um processo social lúdico que constitui a realidade racial cotidiana das crianças, por meio do qual elas expressam a cor da pele de maneiras próprias e diversas para ajustar sua visão de vida ao se referir a outras pessoas.

Considerando o contexto das relações raciais, considerando também a abordagem ideológica racista a que toda a população brasileira é submetida, considerando ainda o apagamento cultural e a tentativa de branqueamento da população, essa pesquisa teve como objetivo analisar as representações sociais dentro do contexto escolar e quais os reflexos dessas ações na população negra e sociedade em geral. Além disso elaborou-se também um objeto de aprendizagem intitulado: Oiá: Vamos falar sobre as mulheres?”, com

a proposta de pensarmos e conhecermos um novo contexto, a partir de fatos históricos problematizar a questão da mulher negra na sociedade; Sabe-se que o negro é a base da pirâmide social, porém ao refinarmos o olhar quem dá base para a base é mulher negra que alicerça essa estrutura, sendo o grupo de pessoas mais subjugado na sociedade, sendo o grupo com maior incidência sobre agressão, mortalidade, violência obstétrica, vítimas de estupro etc. A representação reflete sobre as relações, impacta sobre a autoimagem e pensar de forma analítica sobre negritude, cultura, memória e ancestralidade é propor maior visibilidade sobre esses processos de apagamento cultural. Inicialmente o objeto de aprendizagem foi aplicado na Escola Estadual Valéria E. Minguili, da cidade de Pederneiras, para 28 alunos do sétimo ano, em parceria com o mestrando Ruideglan Paixão, como ponto de partida para um projeto sobre personalidades negras e seus feitos históricos. Como bem traz Angela Davis “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

Parto da premissa que uma proposta educativa que apresente aos alunos mulheres negras e outras perspectivas de ensino é fundamental para uma educação inclusiva e equitativa.

A inclusão de mulheres negras e outras perspectivas sub-representadas na educação permite que os alunos se identifiquem com figuras e narrativas que refletem suas próprias experiências e identidades. Podendo promover um maior senso de pertencimento e autoestima entre estudantes negros. Nessa proposta também há a estimulação do pensamento crítico, a criatividade e a inovação, uma vez que os alunos são desafiados a considerar diferentes pontos de vista e soluções para os problemas a partir das novas perspectivas.

Mostrando a diversidade, partindo de experiências e realizações das mulheres negras, possibilita-se a desconstrução de estereótipos prejudiciais e preconceitos arraigados. Isso contribui para uma compreensão mais precisa e completa das vidas e contribuições dessas mulheres. A inclusão de perspectivas de mulheres negras e outras vozes subalternizadas enriquece o currículo educacional, proporcionando uma visão mais rica da história, da cultura, das ciências e das artes. Isso beneficia a todos os alunos, não apenas aqueles que pertencem aos grupos sub-representados.

Conhecimento social e consciência histórica, ensinar sobre mulheres negras que desempenharam papéis significativos na história, como líderes, ativistas, artistas, cientistas e escritoras, ajuda os alunos a compreender a complexidade das dinâmicas históricas e a influência dessas mulheres nas mudanças sociais.

Ao apresentar perspectivas educativas diversas, a educação contribui para a promoção da igualdade de gênero e racial, apoiando os princípios de equidade e justiça. Em um mundo cada vez mais diverso e globalizado, a educação que incorpora perspectivas diversas prepara os sujeitos e consequentemente a sociedade para interagir com respeito e compreensão com pessoas de diferentes origens e culturas.

É bastante simbólico que o Brasil tenha queimado junto com a abolição os registros das pessoas pretas, até então escravizadas, transformando séculos de escravização/barbárie em apenas estimativas. O currículo também sistemático e não contextualizado das escolas reproduzindo um padrão cultural acerca da história da população negra, colabora para esse lugar-olhar de subserviência ou subalternidade. Daí a necessidade de se pensar o papel da escola na construção da identidade e adotar enquanto produtora de cultura ferramentas para construção de um imaginário social crítico.

A proposta desse trabalho é validar ações, abordagens educativas e metodologias com a finalidade de superar o racismo educacional-estrutural, propondo questionamentos necessários e repensando o papel da escola na construção da identidade do indivíduo.

Utilizar o sistema educacional para lutar contra essa tessitura estética, cultural e comportamental, a escola enquanto ferramenta para a construção da consciência social crítica.

Por tratar-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa Denzin e Lincoln (2006), buscando compreender o fenômeno do racismo nas instituições escolares e suas consequências sociais e por analisar que a relação étnico racial não tem sido abordada de maneira significativa e sistematizada, possibilitar-se-á elementos para versar sobre a proposta pedagógica, partindo da produção cultural africana ou afro-brasileira e da humanização da cultura, modificando essa base amparados pela Pedagogia Histórico Crítica.

Não há como dissociar os impactos que uma política extremista/necropolítica em causado às maiorias minorizadas e a sua representação e nem como deixar de citar que o governo brasileiro (2019 a 2022) não tem nenhuma prática que combata o racismo em qualquer de suas veias, segundo Mbembe (2018) há um controle governamental sobre quem deve viver e morrer socialmente, ancorado no racismo, necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros que legitimem o extermínio. Soma-se a esses fatores o impacto que a pandemia causou (em todas as esferas) nos grupos sociais mais vulneráveis, faz-se urgente uma educação pensada para a diversidade racial e para a pluralidade cultural. Isso significa pensar o currículo escolar e sua importância para o processo de reflexão crítica na busca por uma cultura da paz; a importância da obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e indígena na educação básica através da lei nº10639/03 e 11.645/08 e que nessa perspectiva tais leis são parte fundamentais de ações afirmativas.

Educar para o autoconhecimento e respeito às diferenças significa buscar a valorização da identidade, sobretudo contestando fatos históricos e/ou analisando por diferente óticas, utilizando autores(as) negros(as), valorizando a contribuição de diferentes povos à identidade brasileira. Tais ações somam-se ao ideário que fundamenta uma educação pautada em ações antirracistas.

Neste trabalho há uma abordagem conceitual sobre as noções de racismo, raça, etnia e identidade e análise sobre as conquistas através dos processos de lutas sociais, contexto histórico, movimentos sociais e políticas de ações afirmativas.

Essa pesquisa buscou traçar um panorama da realidade educacional fazendo reflexão entre os fatos históricos, a situação atual social e educacional e como diversos fatores atravessam a perspectiva do sujeitos tendo Impacto significativo sobre o seu desenvolvimento ético, moral, intelectual e inclusive sobre a sua sensação de pertencimento e permanência ou abandono da escola.

O segundo capítulo traz a abordagem metodológica, a pesquisa de campo foi de abordagem qualitativa e ancorou-se para além dos questionários numa formação continuada proposta para os docentes nos anos de 2021 e

2022 sobre o ambiente escolar e construção conceitual sobre o racismo buscando compreender as diferentes visões sobre o tema para a partir das construções propor interações dinâmicas que pudesse corroborar para a elaboração de novos conceitos, para os discentes foi proposta a construção de cinco aulas planejadas na perspectiva da Pedagogia Histórico Crítica e um objeto de estudo com o intento de fomentar a pesquisa e novas perspectivas educativas, houve aplicação de formulário para levantamento de dados. Ainda no segundo capítulo busca-se conceituar a pedagogia histórico-crítica aliada a uma educação antirracista.

O terceiro capítulo traz identidade, pertencimento e representação social buscando compreender perspectivas sobre a representação social e os indivíduos sob o viés da Teoria das Representações Sociais e da Teoria da Identidade Social.

O quarto capítulo traz conceituação sobre raça, racismo e etnia e se inicia pensando sobre os conceitos de raça e racismo, construções sociais, ações afirmativas e relações entre cultura, racismo e etnicidade.

O quinto capítulo traz a desigualdade social pensada, articulada a uma educação desigual, estruturada intencionalmente desigual, aborda também fatos históricos, como trabalho escravo, abolição e pós abolição, buscando refletir sobre novas possibilidades de abordagens educativas para a construção de uma mudança social, traz também indicadores sociais com a intenção de facilitar a visualização da desigualdade.

O sexto capítulo busca repensar a educação, contextualizando historicamente e propondo uma abordagem e metodologia antirracista e análises para se pensar formas de superar o racismo na escola; Esse capítulo traz também questionamentos importantes: Na escola se reproduz ou produz cultura

No sétimo capítulo traz-se o produto educacional intitulado Oiá: Vamos falar sobre as mulheres ?

As considerações finais apontam para necessidade de um currículo educacional diversificado com conteúdos que abordem questões étnicas e para uma educação que seja inclusiva sobretudo nas dimensões de gênero e raça.

2 METODOLOGIA

Após a reunião de dados foi possível estabelecer um paralelo entre a realidade brasileira atual e a discriminação racial, permitindo traçar um panorama sobre a situação, evidenciando as desigualdades que permeiam a sociedade brasileira.

Como forma de contribuir para a análise e discussão sobre o racismo no Brasil, foi realizada neste trabalho uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa. A partir de entrevistas com população negra e branca dentro de unidades de ensino, sendo 16 docentes e 28 discentes na aplicação inicial do formulário; 25 discentes nas propostas de troca formativa 83 aplicação final do formulário, buscou-se compreender as diferenças entre as experiências individuais a respeito do racismo, assim como os principais aspectos que são utilizados para a discriminação. Os resultados obtidos a partir desta pesquisa permitiram a compreensão de como o racismo se manifesta na sociedade brasileira perpetuado, inclusive, em práticas pedagógicas e nas nuances da rotina escolar.

2.1 A Pedagogia Histórico-Crítica aliada a uma educação Antirracista

Por meio da Pedagogia Histórico-Crítica, propôs-se uma sequência didática para a abordagem do racismo. A Pedagogia Histórico-Crítica tem como objetivo desenvolver nos alunos o senso crítico, o que significa o desenvolvimento da capacidade de pensar de forma independente e questionar o conhecimento adquirido. A PHC também busca promover o diálogo, o debate e a discussão entre os alunos, o que favorece a construção de conhecimento coletivo. Essa metodologia também possibilita a reflexão sobre questões de gênero, raça, classe e outras formas de dominação e exploração, através do levantamento de dados históricos e elaboração de narrativas construídas pelos próprios alunos. Assim, os alunos podem entender melhor as relações sociais e desenvolver habilidades para pensar criticamente.

Saviani (2018), defende a ideia de que a escola desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade democrática e igualitária. Ele

argumenta que a educação deve ser um instrumento de transformação social e que a escola desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e críticos.

A relação entre escola e sociedade é caracterizada por uma interação dialética, o que significa que ambas as instituições se influenciam e são influenciadas mutuamente. Essa relação dialética é fundamental para entender como a educação e a sociedade se relacionam e como uma afeta a outra. São alguns aspectos dessa relação : Reflexo da sociedade na escola, agente de reprodução social, agente de transformação social, contexto influenciador, papel dos educadores, aprendizado como ferramenta de empoderamento.

A interação dialética é fundamental para entender o papel da educação na formação de indivíduos e na transformação da sociedade, essa relação escola e sociedade é complexa e multifacetada, envolvendo tanto a influência da sociedade sobre a escola quanto a influência da escola sobre a sociedade.

Educação enquanto ato político , essa abordagem educacional tem raízes em teorias críticas da educação, como as de Paulo Freire, que é conhecido por seu trabalho com a pedagogia crítica e a educação popular. A pedagogia revolucionária procura capacitar os alunos a se tornarem cidadãos conscientes e ativos que podem contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, enquanto reconhecem o dinamismo da sociedade em constante mudança.

Na prática social inicial, o professor(a) deve promover a discussão de conteúdos relacionados ao racismo de forma que considere as experiências e os conhecimentos prévios dos alunos. Assim, é possível contextualizar e colocar em questão a realidade vivida pelos alunos. Na etapa seguinte, há a chamada de problematização, o professor deve apresentar aos alunos questões sobre o racismo, de forma que os estudantes possam refletir sobre o tema e discutir em sala de aula. Na instrumentalização, o professor(a) pode buscar ferramentas que possam auxiliar na compreensão do problema. Isso pode ser feito por meio de filmes, livros, artigos e outros materiais didáticos. Na etapa da catarse, o docente deve estimular o aluno a compreender nuances e o impacto do racismo e as implicações que ele traz para o mundo e a cada indivíduo. A catarse, também, pode ser um meio de libertação. Nesta etapa, o

professor deve facilitar o processo de reflexão e compreensão, estimulando a que os alunos cheguem a suas próprias conclusões. Finalmente, a prática social final, que consiste na realização de atividades práticas que ajudem os alunos a colocarem em prática os conhecimentos adquiridos. Estas atividades podem ser debates, oficinas, projetos, etc. Assim, a PHC (Pedagogia Histórico-Crítica) possibilita aos alunos a compreensão do racismo e a percepção de sua responsabilidade na transformação da realidade.

A importância da consciência histórica e crítica para o processo educacional. Gasparin (2002), defende a PHC como uma abordagem educacional que se baseia na análise crítica da sociedade e da educação.

A teoria do currículo de Saviani (2018) parte da premissa de que o currículo escolar deve ser um instrumento que ajude os alunos a compreender a realidade social em que vivem e, ao mesmo tempo, contribua para a sua transformação, destacando a importância do papel do educador como mediador entre o conhecimento sistematizado e os alunos, auxiliando-os na compreensão da realidade e na formação de uma consciência crítica. Isso envolve a análise das contradições e desigualdades presentes na sociedade.

Através dessa abordagem mais profunda e sistemática do racismo, foi possível direcionar a discussão para o contexto histórico no qual o racismo estrutural está inserido, a fim de se compreender e refletir sobre as suas implicações. Dessa forma, foi possível criar um ambiente de aprendizagem capaz de estimular os alunos a pensarem criticamente sobre a realidade e a buscarem soluções para os problemas sociais encontrados.

Além disso, por meio da ação pedagógica aqui sugerida, o professor que dela se apropriar poderá estimular a reflexão crítica dos alunos sobre o racismo, permitindo-lhes aprofundar o conhecimento a partir de fontes diversas, como livros, filmes, documentários, artigos, entre outros. Assim, os estudantes serão capazes de identificar como o racismo estrutural se manifesta na sociedade e como ele influencia o dia a dia dos alunos.

Exemplificar-se-á como a questão do racismo pode ser abordada no ambiente escolar de forma multidisciplinar. A fim de:

1. Compreender o racismo estrutural: Primeiramente, é importante que todos os envolvidos na abordagem dessa questão tenham um bom entendimento do que é o racismo e como ele afeta a vida de quem o sofre. É

importante lembrar que o racismo estrutural é a discriminação que é imposta a determinados grupos, como negros, indígenas e minorias, e que essa discriminação é radicalmente diferente da discriminação individual.

2. Estabelecer um plano de ação: É importante que todos os envolvidos numa proposta antirracista estabeleçam um plano de ação para abordar a questão. Esse plano deve incluir metas específicas, ações concretas e metodologias que serão implementadas.

3. Reunir a comunidade escolar: O enfrentamento do racismo estrutural na educação deve acontecer de forma transdisciplinar rotineiramente e não em ações estanques.

A identidade de um grupo ou de um indivíduo pode ser entendida como um conjunto de características e traços que estão presentes durante toda a vida. Estas características podem ser consideradas como inatas, adquiridas, ou como resultado de uma combinação entre ambas. É importante ressaltar que a identidade não é algo imutável, mas sim algo dinâmico, pois é constantemente moldado e influenciado por diversos fatores, como o contexto histórico, cultural, social e político. Neste sentido, Sousa Santos defende que a identidade deve ser compreendida como algo que é construído e negociado entre os membros de um coletivo. A partir disso, torna-se necessário analisar a identidade como uma síntese de múltiplas identidades.

A identidade é uma ferramenta poderosa que pode ser usada tanto construtivamente quanto destrutivamente.

Educar para a diversidade, o respeito, o reconhecimento e o direito à diferença. Promover ações afirmativas, como políticas de cotas, por exemplo, para a inclusão de pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+, etc. Promover a formação de professores para lidar com as temáticas relacionadas à diversidade, racismo e preconceito. Organizar oficinas e debates sobre temáticas relacionadas à diversidade, racismo e preconceito. Promover ações de cultura de paz, respeito e igualdade de direito entre todas as pessoas. Promover o debate sobre a diversidade, o reconhecimento e o direito à diferença nas escolas. Adotar medidas e políticas de ação afirmativa, a fim de promover a inclusão de pessoas negras, indígenas.

Infelizmente, não é possível ter uma sociedade realmente justa, pois existem muitas variáveis envolvidas que nem sempre são fáceis de controlar. O

acesso à educação, a igualdade de gênero, a equidade racial e outros fatores contribuem para a desigualdade, o que dificulta a eliminação de todas as formas de injustiça. No entanto, é possível trabalhar em direção de uma sociedade mais justa, ao mesmo tempo em que, melhoramos as condições de vida de todos. O posicionamento deve ser centrado na promoção de igualdades de oportunidades, de acesso à educação e aos direitos humanos, bem como no combate à discriminação e às desigualdades econômicas.



Epígrafe 1- foto Juca Martins - Olhar Imagem. Manifestação durante a reunião da SBPC Salvador BA 1981. Arquivo Edgard Leurenroth-Unicamp- acervo MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO.

3 IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

3.1 A Teoria das Representações Sociais (TRS)

O conceito de representação social, embora ainda tenha uma 'definição aberta' (Vala & Castro, 2013: 585), tornou-se mais popular com a publicação do livro *Psicanálise, sua imagem e seu público*, de Moscovici, em 1961. Neste trabalho, a partir da influência de diferentes conceitos propostos por diversos estudiosos como Durkheim, Lévi-Breuer e Piaget, os autores examinam como a psicanálise foi apropriada por diferentes segmentos da sociedade francesa, a saber, o científico. Como o conhecimento é compreendido.

Modificado pelo conhecimento do senso comum, desde essa pesquisa pioneira, a Teoria das Representações Sociais (TRS), tem sido utilizada para estudar diferentes objetos sociais, também, para a expressão de diferentes conceitos como identidade social, características processuais, de modo que a representação não implique em reprodução, ou reprodução da realidade na vida das pessoas (JESUÍNO, 2011). Mas participando ativamente do processo de construção de si e da sociedade, reafirma, assim, a noção do sujeito como “o sujeito ativo, o construtor da realidade social e construído sobre ela” (SANTOS, 2005, pág. 17).

É uma abordagem na psicologia social que se concentra na compreensão de como as pessoas constroem e compartilham conhecimentos sobre o mundo social em que vivem. A TRS relaciona-se com as ciências humanas, como a história, antropologia e sociologia, mas se concentra em como as pessoas organizam suas percepções e entendimentos do mundo social e como essas representações são construídas e compartilhadas dentro de grupos sociais.

A teoria das representações sociais reapresenta um problema que já é, historicamente, de interesse de outras ciências humanas, como a história, antropologia e sociologia (Jodelet, 2001). É uma teoria científica sobre os processos através dos quais os indivíduos em interação social constroem explicações sobre objetos sociais (Vala, 1996).

Essa teoria sugere que as representações sociais são construídas coletivamente e podem influenciar o pensamento e o comportamento das pessoas. Elas servem como ferramentas cognitivas para ajudar as pessoas a entender o mundo social complexo em que vivem. As representações sociais

também desempenham um papel na comunicação e na criação de consenso dentro de grupos sociais.

Portanto, a teoria das representações sociais é uma abordagem interdisciplinar que se relaciona com outras áreas das ciências humanas, uma vez que se preocupa com a forma como as pessoas constroem conhecimento sobre a sociedade e como esse conhecimento influencia a maneira como percebem e interagem com o mundo social. Ela ajuda a entender como as ideias, valores e crenças compartilhados por grupos sociais moldam a maneira como os indivíduos veem o mundo ao seu redor.

A representação social pode ser entendida como uma teoria do senso comum, "uma forma de conhecimento, articulado e compartilhado socialmente, com objetivos práticos que contribuem para a construção de uma realidade compartilhada grupos sociais" " (MOSCOVICI, 2012, p.73), nessa perspectiva enfatiza que as representações sociais não se limitam ao conhecimento acadêmico ou científico, mas são parte integrante da maneira como as pessoas comuns compreendem e dão sentido ao mundo social em que vivem. Essas representações sociais desempenham um papel importante na vida cotidiana, na tomada de decisões e na interação social, sendo uma abordagem que enfatiza a importância do conhecimento do senso comum compartilhado socialmente na compreensão da sociedade e da realidade social, e como esse conhecimento influencia o pensamento e o comportamento das pessoas em grupos sociais. No entanto, nem todo conhecimento do senso comum pode ser considerado como representações sociais (SANTOS, 2005).

Para isso, "os objetos devem ser polimórficos, ou seja, capazes de serem e de assumirem formas diferentes e, ao mesmo tempo, é culturalmente relevante para o grupo" (SANTOS, 2005, p 22), pelo que este participa em algumas das práticas do grupo social em causa, pelo que é necessário articular e partilhar o seu sentido (SÁ, 1998).

Além de "tornar o familiar não familiar" (MOSCOVICI, 2009, p. 54), as representações sociais são construídas e partilhadas para comunicar e orientar a ação (SANTOS, 2005).

Um processo interdependente é articulado, objetivado e ancorado (MOSCOVICI, 2012). É a incorporação de elementos do objeto em sistemas de pensamento, categoria e significado existentes, familiares e facilmente

acessíveis (SANTOS, 2005). As mais destacadas são: a) as funções de conhecimento - as representações sociais tornam as coisas familiares, permitindo compreender, interpretar e dar sentido à realidade; b) as funções de orientação - servem como guias para a ação, orientando a prática e o comportamento; como parâmetros para justificarem comportamentos e práticas; d) funções identitárias - ajudam a identificar e diferenciar grupos, pois ao compartilhar certas representações sociais sobre determinados objetos, os indivíduos sentem-se pertencentes a determinados grupos e não a outros grupos (ALMEIDA, 2005), (SANTOS, 2005) e (SÁ, 1998).

A TRS é entendida como uma "grande teoria", devido a sua característica multidisciplinar (DOISE, 1990; SÁ, 1998), a representação social desempenha um papel fundamental na forma como as pessoas interpretam e concebem aspectos da realidade social, permitindo-lhes agir em relação a esses aspectos. A ideia de que a representação toma o lugar do objeto social e se torna uma realidade para os atores sociais é um dos princípios centrais da teoria das representações sociais, "dota explicitamente a compreensão do simbólico a abordagem histórica e cultural do significado" (ALMEIDA, 2005, p. 127); De forma básica funciona como uma espécie de filtro cognitivo que influencia a forma como as pessoas veem e entendem a realidade social ao seu redor.

Essas representações podem não apenas refletir a realidade, mas também contribuir para a sua construção. À medida que as pessoas compartilham e internalizam essas representações, elas influenciam suas atitudes, crenças e comportamentos em relação ao objeto social em questão. Isso pode ter implicações significativas para a forma como a sociedade funciona, uma vez que as representações sociais podem moldar a forma como as pessoas agem e interagem em grupos sociais, culturas e sociedades mais amplas.

Portanto, a ideia de que as representações sociais se transformam em realidade para os atores sociais destaca a importância da compreensão das representações sociais na análise do comportamento humano e na interpretação da dinâmica social.

Existem dois processos sociocognitivos que atuam dialeticamente na formação das representações sociais, a ancoragem e a objetivação. Esses processos

desempenham um papel central na maneira como as representações sociais são construídas e compartilhadas, o primeiro refere-se ao processo pelo qual as pessoas ancoram ou ancoram suas representações sociais em conceitos ou ideias já existentes. Isso significa que as representações sociais são construídas com base em conceitos pré-existentes que fazem parte do sistema cognitivo dos indivíduos. As âncoras podem ser palavras, conceitos, estereótipos, valores ou qualquer outra forma de conhecimento já presente na mente das pessoas. A ancoragem ajuda a tornar as representações sociais mais compreensíveis e familiares, pois estão ligadas a conceitos que as pessoas já conhecem, já o segundo é o processo pelo qual as representações sociais são moldadas em uma forma que parece objetiva e factual, mesmo que sejam construções sociais. Isso significa que as representações sociais são muitas vezes apresentadas como se fossem uma descrição neutra e objetiva da realidade, quando na verdade refletem visões, valores e crenças de um grupo social específico. A objetivação ajuda a legitimar as representações sociais, tornando-as mais aceitáveis e influentes na sociedade. Ambos, ancoragem e objetivação, interagem dialeticamente.

3.2 Teoria da Identidade Social - A Social Identity Theory (SIT)

A *Social Identity Theory* (SIT) começou a ser desenvolvida no Reino Unido pela chamada *Bristol School*, especialmente em colaboração com os pesquisadores Henri Tajfel e John Turner (que posteriormente desenvolveram a *Self-Classification Theory*), com o objetivo de estudar as relações e identidades entre grupos, além do alcance dos indivíduos (CABECINHAS, 2002). A SIT envolve três conceitos principais: classificação social, comparação social e identidade social. A categorização social refere-se aos processos cognitivos necessários para que os indivíduos organizem as informações e definam seu lugar na sociedade (TAJFEL, 1974 e 1983).

Traduzida como Teoria da Identidade Social em português, é uma teoria na psicologia social fundamental para entender como as pessoas percebem a si mesmas em relação a grupos sociais e como isso afeta sua autoestima e

comportamento, é frequentemente usada para explicar- analisar fenômenos sociais, como preconceito, discriminação, formação de grupos, identificação grupal e conflito intergrupal. Ela oferece insights importantes sobre como as identidades sociais afetam o comportamento humano e a dinâmica social. A teoria também tem aplicações em áreas como psicologia social, psicologia organizacional e estudos interculturais.

Através deste processo, "(...) objetos ou eventos sociais são agrupados de forma que sejam equivalentes em termos de comportamentos individuais, intenções e sistemas de crenças" (TAJAFEL, 1983 p. 290). Assim, "o indivíduo define-se a si e aos outros de acordo com a sua posição no sistema de categorias sociais" (CABECINHAS : LÁZARO, 1997 p. 2). O segundo processo, o processo de comparação social, significa entre o seu próprio grupo (originalmente chamado *in-group* na tradução portuguesa de Tajfel) e grupos relacionais/comparativos (chamados *out-group*). Ao compararem-se entre grupos, os indivíduos tendem a atribuir traços positivos ao seu grupo e traços negativos aos outros grupos para manter sua autoimagem positiva (HOGG; ABRAMS, 1999), (TAJFEL, 1982a, 1983). No processo de classificação e comparação social, há uma tendência à generalização e supersimplificação de certas categorias, que constituem estereótipos sociais (TAJFEL, 1982a, 1982b, 1982c).

Esses estereótipos sociais, também, ajudam as percepções dos indivíduos de seu ambiente a organizarem e a protegerem seus valores por meio de três funções (TAJFEL, 1982a): desempenhando um papel importante nas percepções dos indivíduos sobre seu ambiente social.

Os estereótipos sociais ajudam a categorizar e organizar as pessoas em grupos sociais com base em características compartilhadas. Isso simplifica o processo de perceber e entender o mundo social, permitindo que as pessoas classifiquem os outros de maneira eficiente. A categorização social é uma parte fundamental da cognição social e é uma maneira pela qual as pessoas processam informações sobre os outros. Podem ajudar as pessoas a se identificarem com seu próprio grupo social. Ao abraçar estereótipos compartilhados, as pessoas podem reforçar sua identificação com um grupo específico. Isso pode fornecer uma sensação de pertencimento e reforçar a autoestima social, tornando-se uma parte central da autoimagem de um

indivíduo e também podem ser usados para validar e proteger os valores e normas de um grupo social. Eles servem como uma maneira de justificar a posição de um grupo em relação a outros grupos. Os estereótipos podem reforçar a visão de que o próprio grupo é superior ou moralmente correto, enquanto outros grupos são vistos de maneira negativa. Isso pode ser uma maneira de manter a coesão do grupo e proteger sua identidade e valores.

Essas funções dos estereótipos sociais, categorização social, identificação social e validação social, são parte integrante da dinâmica social e da forma como as pessoas percebem a si mesmas e aos outros em um mundo social complexo. No entanto, é importante notar que estereótipos também podem levar a preconceitos e discriminação quando usados de maneira taxativa ou prejudicial em relação a grupos diferentes. Portanto, o estudo dos estereótipos sociais é um campo importante na psicologia social, pois ajuda a entender como os preconceitos e a discriminação podem surgir a partir desses processos cognitivos e sociais.

Essas comparações entre diferentes grupos, relacionadas a processos de classificação social e uso de estereótipos, levam os indivíduos a enfatizarem as diferenças entre seus grupos e aqueles percebidos como mais semelhantes aos seus grupos porque, como diz Tajfel, “nós somos o que somos, porque eles não são o que nós somos” (TAJFEL, 1983, p. 288), grifo nosso. De acordo com a estrutura da SIT, o pertencimento a um grupo refere-se a um "pertencimento" psicológico que ocorre quando um indivíduo se identifica com e incorpora a identidade desse grupo em sua própria autoimagem. Isso significa que o indivíduo não apenas reconhece a associação ao grupo em termos de pertencimento físico, mas também internaliza a identificação com o grupo em sua mente.

Esse "pertencimento" psicológico envolve a aceitação e a valorização da identidade do grupo, bem como a adoção dos valores, normas e crenças do grupo como parte integrante de sua própria identidade. Isso resulta em uma conexão emocional e psicológica com o grupo, levando o indivíduo a se perceber como um membro legítimo desse grupo social. Quando ocorre o pertencimento psicológico a um grupo, a identificação com o grupo se torna uma parte significativa da autoimagem e da autoestima do indivíduo. Isso

influencia a forma como o indivíduo percebe a si mesmo em relação ao grupo e como ele interage com outros membros do grupo e com grupos externos.

A Teoria da Identidade Social destaca a importância desse pertencimento psicológico para entender como a identificação grupal afeta o comportamento e as interações sociais das pessoas. Ela ajuda a explicar por que as pessoas se envolvem em comportamentos que promovem a coesão do grupo e a autoestima social, bem como como isso pode levar a conflitos intergrupais quando a identificação com um grupo se torna rígida e divisiva.

Dada à diversidade de categorias e grupos sociais a que uma pessoa pode pertencer, também podendo ter múltiplas identidades, então, a importância dessas propriedades pode variar de acordo com seu ambiente e grupos de comparação.

Uma estratégia possível, especialmente empregada em grupos de status social mais baixo é a mudança social. São ações coletivas pelas quais os grupos tentam alterar suas condições desfavorecidas. Baseia-se na crença de que a estratificação social existente é vasta e ilegítima, e é possível como grupo tentar mudar tal situação (TAJFEL, 1974).

Finalmente, outra estratégia possível é a mobilidade social, uma estratégia individual segundo a qual os indivíduos podem tentar mudar de grupo com base no abandono psicológico ou objetivo (TAJFEL, 1974). A crença de que as divisões entre os grupos são permeáveis e flexíveis, e que ocorrem seja pelo trabalho, sorte ou outros motivos, permite a qualquer sujeito tentar mudar para outro grupo de status mais elevado.

3.3 A Relação entre representação social e a construção da identidade

Alguns estudos (BONOMO, 2010), (BREAKWELL, 1993); (CABECINHAS, 2004), (DESCHAMPS & MOLINER, 2009), (HOARTH, 2002), (JOFFE, 1995), (MMORENO; MOONS, 2002), (SOUZA, 2004), (VALA, 1993/1997) e (VALA; CASTRO, 2013) enfatizam a importância do uso explícito das representações sociais no contexto de construção identitária e grupal, pois “as representações são e mediam as relações sociais entre esses mesmos indivíduos” (DESCHAMPS;MOLINER, 2009, p. 131).

As representações sociais realistas desempenham um papel importante na formação da identidade dos sujeitos e podem orientar a identidade/diferenciação social. Por outro lado, a identidade social também afeta a identificação, exposição e uso das representações sociais, pois esse objeto distinto pode ser re-representado por grupos de acordo com seu contexto social e relações intergrupais (BREAKWELL, 1993) e (DESHAMPS; MOLINER, 2009).

A articulação entre essas duas perspectivas teóricas (TRS e SIT) ganha maior força quando apresentada a partir de uma abordagem da dinâmica social, ao considerar que a representação social não implica uma distinção baseada nas diferentes inserções dos indivíduos na sociedade e em suas experiências. Portanto, para compreender o comportamento social e as relações grupais, é preciso também compreender o contexto mais amplo de inserção individual (ALMEIDA, 2009), o que pode ser alcançado em estudos que combinam SIT com TRS.

Conforme discutido por (VALA, 1993, p. 911-912), ao perceber esse vínculo entre relações intergrupais, identidade social e representação social, também é importante considerar uma análise do processo de ancoragem da representação social: "[...] o conceito da identidade social teórica fornece uma base para compreender a formação simbólica dos grupos sociais e compreender a ancoragem social das representações sociais [...]".

Essa formulação entre representações sociais (RS) e relações intergrupais considera dois níveis de análise do processo de ancoragem: uma âncora que sustenta a construção de categorias identitárias, divisões sociais e status social. Nesse sentido, a RS está a montante da relação entre identidades sociais e grupos.

No segundo nível de análise do processo de ancoragem, nos colocamos neste estudo referindo-nos às âncoras necessárias à construção do processo de RS, incluindo a identidade social (VALA, 1997, pág. 9). Nesse sentido, Vala (1997) aponta que uma análise da articulação entre TIS e SRT pode levar a um enfoque sobre o papel da identidade social na construção de redes de comunicação que aprendem representações sociais. e transformar; O possível impacto das representações sociais das estruturas sociais na construção das categorias identitárias;O papel que o reconhecimento do contexto pode

desempenhar na atualização das representações sociais sobre os mesmos objetos.

A formação identitária está intrinsecamente ligada ao meio social e cultural em que o indivíduo está inserido. Para (OLIVEIRA,1976, p.10), a identidade se constitui no interior de uma estrutura social, sendo de natureza ideológica, ocupando o centro de sistemas ideológicos, funcionando como uma bússola a orientar os indivíduos e os grupos em mapas cognitivos coletivamente construídos.

Poutignat e Fenart (1998), descrevem a etnicidade como uma forma de organização social que se baseia na atribuição de categorias que classificam as pessoas de acordo com sua origem suposta. Essa classificação é validada na interação social por meio da ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.

A compreensão da etnicidade e das fronteiras étnicas requer uma análise multidimensional que leve em consideração aspectos culturais, sociais, políticos e históricos, Poutignat e Fenart (1998). As fronteiras étnicas são dinâmicas e influenciam a forma como as pessoas se identificam e interagem em sociedades diversas, e a compreensão dessas dinâmicas é essencial para lidar com questões de diversidade étnica, conflitos e coexistência pacífica.

4 AS DIMENSÕES DO CONCEITO DE RAÇA, RACISMO E ETNIA

4.1 Pensando o conceito de raça e racismo

O que é racismo, então, e como a raça é conceituada hoje, depois que a ciência moderna questionou a ideia de biologia racial? O conceito de “raça” utilizado neste trabalho é o de “raça social”, tal como teorizado por Guimarães (1999), ou seja, não é um dado biológico, mas “uma construção social, uma forma de identidade baseada em falsas noções biológicas”, mas eficaz para a sociedade construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” (GUIMARÃES, 1999, p. 153). Para o autor, se a existência humana não encontra evidências nas ciências biológicas, então elas “existem inteiramente no mundo social, é o produto da forma como o comportamento humano é classificado e identificado. (GUIMARÃES, 1999, p.153)

Nesse sentido, é importante identificar que as categorias raciais que operam no imaginário das multidões e produzem discursos racistas, ainda são ideias de raça produzidas pela ciência moderna nos séculos XIX e XX. A diversidade humana em grupos fisicamente contrastantes com traços fenotípicos comuns, considerados responsáveis por determinar as características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas dos indivíduos desses grupos, localizados em escalas de valores desiguais (MUNANGA, 2004). Formato do crânio, nariz, lábios e queixo, a cor da pele também foram aspectos observados e elencados como características que distinguiam uma raça da outra. No entanto, à medida que a pesquisa científica e genética progrediu, concluiu-se que todos os humanos compartilham uma composição genética semelhante. Desta forma, com base nos estudos e conclusões de geneticistas, Munanga (2004) assegurou que não há possibilidade de existência de raças diferentes entre o Homo sapiens, ou seja, a ausência de suporte biológico significativo para a diferença de distinções raciais, mas afirma:

Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletiva de diversas populações contemporâneas, existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas

raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA, 2004, p.18).

A cor da pele tornou-se muito importante quando se analisam os conflitos e as desigualdades em nossa sociedade, onde a discriminação por cor e aparência é evidente (preconceito de marca). Nesse sentido, podemos dizer que os não brancos vivenciam diariamente a discriminação em diversas situações, como na educação, oportunidades de carreira e emprego (HASELBANG, 1979), distribuição de renda, moradia e experiência subjetiva (CARONE, 2002). Estudos nacionais e internacionais recentes apontam que o racismo e a discriminação racial são as explicações mais confiáveis da desigualdade racial no Brasil, a multirracialidade no Brasil fornece mediadores muito diferentes para a composição dos sujeitos, envolvendo aspectos subjetivos e objetivos entre brancos e negros.

A raça como categoria social é uma parte importante da estrutura social, pois enquanto o conceito de raça biológica não ecoa mais no discurso científico, raça é uma categoria que distingue, hierarquiza e suprime grupos distintos com marcadores fenotípicos. Em outras palavras, enquanto não há raça biológica, brancos e negros são racializados em um relacionamento todos os dias.

Dessa forma, podemos dizer que negros e brancos enquadram a si mesmos e suas experiências em um mundo racializado uns contra os outros. No entanto, essa relação não é simétrica, pois o racismo deu aos brancos a ideia de representar uma humanidade desracializada com os valores de neutralidade e transparência. Como resultado, os brancos aparecem no imaginário e, portanto, nas experiências concretas dos indivíduos em nossa sociedade, como temas que cor e raça não fazem parte de sua personalidade.

O negro, por outro lado, é percebido e representado como o veículo da raça, ou seja, ele é um "outro" racializado representando todo um coletivo de sujeitos racializados em que "raça" e "cor" fazem parte de suas experiências cotidianas. Nesse sentido, os processos relacionais levam a desigualdades em bens materiais e simbólicos para a população negra, em contraste com o privilégio e a privação da população branca (CARONE, 2002). Com essas desigualdades percebidas, a sociedade brasileira, e mais especificamente o

Estado brasileiro, finalmente, passou a responder timidamente às demandas e reivindicações da luta política do movimento negro.

Por exemplo, podemos dizer que algumas Universidades têm cotas para negros, alguns estados institucionalizaram o Dia da Consciência Negra, o governo federal devido a luta organizada dos Movimentos Negros Brasileiros, convertido na Lei nº 10.678/2003, criou a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), com o propósito de enfrentar os problemas étnico-raciais e instituiu em 2003 a Lei Federal 10.639 (BRASIL, 2003), que torna o ensino de história africana e cultura afro-brasileira ensino fundamental e ensino médio obrigatório e posteriormente a Lei Federal 11.645/2008 objetivando a educação para as relações étnico-raciais . Assim, uma das questões que emergem do debate que começa a tomar forma hoje em torno da adoção de políticas públicas antidiscriminatórias, diz respeito à identidade racial e ao sistema de classificações raciais praticado no Brasil.

Porque é a classificação racial que define como as pessoas se tratam, ou seja, a desigualdade e a discriminação racial dependem, em última instância, das classificações raciais feitas por terceiros. No centro das discussões contemporâneas sobre negros e políticas públicas. Assim, categorias sociológicas e antropológicas como raça, etnia, cor e classe se cruzam para permitir que se compreenda o que significa ser negro e, portanto, quem é branco. Atualmente, o “ser negro” possui múltiplas conceituações e formas de identificação com os próprios sujeitos negros, que podem afirmar identidades negras por meio de um viés de valorização afro-americano, buscando conexões sobre a ancestralidade, e a produção cultural da etnicidade em relação à ideia de diáspora africana, e politicamente através da luta contra o racismo (que deve ser expressa por meio da categoria sociológica raça), e outros diferentes significados decorrentes de cada tema.

É nesse sentido que o uso da categoria raça se tornou polêmico nas discussões acadêmicas e nos movimentos sociais. A nosso ver, o uso de categorias raciais é necessário, tanto para a implementação de políticas públicas, quanto para o reconhecimento positivo da população negra brasileira, pois se essa população é discriminada com base em categorias raciais - e, portanto, racistas - essas mesmas categorias são os únicos que podem unificá-los. Assim, ações afirmativas como cotas atingem um duplo objetivo

estratégico. Em primeiro plano, existe a função de compensar e corrigir o acesso desigual aos bens públicos e, em segundo plano, favorecem o processo de constituição da identidade racial ou etnicidades negra, fortalecendo a mobilização e construção das vítimas do racismo no Brasil como sujeitos políticos.

Dessa forma, o uso da categoria "raça" no combate ao racismo significa que se os negros brasileiros são discriminados por suas características físicas e cor da pele, as representações políticas em torno dos negros devem ser consideradas em termos das mesmas características, que agora se tornam objetos preconceituosos, ativamente ressignificados, também são fontes de compensação social.

Em seu livro *The Politics of Recognition*, (TAYLOR, 1992) faz das necessidades e demandas das políticas que reconhecem as minorias um argumento central. A premissa deste artigo é que toda identidade é construída e constituída de forma dialógica, ou seja, se a sociedade de um sujeito cria um estereótipo de seu grupo, não há como o sujeito se conhecer ativamente, preconceito e discriminação que limita a probabilidade desses sujeitos se tornarem humanos.

A representação negativa ou não das minorias ou no caso da pessoa negra (maiorias minorizadas) na sociedade tem um efeito perverso sobre a subjetividade das próprias vítimas: a própria autodepreciação torna-se uma das ferramentas mais poderosas de opressão contrassujeitos pertencentes a grupos cuja imagem se deteriorou. Assim, um reconhecimento incorreto ou não de uma identidade marca a vítima de forma brutal, subjugando-a por um sentimento de incompetência, ódio e desprezo por si mesmo, de modo que a política de reconhecimento não se resume apenas ao respeito a esses grupos, mas também uma importante necessidade de composição pessoal. Então, se não é a raça em si, que categorias os sujeitos negros estão usando para se unir em torno de uma redefinição positiva? Em contraste com os movimentos sociais e escritos acadêmicos articulados em torno de categorias raciais na luta contra o racismo, pesquisas dos antropólogos Fry (2005), Maggie (1996), Sansoni (2003) e Kamel (2006), defendem que a democracia racial não é apenas um mito, para eles é a ideologia da democracia racial que produz uma realidade racista e assim não segrega a população.

Faz-se urgente compreender o racismo enquanto fenômeno social, como bem traduz o professor Munanga (2004). Segundo ele, não há diferença biológica que caracterize diferença e a traduza em raças, porém o impacto social causado pelo apagamento cultural e violência imposta por séculos aos corpos negros criaram e seguem dando manutenção a uma estrutura social racista. As políticas afirmativas são necessárias para garantir que as pessoas pretas ocupem esses lugares anteriormente negados e para além da garantia de espaço e ascensão para que seus problemas sejam estudados e legitimados para além da história oral ou da necessidade de interlocutores.

Nessa perspectiva, é preciso concordar com o que Guimarães (1995) afirma em seu texto “Democracia Racial”: O que está em jogo, porém, é a distância entre o discurso e a prática das relações raciais no Brasil, como fizeram Florestan e Bastide nos anos 1950. Claro que, para as ciências sociais, os mitos não podem ser pensados à maneira maniqueísta, traduzindo-o diretamente na política, apesar da categorização do Brasil, da desigualdade entre brancos e negros no país.

Não só isso, as diferenças raciais são impostas na consciência pessoal e social contra o conhecimento científico que nega a raça (são como se agarrando a bruxas terríveis, ou como o sol, ignorante de Copérnico, que continua a nascer e se pôr?). Importante destacar as armadilhas contidas nas lutas políticas que se justificam pelas diferenças, principalmente pelo conceito de raça, como as cotas para negros nas universidades públicas.

O processo de oposição à desigualdade e discriminação racial, bem como a defesa da igualdade de oportunidades e o respeito às diferenças, não é um movimento simples, pois os mesmos argumentos são desenvolvidos para defender relações mais justas, dependendo do contexto e do jogo político inserido, podendo redefinir para legitimar o processo de submissão e exclusão. Nesses casos, podemos nos referir a esse fenômeno como o “efeito contra-ataque”, que se traduz no ditado usado no discurso anticotas, a saber, “cota é racista”.

Tampouco, podemos ser ingênuos quando escolhemos a opção política da diferença e, portanto, da polarização entre negros e brancos. Scott (1988) defende a desconstrução da oposição binária igualdade/diferença como o único caminho possível, chamando a atenção para o trabalho em curso da

diferença na diferença. Por exemplo, a categoria binária branco/negro obscurece o que descrevemos como diferenças de comportamento, caráter, desejo, subjetividade, identidade racial e experiência histórica entre brancos no grupo branco e negros no grupo negro.

Está aqui a importância do racismo para a compreensão do negro brasileiro na atualidade, ou seja, devido à polarização do preto e do branco. Apesar de ser alheio à unidade negra em relação à religião, cultura e tradição, e embora completamente ausente da prática identitária em relação à vivência das inúmeras possibilidades da negritude, o racismo e suas vivências são uma série de experiências sociais historicamente negras.

A própria história nos mostra que o racismo é um fenômeno que, além de unificar passivamente os negros, os apresenta e os caracteriza como um coletivo homogêneo, distante de uma realidade cósmica que reflete as inúmeras diferenças entre os indivíduos negros. No entanto, enquanto essas pessoas se comunicam fora desse universo, ainda que muito precário, o vasto abismo que separa a comunidade quilombola de Minas Gerais dos negros paulistas ou baianos, o olhar externo, principalmente o olhar racial teísta os une.

A identidade coletiva sempre define a fronteira entre quem somos e quem são os outros e, portanto, existe apenas em relação ao outro. Dessa forma, a identidade é considerada posicional, relacional e fluida. Para Melucci (2001), a identidade coletiva é algo que se interage e se compartilha em um processo que é sempre estabelecido e negociado na relação entre um sujeito coletivo. Mais do que naturalizar a identidade, os autores apontam para a necessidade de negociação constante entre os coletivos. Portanto, é necessário analisar a identidade como uma síntese de múltiplas identidades, e não como um conjunto de características fixas e permanentes. Santos (1995) define identidade como ficcional e necessária em um sentido geral para analisar colaborativamente a identidade negra de forma relevante. Eles são fictícios porque nenhum homem negro é igual, e o homem negro não é uma entidade fixa e sólida.

No entanto, como grupo ou defesa coletiva, a identidade é necessária. A identidade, então, assume as características de um escudo, e Antes de outra autodefesa (SAWAIA, 1999), é também uma categoria política.

Assim, como todas as identidades são relacionadas e contingentes, brancos e negros existem apenas em relação uns aos outros, e suas diferenças variam de contexto para contexto. Portanto, eles precisam ser definidos em termos de sistemas políticos, históricos e socioculturais específicos.

Os próprios indivíduos e grupos sociais não carregam uma essência negra ou branca, mas essas categorias são sempre representadas e rerepresentadas em relação ao contexto sócio-histórico e cultural em que esses indivíduos e grupos sociais residem. Ser negro não é uma condição metafísica, nem está diretamente relacionado aos afrodescendentes como nos Estados Unidos; ou seja, ser negro é uma condição objetiva no Brasil, neste caso, desde o estado inicial, por Cor e passado definições, os negros são constantemente mencionados por outros, e é através do racismo que a cor da pele negra se tornou o que hoje chamamos de raça negra.

É preciso dizer que a construção do negro, das formas de (re)existir, da produção cultural e científica, das culturas são impostas socialmente como construção unilateral, uma vez que a educação não corrobora oportunizando vivência multiculturais, digo que a ausência da informação, torna-se em questões educativas e sociais a própria educação. No entanto, como toda escolha, no sentido que lhe dá Sartre (1984), o sujeito, a partir de certas condições objetivas diante de si, está adequadamente dentro de um leque de escolhas, agindo de acordo com seu contexto. Essa escolha é o resultado induzido de uma série de dialéticas complexas em que os negros são chamados a si mesmos, a partir de estados primitivos associados à cor da pele negra, características físicas, status social e passado de ancestralidade africana.

Isso funciona no mundo, confirmando e produzindo o significado bizarro do preto. Assim como negros e brancos enquadram a si mesmos e suas experiências em um mundo racista e racializado, tendo como parâmetros as relações hierárquicas e assimétricas, assim como o racismo capacita um desses grupos a construir o que é considerado normal, belo, estético, o perverso, o racional, o sensual e os negros são sempre rotulados como "outros" e se é por meio dessa categoria que esses sujeitos racializados são vítimas de discriminação e preconceito, como podem escapar de sua raça?

Dessa forma, podemos concluir a partir do estudo das relações raciais e do racismo no Brasil que, além da existência do racismo no cotidiano negro, ele é renovado, perpetuado e legitimado por ideias de raça e etnia. A luta contra o racismo deve, portanto, ser articulada por meio dessa categoria política.

4.2 A relação entre cultura e racismo

Deve-se chamar a atenção para o valor normativo de certas culturas, que é imposto unilateralmente. Um dos paradoxos que encontramos mais rapidamente é o efeito rebote das definições egocêntricas e socio cênicas. Primeiro é estabelecida a existência de grupos de pessoas sem cultura, depois a existência de culturas hierárquicas e, finalmente, o conceito de relatividade cultural. Da negação global ao reconhecimento individual e específico. É esta história fragmentada e sangrenta que precisamos delinear ao nível da antropologia cultural. Pode-se dizer que existem certas formações institucionais vividas por certas pessoas em certas áreas geográficas, que em um certo momento passaram pelo ataque direto e brutal de diferentes sistemas culturais.

O nível geralmente alto de desenvolvimento tecnológico de um grupo social que aparece desta forma permite estabelecer uma supremacia organizada. A tentativa de desmantelar a cultura é vista como o lado negativo de uma tentativa mais gigantesca de escravidão econômica e até mesmo biológica. A doutrina da hierarquia cultural nada mais é, portanto, do que um método sistematizado de hierarquização que é praticado incansavelmente. A teoria moderna da falta de integração cortical dos povos coloniais é seu componente anátomo-fisiológico. O surgimento do racismo não é fundamentalmente o fator determinante.

O racismo não é uma entidade, mas o mais visível, o mais mundano, em uma palavra, em certos momentos, o elemento mais grosseiro de uma dada estrutura. Estudar a relação entre racismo e cultura é perguntar como eles interagem. Se a cultura é um conjunto de comportamentos motores e mentais que emergem do encontro entre seres humanos e a natureza e seus semelhantes, devemos dizer que o racismo é, sem dúvida, um elemento cultural. Assim, existem culturas em que o racismo existe e culturas em que o

racismo não existe. No entanto, este elemento cultural não está bem estabelecido.

O racismo não poderia se tornar esclerótico. Ela teve que se renovar, para ser mais matizada, para mudar sua fisiologia. Ela teve que sofrer o destino da entidade cultural pela qual foi informada. Como as Sagradas Escrituras haviam se mostrado inadequadas, vulgares, primitivas e simplistas, o racismo alegou encontrar a base material de sua doutrina na biologia. Seria trabalhoso lembrar os esforços feitos naquele momento: a forma comparativa do crânio, o número e a estrutura dos sulcos corticais, as características das camadas celulares do córtex, as dimensões das vértebras, o aspecto microscópico da epiderme, etc.

O primitivismo intelectual e emocional manifestou-se como uma consequência banal, um reconhecimento da existência. Tais reivindicações, rudes e maciças, dão lugar a uma argumentação mais sutil. Ocasionalmente, no entanto, há alguma recuperação. Assim, "a instabilidade emocional do negro", "a integração subcortical do árabe" e "a culpa quase universal do judeu" são todos dados que podem ser encontrados em alguns escritores contemporâneos. Por exemplo, uma monografia patrocinada pela OMS, de J. Carothers², apresenta "argumentos científicos" para a lobotomia fisiológica dos negros africanos.

No entanto, estas extensões tendem a desaparecer. Este racismo, que finge ser racional, individual, determinado, genotípico e fenotípico, torna-se racismo cultural. O racismo não visa mais uma pessoa em particular, mas uma forma particular de ser. Os "valores ocidentais" estão unicamente ligados ao já famoso apelo à luta entre a "cruz e a lua crescente". Sem dúvida, a equação morfológica não desapareceu completamente, mas os acontecimentos dos últimos trinta anos abalaram as convicções mais firmes, abalaram o tabuleiro de xadrez e rearranjaram muitas relações.

A memória do nazismo, a miséria comum de diferentes povos, a escravidão comum de grupos sociais importantes, o surgimento de "colônias europeias", ou seja, o estabelecimento de administrações coloniais no centro da Europa, o despertar da consciência dos trabalhadores dos países coloniais

² In: Racismo e cultura <https://www.novacultura.info/post/2022/07/29/fanon-racismo-e-cultura>

e racistas, o desenvolvimento da tecnologia - tudo isso mudou fundamentalmente a face do problema. Devemos buscar as consequências culturais deste racismo. Como vimos, o racismo é apenas uma parte de um todo maior: a opressão sistemática de um povo. Como as pessoas se comportam quando são oprimidas? Aqui estão as constantes.

Os valores culturais e os modos de vida são destruídos. A linguagem, o vestuário e a tecnologia são subvalorizados. Como podemos lidar com esta situação contínua? Os psicólogos, que tendem a explicar tudo pelos movimentos da alma, tentam encontrar este comportamento nos contatos entre as pessoas, as críticas que são dirigidas a chapéu original, forma de falar e de andar. Tais tentativas ignoram deliberadamente a natureza inigualável da situação colonial. Na realidade, as nações coloniais não estão preocupadas com um choque de culturas. A guerra é um negócio comercial gigantesco, e isto deve ser levado em conta em todos os aspectos.

A primeira necessidade é a escravidão dos povos indígenas, no sentido mais estrito da palavra. Para isso, seu sistema de referência deve ser destruído. Expropriações, extermínios, assassinatos objetivos levam ao saque de sistemas culturais, ou pelo menos condicionam este saque. O panorama social é perturbado, os valores são escarnecidos, esmagados e apagados. Linhas elétricas em colapso não mais impõem ordem. Eles foram confrontados com um novo conjunto, imposto, não proposto, mas confirmado, com o peso total de suas armas e sabres.

O estabelecimento de uma potência colonial, entretanto, não significou a morte da cultura indígena. Pelo contrário, o registro histórico nos diz que o objetivo perseguido era um processo de dor contínua e não o desaparecimento completo da cultura existente. Esta cultura, uma vez vibrante e aberta ao futuro, está se fechando sobre si mesma, presa em uma posição colonial, estrangulada sob o jugo da opressão. Ela está presente e ao mesmo tempo mumificada e está abandonando seus membros. Na verdade, ela as define sem apelo.

A mumificação cultural leva à mumificação do pensamento individual. A apatia comumente observada entre os povos coloniais é apenas a consequência lógica desta operação. "Os povos indígenas" são constantemente acusados de inação, que é o auge da má fé no seu pior. Como

se fosse possível para um ser humano evoluir de qualquer outra forma que não no âmbito de uma cultura que o reconhece e que ele opta por adotar. É assim que instituições arcaicas e sem vida são criadas, sob o controle de um opressor, caricaturalmente modeladas em instituições que antes eram frutíferas? Estes órgãos refletem obviamente o respeito pela tradição, as especificidades culturais e a personalidade dos escravizados.

Esse pseudo-respeito é, de fato, identificado com o mais consistente desprezo, o mais sofisticado sadismo. A cultura é caracterizada por sua abertura, espontaneidade, generosidade e fertilidade. A imposição de "guardas de segurança" responsáveis por realizar certos gestos é uma mistificação que não engana ninguém. É assim que os povos indígenas reconhecem os *djemaas cabilas* nomeados pelas autoridades francesas. A eles se une outra *djemaa* eleita democraticamente. E, é claro, o último geralmente dita seu comportamento ao primeiro. Portanto, a constante preocupação com o "respeito à cultura indígena" não significa que os valores transmitidos pela cultura, tal como encarnados pelos homens, sejam levados em consideração. Ao contrário, esta tentativa revela rapidamente um desejo de objetivar, de reconciliar, de aprisionar, de encerrar. Frases como "eu os conheço", "eles são assim", expressam esta objetivação levada ao extremo. Portanto, conheço os gestos e pensamentos que definem esses homens.

O exotismo é uma das formas desta simplificação. A partir desse ponto, não pode haver confronto cultural. Por outro lado, existe uma cultura que é dinâmica, evoluída e profunda. A cultura está em movimento, em constante renovação. Diante dele você encontra características, curiosidades, coisas, nunca uma estrutura. Na primeira etapa, portanto, o ocupante estabelece o domínio e consolida maciçamente sua supremacia. Um grupo social, subjugado militar e economicamente, é desumanizado por um método multidimensional³

Abuso, tortura, invasões, racismo, liquidação coletiva e repressão racional se alternam em vários níveis, tornando os povos indígenas literalmente um objeto nas mãos do ocupante. Este homem-objeto, sem meios de

³ Métodos multidimensionais envolvem tanto aspectos militares quanto econômicos, podendo ser conceituada em diferentes teóricos, cito a Teoria da Desumanização: com autores como Frantz Fanon e Hannah Arendt escreveram sobre a desumanização, o processo pelo qual um grupo é tratado como menos que humano e na Perspectiva Marxista: com enfoque em questões econômicas e de classe.

existência, sem razão para sua existência, é destruído no fundo de sua existência. A vontade de viver, de continuar a viver, torna-se cada vez mais vaga, cada vez mais fantasmagórica.

Neste ponto, surge o famoso complexo de culpa. Wrigth⁴ o descreve em grandes detalhes em seus primeiros romances. Entretanto, o desenvolvimento de técnicas de produção, a industrialização, ainda que limitada, dos países escravizados e a existência cada vez mais necessária de parceiros, exigem gradualmente uma nova atitude por parte do ocupante. A complexidade dos meios de produção, o desenvolvimento das relações econômicas que, quer queiramos quer não, traz consigo o desenvolvimento das ideologias, desestabiliza o sistema.

O racismo habitual a evolução biológica corresponde a um período de exploração brutal das mãos e pés humanos. A perfeição dos meios de produção disfarça fatalmente as técnicas de exploração humana e, portanto, as formas de racismo. Assim, o racismo não perde sua malignidade como resultado da evolução dos espíritos. Nenhuma evolução interna explica esta obrigação do racismo de se tornar nuançado, de evoluir. Há pessoas em toda parte que estão se libertando da letargia à qual a opressão e o racismo os condenaram. No coração das "nações civilizadoras", os trabalhadores acabarão descobrindo que a exploração do homem, a base do sistema, tem muitas faces. Nesta fase, o racismo não ousa mais se manifestar de forma indisfarçada. É questionado. Em um número crescente de casos, o racista se esconde. Aquele que fingiu "senti-los", "suspeitar", se encontra no centro das atenções, é desprezado, é condenado.

O projeto racista é, então, um projeto que segue uma má consciência. Somente uma determinação apaixonada, como se encontra em algumas psicoses, pode trazer o sono. E não é pouco crédito para o Professor Baruch que ele tenha especificado a semiologia desses delírios apaixonados. O racismo nunca é um elemento adicional descoberto pela pesquisa dos dados culturais de um determinado grupo. A constelação social, o conjunto cultural, é profundamente reformulada pela existência do racismo.

⁴ A Culpa e suas relações com a religiosidade e o sentido da vida. Gylmara de Araújo Pereira, Thiago Antonio Avellar de Aquino. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB)

É comumente dito que o racismo é o flagelo da humanidade. No entanto, não devemos ficar satisfeitos com essa declaração. Devemos buscar incessantemente as consequências do racismo em todos os níveis da vida social. A importância do problema racial na literatura americana contemporânea é considerável. O negro no cinema, suas crenças e produções culturais associadas ao folclore. Para voltar aos Estados Unidos, o racismo é obcecado e dependente da cultura americana. Esta gangrena dialética é exacerbada pela consciência e vontade de lutar contra os milhões de negros e judeus que são os alvos deste racismo. Esta fase apaixonada, irracional e injustificada apresenta um aspecto assustador a ser examinado.

O movimento de grupos, a libertação de homens antes subordinados em algumas partes do mundo, torna o equilíbrio cada vez mais precário. De forma bastante inesperada, um grupo racista denuncia a ocorrência de racismo em homens oprimidos (FREIRE, 1987). O "primitivismo intelectual" do período de exploração dá lugar ao "fanatismo medieval a pré-histórico do período de libertação (MOORE, 2010).

Esta impressão eufórica nas margens da realidade foi apenas uma consequência da evolução das formas de exploração. Os psicólogos falam, então, de um preconceito que ficou inconsciente. A verdade é que a rigidez do sistema torna desnecessária a afirmação diária de superioridade. A necessidade de apelar em diferentes graus para a aquiescência e cooperação da população indígena está mudando as relações num sentido menos brutal, mais sutil e "cultivado". Além disso, não é raro que uma ideologia "democrática e humana" surja nesta fase. O empreendimento comercial de escravizar e destruir a cultura gradualmente dá lugar à mistificação verbal. O interessante deste desenvolvimento é que o racismo torna-se um tema de meditação, às vezes até mesmo uma técnica publicitária. Desta forma, o *blues*, o "lamento dos negros(as) escravizados", é apresentado para a admiração dos opressores. É um pouco de opressão estilizada que apela para o explorador e para o racista. Sem a opressão e o racismo, não haveria *blues*.

Ainda hoje, para muitos homens e mulheres, negros e não negros, a música de Armstrong⁵ tem um significado real apenas a partir desta

⁵ Louis Daniel Armstrong, nascido em Nova Orleans, 4 de agosto de 1901 e falecido em 6 de julho de 1971, é considerado "a personificação do jazz".

perspectiva. O racismo se expande e desfigura a face da cultura que o pratica. Literatura, arte visual, canções de costura, provérbios, costumes, padrões, quer eles procurem abordá-lo ou banalizá-lo, reencenar o racismo.

Da mesma forma, pode-se dizer que um grupo social, país ou civilização não pode ser inconscientemente racista. Repetimos mais uma vez: o racismo não é uma descoberta acidental, “o racismo é uma problemática branca” (KILOMBA, 2019, p. 29). Não é um elemento oculto. Trazê-lo à luz não requer esforço sobre-humano. É precisamente porque o racismo faz parte do todo que ele pode ser visto, a exploração descarada de um grupo de pessoas por outro grupo de pessoas que atingiu um nível superior de desenvolvimento tecnológico. É por isso que a opressão militar e econômica mais frequentemente precede, permite e justifica o racismo. O hábito de considerar o racismo como uma tendência mental, uma carga psicológica, deve ser abandonado.

Mas como a pessoa sujeita-se ao racismo, os escravizados, os explorados, o grupo social irrelevante, se comporta? Quais são seus mecanismos de defesa? Que tipo de atitudes encontramos aqui? Na primeira etapa, vimos como o ocupante justificou o domínio por argumentos científicos, vimos a “raça inferior” negar-se a si mesma como uma raça. Como nenhuma outra solução é permitida, o grupo social racializado tenta imitar o opressor e assim eliminar o racismo de si mesmo. A “raça inferior” nega ser uma raça diferente. Compartilha com a “raça superior” crenças, doutrinas e tudo sobre ela. Os povos indígenas viram seus sistemas de referência destruídos, seus sistemas culturais se desmoronando, e sem outra escolha senão admitir ao ocupante que “Deus não está do seu lado”. Devido à natureza global e aterrorizante da autoridade do opressor, ele impõe novas formas de ver as coisas aos povos indígenas e de uma forma única condena seus modos de existência indígenas de uma forma degradante. Este evento, comumente chamado de alienação, é evidente estilo cultural. Entretanto, que é muito importante. Nos textos oficiais é chamada assimilação. Talvez porque o opressor limita a evolução quantitativa e qualitativa, surjam fenômenos heteroclínicos inesperados. O grupo inferiorizado havia admitido que seu infortúnio se devia diretamente a suas características raciais e culturais.

Culpa e sentimentos de inferioridade são consequências comuns desta dialética. Os oprimidos então tentam escapar deles, por um lado proclamando seu compromisso total e incondicional com os novos modelos culturais, e por outro lado condenando irrevogavelmente seu próprio estilo cultural. Entretanto, a necessidade dos oprimidos de encobrir as formas de exploração em um determinado momento não leva ao desaparecimento das mesmas. Relações econômicas mais sofisticadas e menos rudes exigem uma ocultação diária, mas a este nível a alienação permanece terrível.

Tendo julgado, condenado e rejeitado as formas de sua cultura, sua língua, sua comida, suas práticas sexuais, seus modos de sentar-se, descansar, rir e desfrutar, os oprimidos se lançam com vigor e persistência na cultura que lhes foi imposta. Ao desenvolver seus conhecimentos técnicos em contato com máquinas cada vez mais perfeitas, ao entrar no ciclo dinâmico da produção industrial, ao encontrar pessoa de regiões distantes no contexto da concentração de capital e empregos, ao se familiarizarem com a linha de montagem, a equipe, o tempo de produção ou a produção horária, o oprimido acha escandaloso o constante racismo e desprezo por ele. A este nível, o racismo é transformado em conto popular.

"Há alguns racistas incuráveis, mas reconhecem que a população em geral gosta...". Com o tempo, tudo isso vai desaparecer. Este país é o menos racista.... Há uma comissão na ONU sobre o combate ao racismo. Filmes sobre racismo, poemas sobre racismo, mensagens sobre racismo... Condenações impressionantes e sem sentido do racismo. A realidade é que um país colonial é um país racista. Se ainda existem racistas na Inglaterra, Bélgica ou França, apesar dos princípios democráticos que estes países afirmam, devidamente, então, são estes racistas que estão certos contra o país como um todo.

É impossível subjugar as pessoas sem depreciá-las logicamente, por um lado e por outro. E o racismo nada mais é do que uma explicação emocional, afetiva, às vezes intelectual, dessa internalização. Em uma cultura racista, o racismo é normal. A adequação das relações econômicas e da ideologia é perfeita nele.

Naturalmente, nossa ideia do ser humano nunca depende inteiramente das relações econômicas, ou seja, não esqueçamos, das relações que existem histórica e geograficamente entre pessoas e grupos. Os membros das

sociedades racistas, das quais há um número crescente, estão tomando uma posição. Eles sacrificaram suas vidas para servir a um mundo no qual o racismo seria impossível. Mas esta renúncia, esta abstração, este compromisso solene não estão ao alcance de todos. Não se pode exigir com impunidade que uma pessoa seja contra os preconceitos de "seu próprio grupo".

4.3 Para além da etnicidade

A trajetória da ideologia híbrida e, principalmente, seu esgotamento, como brevemente descrito acima, nos deixou um rico material para reflexão teórica e avaliação política de suas consequências. Inicialmente, deve-se atentar para a dificuldade de decodificação dos processos descritos com as ferramentas analíticas e categorias teóricas da sociologia cultural ou sociologia política.

Embora, menos ambicioso do que os estudos pós-coloniais na elaboração teórica, Canclini (1989) referiu-se à América Latina como um tesouro de culturas mistas desde pelo menos 1990. Ou seja, os processos culturais ocorridos na América Latina desde a invasão dos portugueses ou espanhóis ao continente serão marcados pelo estreitamento das fronteiras entre tradição e inovação, erudição e culturas populares, marcas locais e estrangeiras. No que ele chama de contemporâneos pós-modernos, esse processo será mais proeminente mesmo que a mistura atual não seja mais traduzida em uma grande narrativa da natureza libertadora ou legitimadora da dominação política, como tem sido nos tempos modernos.

Os processos que ocorrem no contexto brasileiro contemporâneo são caracterizados por esforços de distinção e afirmação da identidade cultural, ao invés de integração cultural. Trata-se do esforço político para separar as diferentes partes após a constituição do país, que se estabeleceram como uma cultura étnica mista.

Além disso, atores com intenção e propósito razoavelmente coerentes estão envolvidos no atual processo de racialização. Em cada contexto

particular, portanto, permanece a tarefa dos cientistas sociais identificar os significados lógicos e políticos das ações, distingui-los e traduzi-los no vocabulário que diferencia e define o discurso científico. Além de suas facetas culturais, as transformações delineadas também assumem uma dimensão distintamente política. De fato, à medida que os processos de racialização assumem a forma de reivindicações de políticas públicas sensíveis à diferença, torna-se inevitável tratá-los dentro das lentes da ciência política e da teoria democrática.

É nessa interface que surge o dilema de medidas adequadas e equânimes para lidar com necessidades não mais guiadas pelos ideais do igualitarismo abstrato liberal, mas evidenciadas pelas necessidades culturais específicas de determinados grupos. Igualmente importante nesta lista de questões é considerar quanto o Estado promove e protege formas ameaçadas de vida cultural, ou, inversamente, que a intervenção estatal deve ser direcionada para a preservação das liberdades individuais, em última análise, sujeitas a restrições. Política de identidade radical. Esse tipo de questionamento, como mostrado em trabalhos anteriores como os de Costa e Werle (2000), tomou o lugar dos cientistas sociais brasileiros na década de 1990, e já pode destacar dois conjuntos de posições e argumentos. Por um lado, é uma posição típica de Fábio W. Reis e, por outro, é uma defesa da política identitária, aqui tratada segundo os argumentos de Antonio Sérgio Guimarães. Para Reis, (1997), o autogoverno individual tem precedência sobre o autogoverno coletivo, e o Estado deve ser neutro às diferentes concepções de vida boa que existem na sociedade. O autor argumenta que o Estado não pode promover a identidade cultural, mas deve agir para o estabelecimento de uma democracia racial em que características físicas ou filiação racial não tenham nada a ver com distribuição. Isso não significa que seja impossível priorizar o apoio a grupos que foram sistematicamente prejudicados no ordenamento vigente, mas tal compensação deve ser temporária e ter como objetivo não promover a identidade cultural coletiva, mas sim restabelecer a efetiva igualdade de oportunidades. Em vez disso, Guimarães (1997) vê o princípio da liberdade e da igualdade como a razão das conquistas históricas dos não-brancos.

Na medida em que o tratamento igualitário preconizado pela Constituição se distancia das relações sociais efetivas, a igualdade formal torna-se uma armadilha ideológica jurídica que mina a possibilidade de resistência ao racismo. Assim, os autores defendem que intervenções estatais que promovam a construção e consolidação das identidades negras são necessárias para reforçar o pressuposto dos afrodescendentes por meio de políticas de incentivo para que haja sobreposição entre cor e raça. Dessa forma, grupos de afrodescendentes devem ser estimulados a construir laços de pertencimento que foram rompidos durante a diáspora africana, ou impedidos de se formar diante da eficácia da política assimilacionista.

Nesse contexto, o Estado parece ter a tarefa de promover certas formas culturais que foram vistas como primitivas e ultrapassadas pela história da supremacia branca, incentivando um sentimento de pertencimento cultural nacional. Portanto, não se trata de defender direitos individuais, trata-se de políticas e direitos, dada a ênfase na cultura, é apenas aplica-se a coletivos humanos (KYMICKLA, 1995). No entanto, a intervenção pública não pode assumir o papel que Guimarães (1997) defende. Em seu conceito, um modelo específico de identidade é definido a priori como incentivado pelo Estado, ignorando a lição deixada pela corrente construtivista de que “[...] a identidade de um grupo não é definida por um conjunto de fatos objetivos, é produto empiricamente significativo”. (YOUNG, 1995, p. 161 APUD BENHABIB, 1999).

Traduzida em nossos termos, a visão construtivista impõe a consideração de que a experiência coletiva de grupos excluídos constitui apenas um dos elementos decisivos de sua identidade, sendo necessário, primeiramente, indagar sobre as formas de processamento simbólico desses processos, os elementos comuns que realmente formam uma identidade coletiva? No caso específico dos afro-americanos, a maioria ainda parece acreditar que o princípio da democracia racial visto como um ideal, uma meta a ser alcançada e não um mito e uma possibilidade válida de superação do preconceito racial.

Como alguns estudos de caso mostraram, a maioria dos afrodescendentes, confrontados com o racismo cotidiano, buscam tornar a democracia racial uma realidade baseada em princípios liberais de igualdade. Essa forma de enfrentamento ao racismo deve ser evitada se a política de

identidade, como enfatiza Guimarães (1997), for implementada. Portanto, parece que as políticas sensíveis à diferença não devem idealizar cenários possíveis de construção identitária, mas devem partir do contexto e das formas efetivas pelas quais os diferentes grupos buscam reconhecer suas diferenças.

4.4 Ações afirmativas e sua importância nos processos de construção da identidade cultural brasileira

No final do século XIX, uma das primeiras questões que os cientistas sociais brasileiros tentaram abordar foi a existência e o caráter da brasilidade. O Estado, como operador da identidade nacional, tem a responsabilidade de atuar na construção de uma identidade nacional harmoniosa (FELIPE; TERUYA, 2015, p. 113), que possibilite ao país alcançar o progresso econômico. Segundo Pinto (2020), brasilidade, também conhecida como identidade nacional brasileira, decorre de um processo de construção histórica, como outras nações diferentes. Começou após a independência e depois da década de 1930, foi fortalecido sob a presidência de Getúlio Vargas, então é compreensível que a construção da identidade nacional não seja apenas um processo cultural e sim, também, político.

No contexto dessa mudança social, econômica e política, acredita-se que o programa da nacionalidade brasileira, para viabilizar o progresso do país, só pode ser feito por europeus brancos. (FELIPE; TERUYA, 2015, p.116) Essa ideia é predisposta às organizações nacionais de desenvolvimento. “A identidade nacional não é algo com que nascemos, mas se forma e se transforma em representação” (HALL, 2006, p.48-49). Notadamente, de acordo com Panta e Pallisser (2017), o Estado é um sistema de representação cultural, que é uma identidade simbólica que se assume como um grau de representação.

Ao construir histórias sobre o país, ressalta a busca constante por uma identidade cultural padronizada para se tornar visível. Hall (2006) rompe com esse conceito de cultura nacional padronizada, argumentando que devido à diversidade múltipla de um mesmo povo em termos de raça, etnia e gênero, a identidade nacional não pode ser única e específica. Como os países são

compostos por culturas diferentes, somente a padronização por meio da violência e do conflito forçado pode eliminar as diferenças culturais.

“Cada conquista, os povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas, tradições e tentativas de impor uma hegemonia cultural mais unificada” (HALL, 2006, p. 60). (,) Panta e Pallisser (2017, p.118) entendem que a construção da identidade nacional foi trabalhada pelas elites políticas e intelectuais brasileiras, inseridas em contextos específicos fortemente influenciados pelas teorias raciais europeias e norte-americanas, na tentativa de criar uma hegemonia marcadamente branca está acima de tudo.

Diante disso, os autores demonstram que a identidade nacional é um sistema de poder e que no Brasil, em sua busca por estabelecer uma identidade nacional baseada em padrões étnico-raciais, não resistiu a esse poder imposto. De acordo com Panta e Pallisser (2017), desde o período em que o país deixou de ser colônia, também na primeira metade do século XX, inspiradas nas teorias raciais europeias, as elites políticas e intelectuais do Brasil começaram a definir uma identidade nacional e se agitaram dentro dele. A identidade nacional apareceu diante de uma nova classe de cidadãos, negros anteriormente escravizados. Nesse contexto, os negros são apontados como modelo de lentidão e depravação nacional e o conselho nesta questão é criar uma cultura unificada por meio do branqueamento nacional, equivalência com os padrões da sociedade europeia.

As elites ansiavam pelo branqueamento físico e cultural do povo brasileiro e pela eliminação dos negros por meio de casamentos mistos. Segundo os autores, essas crenças são internalizadas pela população brasileira, resultando em consequências, hoje, especialmente, porque muitos birraciais querem associar identidades brancas que foram historicamente consideradas superiores. “Essa questão terá, então, um impacto negativo na construção de identidades políticas mobilizadas para defender a cidadania plena das populações negras e sua marginalização, até mesmo exclusão, das esferas mais importantes da vida social” (PANTA; PALLISSER, 2017, p. 119).

“A fragmentação da identidade deve, portanto, ser compreendida em um universo de fluxos acelerados de mudança ambiental, encontros sociais e comunicativos e múltiplas exposições à socialização e instituições normativas, que viajam no fluxo da mudança acelerada.” (RIBEIRO, 1992, p. 33). Ainda

segundo os autores Panta e Pallisser (2017), a identidade só pode ser confirmada como uma coleção de várias propriedades enquadradas por uma infinidade de contextos de interação (muitas vezes por instituições). Na sociedade contemporânea, pode ser visto como um multi-movimento, mais ou menos inclinado ao acordo e à austeridade, através de um ambiente de interação e, em alguns casos, regulamentado constitucionalmente por determinados órgãos reguladores.

“A fragmentação é vivenciada, por um lado, como um dado, como a realidade estruturada do sujeito; por outro, como um conjunto de características do próprio sujeito, mas em constante mudança, neste caso um dos vários aspectos - ou uma coleção deles - um contexto que pode ser hegemônico em relação a outros, dependendo das características de cada aspecto. Em condições de extrema mudança, os arranjos definidores das identidades individuais ou coletivas podem sofrer mudanças radicais, levando até mesmo à redefinição e reconstrução das relações hegemônicas entre características gerais e componentes (aspectos).”RIBEIRO, 1992, p. 34).

Castells (2000) reflete sobre a multiplicidade e fragmentação das identidades e aponta perceptivamente que as identidades podem manter identidades distintas com diferentes papéis sociais, pois determinam conexões de segunda ordem com as identidades, devido à importância esses papéis estão associados à indução de comportamento nos outros. Além disso, "depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. A identidade constitui a fonte do próprio sentido do ator" (CASTELLS, 2000, p. 22).

O Brasil é conhecido por sua desigualdade social, resultado de sua estrutura social, econômica e política que prioriza o trabalho escravo, a extensa propriedade fundiária e uma monocultura que exclui grande parte da população da riqueza que a sociedade produz (MOCELIN; MARTINAZZO; GUIMARÃES, 2018, p. 294).

“A desigualdade, no Brasil, tem sido combatida de forma tímida em sua curta história de mais de 500 anos, por meio de algumas políticas públicas nacionais e até mesmo práticas do setor privado, teoricamente classificadas como ações afirmativas, buscando gradualmente mudar essa realidade.” (BAEZ, 2017, p. 515). “Ação afirmativa é um termo amplo que se refere a um

conjunto de estratégias, iniciativas ou políticas destinadas a apoiar grupos ou segmentos da sociedade nas piores condições de competição em qualquer sociedade, na maioria dos casos, devido a práticas discriminatórias negativas, presentes ou passadas.” MENEZES, 2001, p.27).

“A expressão ação afirmativa refere-se a um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que foram discriminados no passado em uma determinada sociedade. A ação afirmativa busca remover as barreiras formais e informais que impedem certos grupos de ingressar na força de trabalho, faculdade e cargos de liderança. Com efeito, a ação afirmativa estimula as organizações a realizar ações positivas para apoiar pessoas de classes sociais discriminadas que tenham acesso a cargos de comando.” CAMPOS OLIVEN, 2007, p.30).

Gomes (2019) defende que a política social não é apenas responsabilidade do Estado, também deve ser assistida, argumentada e demandada pela população, movimentos sociais, sindicatos, instituições políticas, associações e outros grupos sociais. A expressão teve origem nos Estados Unidos, onde pode ser visto um importante marco legal sistematizando o conceito.

“Nesse sentido, qualquer discussão sobre o tema remete, necessariamente, à sua gestação e desenvolvimento naquele país. Seu surgimento nos Estados Unidos esteve intimamente relacionado à luta pela dessegregação e pela extensão dos direitos civis aos negros.” (CONTINS; SANT'ANA, 1996, p. 210). "A ação afirmativa é definida como uma política pública (e privada) que visa alcançar o princípio constitucional da igualdade material e eliminar os efeitos da discriminação baseada em raça, sexo, idade, nacionalidade e cor.” (GOMES, 2001, p. 132)

A igualdade se tornou a meta a ser alcançada pelo Estado e pela sociedade, e não apenas um princípio jurídico.

Segundo Moehleck (2002), a expressão ação afirmativa originou-se nos Estados Unidos na década de 1960, quando os estadunidenses vivenciavam um momento de advocacia democrática com o objetivo de igualdade de oportunidades para todos, uma luta iniciada por aqueles que ganhavam força, é defendida. Liberais e progressistas brancos, exigiam a

introdução de leis nacionais *anti-apartheid* e melhores condições para a população negra.

Segundo Mocelin, Martinazzo e Guimarães (2018), na década de 1980, o movimento pela resiliência das políticas sociais ganhou ampla participação popular à medida que as ditaduras militares foram se degenerando, período que destacou o movimento de debates sobre a desigualdade e a luta racial. A década de 1970 foi um período de renascimento nos processos organizacionais culturais e políticos relacionados à identidade racial, à construção e descoberta da identidade racial e suas possíveis manifestações, que se refletiram na criação de organizações como o IPCN (Instituto de Pesquisas das Culturas) do Rio de Janeiro, SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil-África), também do Rio de Janeiro, do CECAN (Centro de Cultura e Artes Negras) de São Paulo, para citar apenas três entidades negras que surgiram e se organizaram em diversas regiões do país” (SOARES , 2012, p. 44).

“ Desde a década de 1980 até os dias atuais, o legislativo, executivo e outros movimentos sociais negros apresentaram diversas propostas de ações afirmativas, e o judiciário tem desempenhado um papel fundamental sobre essa questão” (MOCELIN; MARTINAZZO; GUIMARÃES, 2018, p.294).

“Sobre o que temos hoje O primeiro registro de discussões sobre ação afirmativa que diz remontar a 1968, quando tecnólogos da Secretaria do Trabalho e do Tribunal Superior do Trabalho anunciaram seu apoio a uma lei que obrigava as empresas privadas a manter um percentual mínimo de empregados de cor (20%, 15% ou 10%, dependendo do ramo de atuação e das necessidades), como única forma de enfrentar a discriminação racial no mercado de trabalho” (SANTOS, 1999, p. 222).

No entanto, segundo Moehleck (2002), as leis mencionadas no parágrafo anterior não são detalhadas, e somente na década de 1980 foram promulgadas as leis relacionadas às ações afirmativas. A Lei 1.332 de 1983 (BRASIL, 1983), criada pelo deputado federal Abdias Nascimento para recomendar "ação compensatória" para afrodescendentes após séculos de discriminação, garante: 20% das vagas de trabalho para negros e negras. Seleção de candidatos ao serviço público, bolsas de estudo Pesquisa, inserindo a história da África e das civilizações africanas no Brasil, inspirando o setor privado a acabar com práticas discriminatórias racialmente dentro das

empresas, etc. “A Assembleia Nacional não aprovou o projeto, mas as reivindicações continuam. Portanto, foi somente com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que o Brasil reconheceu formalmente a existência da discriminação racial e de gênero e os diversos constrangimentos enfrentados pelas pessoas com deficiência, e propôs ações afirmativas para enfrentá-los” (BAEZ, 2017, p. 519).

Segundo Moehlecke (2002), as mudanças começaram na década de 1990, com a marcha de 1995 contra o racismo, a cidadania e a vida impulsionada pelo movimento negro, estabelecendo um programa de superação do racismo e da desigualdade racial por meio de ações afirmativas para promover a igualdade étnico-racial. Então, em 20 de novembro de 1995, o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, ao receber documentação, com base em duas reuniões, instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para promover a estabilização da população negra e a política de desenvolvimento. O grupo elaborou 46 propostas de ações afirmativas em áreas como educação, trabalho, comunicação e saúde. Com recursos limitados, ecoa timidamente.

Em 1996, foi criada a Secretaria de Direitos Humanos e lançado o “Plano Nacional de Direitos Humanos” (PNDH) (BRASIL, 1996) “destinado a desenvolver ações afirmativas de cursos profissionalizantes e oportunidades de ensino superior. Iniciativas para desenvolver a discriminação positiva” (BAEZ, 2017, p. 519).

O Decreto nº 4.228, de 13 de maio de 2002 (BRASIL, 2002), instituiu o Plano de Ação Afirmativa que estabeleceu “políticas de discriminação positiva em favor das mulheres, afrodescendentes e pessoas com deficiência, viabilizando o benefício de fornecedores com políticas de inclusão social, critérios de pontuação em concursos públicos” (BAEZ, 2017, p. 519).

A Lei nº 10.678/2003 (BRASIL, 2003) que cria a Secretaria Especial de Promoção das Políticas de Igualdade Racial (SEPPIR)”, desenvolveu a Política Nacional de Promoção da Equidade Racial (PNPIR), fortalecendo a eficácia das ações afirmativas e identificou diversos mecanismos de incentivo e pesquisa para melhor compreender Populações afrodescendentes para otimizar programas direcionados” (PIOVESAN, 2008, p. 892). A criação da SEPPIR pode ser vista como um evento importante, pois foi o primeiro órgão

ministerial dedicado à promoção da igualdade racial, tema sensível na sociedade brasileira (GOMES; ALVES, 2017, p. 389) Em 2002, foram realizadas eleições presidenciais e Luís Inácio Lula da Silva foi eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT), conforme acima. Um dos pontos principais da campanha do PT é a questão racial. Matilde Ribeiro - que se tornaria primeira-ministra da SEPPIR - e Martvs das Chagas - então secretário de combate à raça dentro do partido, devido à introdução do tema da diversidade racial na campanha presidencial, iniciaram um acordo para criar uma instituição que promovesse a igualdade racial.

Decidiu-se deixar a instituição do Secretariado na data simbólica de 21 de março, “Dia Internacional de Combate à Discriminação Racial”. O objetivo da Seppir não é apenas promover políticas, mas articular a formulação de políticas em diversas esferas da sociedade para combater a desigualdade racial em contextos específicos. Quanto ao desempenho da SEPPIR, seria injusto reduzir suas ações e planos à criação do Estatuto da Equidade Racial (BRASIL, 2003). Também é impossível não o registrar como um grande marco. A Lei da Igualdade Racial foi ratificada pela Lei nº 12.228/2010 (BRASIL, 2010).

O estatuto reforça a definição legal de discriminação racial e ação afirmativa (COUTO, 2013, p. 22) Trapp e Silva (2011) descrevem a Lei da Igualdade Racial (BRASIL, 2010) como a consolidação de uma identidade política fundamental na história contemporânea brasileira. A lei determina que as instituições públicas federais de ensino devem adotar um sistema em que 50% das vagas sejam reservadas para alunos do ensino médio público: dessas vagas, 50% devem ser destinadas a alunos de baixa renda, ou seja, segundo Mocelin, Martinazzo e Guimarães (2018), as ações afirmativas no Brasil ganharam maior visibilidade após a promulgação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), que estabeleceu cotas raciais e sociais em universidades federais.

Dentro dessas cotas sociais com base na renda per capita, a lei estabeleceu cotas raciais para estudantes negros, pardos e indígenas, mas reservou vagas pelo menos iguais à sua distribuição na população da unidade federativa onde essas instituições estavam localizadas. No que diz respeito ao ensino superior, a legislação determina que 50% de todos os cursos e vagas

da IFES sejam destinados a alunos que cursam o ensino médio na rede pública de ensino. Em seguida, criou um segundo pool de vagas, destinado a atender a duas outras condições: pelo menos 50% de alunos de famílias com renda per capita igual ou inferior a 1/5 salário-mínimo; Alunos que concluíram o ensino fundamental em escolas públicas, devem preencher cinquenta por cento (50%) das vagas. Tais estudantes precisam possuir renda familiar igual ou inferior a 1/5 salário-mínimo *per capita* (meio salário-mínimo). Negros, pardos, indígenas e pessoas com deficiência que, nos termos da legislação, tenham uma proporção do total de vagas de trabalho pelo menos igual às proporções correspondentes de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população do país segundo o último Censo do IBGE (Brasil, 2012), unidade federativa onde o órgão está localizado. De acordo com Turkin, Keys e Wives (2014), o apoio ao sistema de cotas raciais do Brasil não é universal. Eles argumentam no estudo que muitos apoiam a política com base em esforços especiais para reduzir a vasta desigualdade racial do Brasil. Assim, como as pessoas se opõem às cotas alegando que elas violam o princípio da igualdade democrática, para quem a política é injusta, a solução é o governo investir na educação escolar pública e melhorar o acesso à educação superior para negros e indígenas.

Um dos argumentos que mais aparece é que o problema da desigualdade no país não é racial, mas social ou de renda. Snow e Lima (2007) realizaram uma pesquisa com alunos de dois vestibulares e alunos da Universidade Federal de Sergipe para medir a aprovação das cotas raciais pela universidade. A pesquisa mostrou que a maioria rejeitou as cotas raciais, mas os percentuais variaram entre os grupos: 80% para estudantes universitários e 55,8% para estudantes preparatórios. Quando se trata da cor da pele dos entrevistados, a pesquisa mostrou diferenças sutis: 83,9% dos brancos rejeitaram e 78,6% dos pretos e pardos rejeitaram. Os autores concluem que essa resistência pode indicar tanto uma recusa em alterar os modelos de justiça liberal com base no mérito pessoal, quanto uma resistência ao tipo de ação midiática em que as cotas estão mudando na sociedade brasileira. Tekin, Keys e Wives (2014) ressaltam que as pesquisas realizadas até o momento no Brasil, não julgaram a influência dos desejos sociais nas respostas dos participantes. Isso pode ter distorcido os resultados, já que questões de raça

são consideradas socialmente sensíveis. Assim, segundo os autores, o retorno de algumas pessoas às perguntas diretas feitas nas pesquisas tradicionais pode não ser verdade devido ao constrangimento social de articular suas verdadeiras posições.

Segundo Munanga (2001, pág.31), a referida política visa "dar tratamento diferenciado aos grupos discriminados e excluídos para compensar os efeitos adversos de sua situação de vítimas de racismo e outras formas de discriminação". Júnior (2018) considera que se levou apenas alguns anos de legislação para implementar tais remédios, validando na prática as falsas autodeclarações, que levam a desvios genuínos do propósito da política de ações afirmativas. ou seja, candidatos brancos na sociedade se autodeclararam negros para usufruir do direito às cotas raciais, o que resultou no preenchimento de algumas vagas por pessoas que não pertenciam aos grupos desfavorecidos visados pela medida. Lima (2007) em seu estudo intitulado "percepções de justiça social e percepções de estudantes preparatórios e universitários sobre cotas pretas e pardas em universidades públicas", conclui que a maioria dos universitários negros era contra as cotas, aceitá-las significava se rebaixar, admitir que eram inferiores e tinham menos mérito pessoal do que os outros segundo essa pesquisa. Para Munanga (2010) o Brasil tem um histórico de racismo estrutural enraizado em sua história e sociedade. as políticas de cotas raciais são vistas por ele como uma maneira de combater essa estrutura de discriminação racial, destaca a necessidade de reconhecer as desigualdades raciais no acesso à educação, emprego e outras oportunidades. as cotas raciais são vistas como uma forma de abordar essa desigualdade e criar oportunidades para grupos historicamente marginalizados. A complementaridade surge devido ao elevado número de denúncias, principalmente pelos próprios jovens negros, sobre fraudes envolvendo cor/etnia no processo seletivo.. para que esse problema não continue acontecendo, implementou-se a ação de uma postura de identificação heterogênea, no sentido de coibir fraudes e direcionar ações afirmativas a quem precisa de forma justa.

Para Gomes, Silva e Brito (2021), as cotas raciais são uma resposta necessária ao racismo estrutural que persiste na sociedade brasileira, proporcionando aos estudantes negros e indígenas uma chance de acesso à

educação superior e, conseqüentemente, a melhores oportunidades de vida, destaca a capacidade das ações afirmativas de transformar as instituições educacionais, tornando-as mais inclusivas e sensíveis às questões raciais.

5 DESIGUALDADE SOCIAL PLANEJADA E A EDUCAÇÃO DESIGUAL

A desigualdade social no Brasil é um assunto complexo que tem suas raízes em processos históricos de injustiça social, desigualdade de oportunidades econômicas e educacionais. Por muitos anos, a educação foi usada como instrumento para perpetuar a desigualdade social, criando assim um ciclo de exclusão que se prolongou por gerações.

Conforme aponta Fernandes (1972), a formação histórica do Brasil a partir da colonização, foi baseada em princípios escravistas, mercantilista e de caráter eurocêntrico, esses estruturantes sociais ainda organizam nossa sociedade.

Através de processos de mudança psicossocial e sociocultural reais e sob aspectos profundos e irreversíveis, subsiste uma larga parte da herança cultural, como se o brasileiro se condenasse, na esfera das relações raciais, a repetir o passado no presente. Esse mecanismo adaptativo só se tornou possível porque as transformações da estrutura da sociedade, apesar da extinção da escravidão e da universalização do trabalho livre, não afetaram de modo intenso, continuo e extenso o padrão tradicionalista de acomodação racial e a ordem racial que ele presumia. (FERNANDES, 1972, pg.11)

Os principais reflexos dessa desigualdade social na educação podem ser vistos na taxa de evasão escolar, que é muito mais alta entre jovens de baixa renda, especialmente aqueles que são pretos ou pardos. Segundo Apple (2003), em algumas sociedades, os modelos educacionais tendem a ratificar muitas das desigualdades que caracterizam as sociedades. Assim, as escolas podem ser ambientes que apoiam ou se opõem a práticas discriminatórias e excludentes. Alves (2012) apontou que manifestações preconceituosas nos ambientes escolares é comum, afeta o aprendizado e se configura de formas como: apelidos e piadas depreciativas, isolamento e até agressões físicas. Esses jovens também têm menos acesso a oportunidades de qualificação e formação acadêmica de qualidade, o que os impede de ingressar no mercado de trabalho e competir por melhores salários e cargos. Além disso, o encarceramento em massa da população preta no Brasil também contribui para a desigualdade social na educação. Essas taxas de encarceramento afetam diretamente as jovens e suas famílias, pois muitas vezes eles são os principais provedores de recursos financeiros e, com sua ausência, os jovens são forçados a abandonar seus estudos para trabalhar e ajudar a sustentar suas

famílias. Por fim, a desigualdade social também se reflete no mercado de trabalho, onde muitos jovens de baixa renda e pretos são excluídos e não recebem as mesmas oportunidades que outros grupos sociais. Isso acaba perpetuando o ciclo de exclusão.

A partir de suas pesquisas, Almeida (2017, p. 38) aponta:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que "ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição". Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas.

Existe ou não racismo já não é a pergunta ideal. O racismo faz parte da engrenagem/tessitura social. Em qual momentos se utiliza/apropria-se do racismo que nos molda? E como desconstruir algo arraigado? Quando se propõe abordagens sobre diferentes povos ressaltando protagonismo ou fora da cortina de fumaça da religião dominante? Manter o padrão de comportamento significa reforçar estereótipos racistas e fomentar a discriminação. Para desconstruir o racismo é essencial que haja educação, pois é através dela que se consegue mudar padrões de comportamento e formar indivíduos abertos à diversidade.

É necessário que haja informação e diálogo para que as pessoas possam se conscientizar e entender os diferentes pontos de vista.

É importante também que se faça questionamentos referentes ao racismo, para que se possa entender como ele se manifesta. Além disso, é necessário que se crie políticas públicas que possam garantir o direito à igualdade de todos, independentemente de sua raça.

5.1 As questões estruturais e a desigualdade sócio educacional

Para equacionar essas relações entre igualdade educacional e superação da desigualdade social é necessário analisarmos quais paradigmas de igualdade identificam alguns grupos sociais, raciais, raciais e de gênero como arquétipos de igualdade e outros como arquétipos de desigualdade. A

igualdade, as desigualdades sociais, raciais, de gênero e locais são históricas e produzidas por sujeitos históricos específicos, sujeitos de classe, raça, gênero e etnia.

Para chegarmos perto de analisar a tensão entre igualdade-desigualdade educacional e igualdade-desigualdade social, temos que entender a emergência desse paradigma único da hegemonia da igualdade-desigualdade que historicamente nos condenou. Igual porque você está incluído nesse arquétipo, enquanto os "outros" são desiguais porque você não está incluído nesse arquétipo igual.

Temos que admitir que esse paradigma arquetípico da igualdade vem isolando, ostracizando, arraigando, sacrificando milhões porque é uma desigualdade prescrita à margem de um arquétipo hegemônico e único de igualdade. O pensamento político e educacional hegemônico e suas escolhas políticas incluem aquelas decretadas à margem desse arquétipo da igualdade, ao invés de confrontar a produção histórica social, política e educacional ditada pelo paradigma da igualdade, grupos sociais, raciais, raciais desiguais, igualdade de gênero, e estipular que os outros não são iguais. O pensamento político e educacional, na pesquisa, na produção teórica e na formulação e análise de políticas de igualdade social para a igualdade educacional, são necessários para enfrentar a primeira questão: Que relações de classe, raça, gênero e etnia?

Na sociedade brasileira, a filiação étnica demarca o lugar que cada pessoa deve ocupar e o grau de humanidade que lhe confere. Como afirma Schucman (2020, p. 198) :

Sobre as características demarcadoras entre brancos e não brancos compreendi que os indivíduos, querendo ou não, são classificados racialmente logo ao nascerem: sobre aqueles classificados como brancos recaem atributos e significados positivos ligados à identidade racial a que pertencem, tais como inteligência, beleza, educação, progresso, moralidade etc. Esse traço de superioridade contido na construção social da branquitude produz significados compartilhados, dos quais os sujeitos se apropriam, singularizam, produzem sentidos e atuam sobre eles, reproduzindo-os de alguma forma. (SCHUCMAN, 2020, p. 198).

Schucman (2020) ao analisar as manifestações de racismo no Brasil, conclui que os critérios de tal segregação levem em conta a aparência-fenótipo, ou seja, cor da pele, tipo de cabelo, características faciais e físicas. Exemplo disso, é o debate em torno do colorismo da pele, que vincula a cor

da pele à condição da população negra, argumentando que a concentração de melanina na epiderme das pessoas predetermina a posição que elas devem ocupar em termos de atribuição emocional, status socioeconômico, oportunidades educacionais e sociais etc. (DEVULSKY, 2020)

Surgiu um único paradigma arquetípico hegemônico que prescreve que certos grupos sejam iguais e relegue outros a serem desiguais? O que é um parâmetro de igualdade-desigualdade? Corpo, cor da pele, raça, parâmetros de etnia? Argumentos racionais-irracionais? Moral imoral? Cultura dentro da cultura? Alfabetização - analfabetismo, níveis, percursos educativos? Para aprofundar esses critérios constitutivos do modelo igualdade-desigualdade, teremos que estudar, aprofundar a especificidade de nossa história, e reconhecer que o modelo mais radical que define o “nós” como igual e prescreve o “outro” como desigualdade é o modelo humano.

O padrão que seguimos desde a colonização é aquele em que os colonizadores, brancos, se dizem humanos, iguais em humanidade, enquanto outros, colonizáveis, são desiguais, mais radicais e desumanos. A desigualdade humana refere-se à desigualdade social de raça, etnia, gênero e classe. Outros sabem que são inferiores a eles de maneira mais radical do que as desigualdades sociais e educacionais. Eles sabem que são inferiores na natureza humana. Priorizar a igualdade educacional sobre a igualdade social perde apenas para a faceta específica da pedagogia: a desigualdade nas possibilidades e limitações humanas (FANON,2008).

O direito à educação e à igualdade social pressupõe a igualdade de direitos de todos e o reconhecimento de todos. A extrema desigualdade que reconhece certos grupos sociais como humanos e segrega outros como desumanos está na raiz das desigualdades educacionais, sociais, cívicas, raciais e étnicas ao longo de nossa história. Uma segregação que tocou o coração da pedagogia desde a Paideia e persistiu em todo humanismo educacional: acompanhar o ser humano desde a infância - pedagogia - no processo de humanização. Isso pressupõe o reconhecimento da igualdade para todos. Não há consenso sobre ideologia social, política, cultural ou educacional que reconheça a igualdade de todas as pessoas. Este é o desafio mais radical que a pedagogia já enfrentou: Reconhecimento – não reconhecimento da igualdade humana. Quais grupos sociais, étnicos, raciais e

políticos são reconhecidos como humano, educável? A *Paidéia* só admitia que os homens - não as mulheres - eram livres, pensativos e líderes da cidade-estado. Crenças em humanidade e educabilidade não se aplicam a *Paideia* ou outros, trabalhadores braçais, mulheres, trabalhadores braçais e escravos.

Os colonos se definiam como humanos, racionais, civilizados, morais, cultos. A partir desse status de seres humanos, eles designam os povos primitivos como não humanos, incultos, primitivos, imorais, profundamente religiosos, irracionais - pré-humanos, não humanos. Os indígenas, quilombolas, negros, trabalhadores são percebidos como uma forma de extrema desigualdade no paradigma interpessoal que persiste no pensamento político, social, cultural e até educacional, FANON (2008).

Essa desigualdade radical não deveria ter uma maior centralidade na teoria e política educacional e de igualdade social? Não deveria ter maior centralidade na defesa da igualdade do direito à educação como direito humano? Quando a desigualdade na condição humana se radicaliza nesse nível, a análise da desigualdade educacional e social também é forçada a ser radicalizada nesse nível. Até que ponto chegamos à condenação da desigualdade social e educacional? Considerada a desigualdade mais extrema: declarada desumanizante. Reconhecendo que classificar algumas pessoas como humanas e outras como não humanas é a desigualdade política mais radical que incorpora a densidade do ensino político nessa relação entre igualdade educacional e igualdade social.

Como essa extrema desigualdade dos seres humanos pode ser incorporada à pesquisa sobre igualdade de direitos à educação e igualdade social? Santos (2013, p. 76) nos lembra que a tensão entre humano e não humano, no ideal da universalidade dos direitos humanos,

“convive sempre com a ideia de ‘deficiência’ derivada do ser humano., argumentando que nem todas as Criaturas com o fenótipo humano são plenamente humanas e, portanto, não devem se beneficiar do status e dignidade conferidos aos humanos”

Santos (2013, págs. 76-77) lembrou que no conceito de deficiência humana é possível

[...] defender a liberdade e a igualdade de todos os cidadãos, ao mesmo tempo que defende a escravidão, porque os direitos humanos

fundamentais definem quem é verdadeiramente humano e quem não é, portanto não existe tal direito.

Conceitos ocidentais, capitalistas e coloniais de natureza humana não podem existir sem o conceito de direitos sub-humanos. de uma forma diferente. Essas análises da tensão entre o humano e o não humano trazem à pedagogia – sua função, desde suas origens, acompanhada de um processo de humanização – radicalizar raça, etnia, cidadania, sociedade e educação. Há urgência de colocar essa tensão. desigual.

O direito à escola e à qualidade, defendidos pelas ideias educativas, pelos movimentos sociais e pelo direito à igualdade social, encontram as barreiras mais fundamentais nesta ideia de uma “deficiência” que se originou nos humanos, e que outros têm e continuarão a ter isolamento.

Sem estatutos humanos igualitários, nossas formulações historicamente lentas e tensas entre educação e igualdade social seriam incompreensíveis ou impossíveis de compreender ou alcançar, que é o que os grupos do apartheid ainda lutam como não-humanos. Para equacionar a relação entre educação e igualdade social, é preciso fazer uma grande análise dessa tensão entre humanos e não humanos que sempre acompanhou a separação abismal entre humanos, nós humanizados-Educáveis, enquanto outros são desiguais porque lhes falta humanidade. (ARROYO, 2015)

As críticas ao decolonialismo vêm mostrando como um sistema de classificação social e racial foi construído de acordo com nossa história. Quijano (2009), lembra que nas Américas, formou-se um sistema de classificação social, racial e étnica da população mundial, expressão do padrão poder-saber que prevalece no capitalismo. A diversidade étnico-étnica traduz-se em padrões de superioridade humana, intelectual, moral e cultural - a inferioridade é a fonte da brutal desigualdade social e educacional.

Como humanos, o padrão de substituição-deterioração-isolamento do Outro persiste. Essas análises nos alertam para continuar defendendo a igualdade social e educacional, mas não esqueçamos que esse padrão tão desigual de classificação social, racial e racial continua humanamente falho em suas origens. Análises e políticas para educação e igualdade social são obrigadas a radicalizar e reconhecer aqueles que são considerados desiguais em direitos humanos, direitos socioeducativos como grupos sociais, raciais, raciais desumanizados definidos no padrão humanitário.

5.2 Trabalho escravo, abolição e pós abolição

Hoje sabemos que, dada a especificidade jurídica dos escravizados e sua transformação em quase qualquer tipo de taxonomia necessária, o Brasil possui muitas, mas ainda pouco exploradas, fontes relacionadas à escravidão.

Apesar dos ideais humanitários que inspiravam as ações dos agitadores abolicionistas, a lei que promulgou a abolição do cativo consagrou uma autêntica espoliação dos escravos pelos senhores. Aos escravos foi concedida uma liberdade teórica, sem qualquer garantia de segurança econômica ou de assistência compulsória; aos senhores e ao Estado não foi atribuída nenhuma obrigação com referência às pessoas dos libertos, abandonados à própria sorte daí em diante. (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p. 65).

No período pós-libertação, no entanto, as pessoas só tinham nomes de cores (mesmo erráticos) como forma de contatar ex-cativos. Esta é uma dificuldade comum no estudo da experiência histórica após a libertação da América.

No Brasil, porém, isso é particularmente verdade, não só pela inexistência de práticas jurídicas, distinções baseadas na cor da pele e raça, ou demograficamente, até mesmo da maioria, pré-abolição dos negros livres e mestiços, também por causa do desaparecimento de, desde meados do século XIX, a cor das pessoas livres é discriminada nos registros históricos disponíveis, ABREU (2018).

Os registros diocesanos de processos civis e criminais, batismos, casamentos e óbitos, na maioria dos casos, não mencionam a cor e, mesmo no Registro Civil estabelecido em 1888, a citação da cor e, em muitos casos, não existe. Embora o uso da classificação por cor tenha sido enfatizado no censo de 1890, que sugeria que o racismo era um problema em quase todo o pensamento social brasileiro no período, esse censo é estatisticamente significativo para qualquer análise populacional minimamente confiável. Depois disso, o censo de 1920 incorporaria o desaparecimento da cor na estratégia estatística do governo brasileiro, que só mudaria novamente com o censo de 1940. Em 1988, ele afirma ser uma fonte alternativa de método histórico no período pós-libertação, ABREU (2018).

Busca-se preencher lacunas nos dados escritos (materialidade) para estudar populações livres. Eles abrem a perspectiva de analisar as várias

formas possíveis de transição da escravidão para a liberdade. Eles mostram como, mesmo sob esse sistema, alguns marcos da passagem (como a lei do útero livre) ficaram marcados na memória familiar, ocupados e redefinidos por seus descendentes ao longo do conturbado século XX. A exploração sistemática de lembranças do trabalho infantil, a construção de árvores genealógicas e a exploração de coincidências narrativas no "período de cativeiro" são fundamentos comuns para o uso de fontes orais para repensar o tratamento metodológico do período pós-abolição. Em particular, o uso da genealogia permite seguir verdadeiras lendas familiares que remontam ao início do século XIX e continuam até as últimas décadas do século XX.

Os resultados obtidos estão atrelados ao conhecimento acumulado por meio de análises demográficas, fontes cartoriais e judiciais, permitindo abordar métodos baseados apenas em fontes escritas após o fim do cativeiro, que até então não haviam sido explorados na última sociedade de homens livres. Todos os aspectos do processo de inserção. Entre elas, começamos com as opções de permanência, mobilidade na mesma área e realocação aberta a pessoas recém-libertadas como uma das primeiras decisões a serem tomadas.

As discussões sobre a mobilidade espacial tiveram destaque na abordagem histórica da escravatura e do desenvolvimento do mundo rural no Sudeste pós-emancipação. Mesmo antes da abolição, um dos problemas centrais dos senhores era a possibilidade de os escravos saírem da fazenda. Uma das estratégias da propriedade para evitar esse abandono é tentar conectá-los a si mesmos e à fazenda por meio de laços de gratidão, esperando a abolição e concedendo licenças artificiais em grande escala.

A possibilidade de despertar sua gratidão tem a ver com o entendimento do senhorio de que os escravizados devem ser libertados de suas mãos, não do Estado, como um presente do senhorio. A eficácia dessa estratégia é bastante questionável, não é? Conservando a única fonte de esperança para os libertos após o inevitável fim da escravidão. Muitos senhores acreditavam que a mobilidade de grande parte de seus escravos era fortemente influenciada pelas características das comunidades escravizadas que viviam nos assentamentos.

Em geral, nas fazendas mais antigas, as relações homem-mulher eram mais equilibradas do que nas fazendas mais novas, as comunidades são mais

estáveis e a competição racial é amplamente superada, tornando-os um ambiente mais acolhedor.

O exercício da liberdade de locomoção recém-adquirida deve levar em conta a possibilidade de alcançar condições de subsistência que permitam a realização de outros aspectos mais ou menos importantes para a visão de liberdade para o último cativo, como a possibilidade de convivência familiar, habitação e produção familiar, controlar melhor o tempo e o ritmo de trabalho e, em geral, controlar as condições do contrato a ser obtido (parceria, contrato de trabalho ou trabalho do dia-a-dia) diretamente para a aquisição da posse da terra, dada a dificuldades apresentadas na época. Essas condições, no período recém-abolido, pareciam favorecer os homens livres, quando a demanda por mão de obra no campo e o estabelecimento de normas de contrato de trabalho estavam nos primórdios.

A ilusão histórica de marginalização e "anomese" das pessoas livres se deve, em grande parte, ao fato de que em poucos anos a maioria delas conseguiu ter recursos sociais suficientes para deixar de ser Atingidos pelo estigma da escravidão, seja negociando condições de trabalho que favoreçam a utilização do trabalho doméstico em antigas fazendas ou novas áreas de expansão - contra a pretensão de manter organizações coletivizadas de trabalho no eito do último senhor - ou ainda tentando colocá-las em Distrito de autossuficiência como produtor independente.

No entanto, a vantagem desse poder de barganha dos homens livres, como sua principal limitação, é justamente a continuidade da identidade social estabelecida durante o cativo; a distinção entre antigos senhores, homens livres e livres. Não só a pressão dele funciona nessa direção. Ao queimar registros de escravos e promulgar constituições de natureza livre, a República facilitou em certa medida o processo de assimilação entre os libertos e os nascidos livres, ainda que a princípio se fortalecesse o controle privado sobre os ex-escravizados.

No caso da repressão pública, os senhores incentivaram a estratégia senhorial na direção oposta, contando com dependentes nascidos livres para forçar os libertos a continuarem onde estavam. Com o apoio do Partido Republicano, continua a ser o fim rápido do processo de elaboração de normas jurídicas relativas à propriedade da terra, retirando os últimos vestígios de

legislação que muitas vezes confunde direito com costume, podendo servir de apoio aos mais fracos, pelo menos se eles têm um bom protetor.

A história do pós-abolição é que ela se originou na precariedade, no processo de implantação de novas formas de trabalho no campo, na ausência de políticas de terra e crédito, na criação de leis para criminalização dos libertos.

Podemos encontrar alguns outros fatores que os livres que permaneceram no campo vivenciaram, incluindo alguns aspectos culturais, como buscar formalizar suas relações familiares, enfatizar o patriarcado e estabelecer uma imagem positiva. Como trabalhador, a ideia que se traduz em "boa reputação" é primordial.

5.3 Educação e desigualdades

Nos últimos anos, a relação entre desigualdade e diversidade tem assumido um lugar de maior destaque nos debates contemporâneos. No que diz respeito à diversidade, Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011) refletem que suas discussões se concentram na heterogeneidade cultural que caracteriza a sociedade atual, em oposição aos modelos de Estado-nação modernos, liberais e ocidentais, e existe na maioria dos países do mundo.

Os autores observam que os debates sobre diversidade variam nacional e internacionalmente de acordo com o período de seu surgimento, o que é um dos principais motivos para gerar ou impor discussões sobre determinados grupos, culturas, identidades espaciais e territoriais, discriminação etc. Imigração, gênero, orientação sexual, raça, etnia, religião, língua, espaço/território são os principais fatores e temas que desencadeiam processos de mobilização e discussão sobre a diversidade e em diversos contextos se inter-relacionam, ou se cruzam. A diversidade, entendida como a construção histórica, social, cultural e política da diferença, ocorre em meio a crescentes relações de poder e desigualdades e intensificação das crises econômicas nos contextos nacional e internacional.

Nesse debate, não se pode negar o impacto das desigualdades socioeconômicas na sociedade como um todo e, principalmente, nos grupos sociais considerados diversos. A análise dos cenários de desigualdade e

diversidade deve, portanto, considerar suas inter-relações com fatores como: desafios de articulação entre políticas de igualdade e políticas de identidade ou reconhecer diferenças nos contextos nacional e internacional, remodelar o país necessário para alcançar a emancipação social, aumento da pobreza e distribuição desigual de renda entre populações, avanços e desafios atuais no acesso à educação, moradia, emprego, saúde e bens culturais por parte do setor popular e movimentos sociais, e a relação entre igualdade, desigualdade e diversidade como impacto da relação de políticas públicas.

No Brasil, diferentes alternativas e proposições econômicas, políticas e teóricas têm sido propostas para tentar traçar o caminho para essa situação. Desde o processo de reabertura política desde a década de 1980, um novo foco se configurou em como equacionar explicações para a oferta de educação pública no contexto da desigualdade e diversidade socioeconômica.

A posição central dos movimentos sociais, dos profissionais da educação e daqueles que trabalham por uma sociedade democrática e uma educação pública, gratuita e laica é a reafirmação dos princípios constitucionais consagrados no Artigo 205, da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), a saber:

Art. 205 - a educação, direitos de todos e as obrigações do Estado e da família, serão promovidas e incentivadas com a cooperação da sociedade, com vistas ao pleno desenvolvimento do ser humano, à preparação para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho.

Portanto, não se educa “para alguma coisa”, educa-se porque a educação é um direito e, portanto, deve ser garantida de forma igualitária, justa e equitativa.



Epígrafe 2 – Lelia Gonzalez, em campanha a Deputada Federal, 1982.

O objetivo da educação e de suas políticas não é preparar uma geração para os mercados, para o vestibular, ou mesmo para alcançar índices internacionais de alfabetização e matematização. O foco central está nos sujeitos sociais, entendidos como cidadãos e sujeitos de direitos. Essa interpretação é fortalecida a partir de perspectivas políticas e epistemológicas quando os movimentos sociais enfatizam que os sujeitos de direitos também são diversos em termos de raça, etnia, credo, gênero, orientação sexual e idade. Eles também destacaram que essa diversidade foi tratada de forma desigual e discriminatória por séculos e não foi devidamente abordada pelas políticas nacionais, escolas e seus currículos.

Dessa forma, devido às pressões sociais, a compreensão da diversidade como uma construção social que constitui os processos históricos, culturais, políticos, econômicos e educacionais deixa de ser vista como um "problema" e passa a ter mais espaço nos fóruns sociais, políticos, e nas sociedades teóricas e na educação. Há também os movimentos sociais, principalmente, os identitários (indígenas, negros, quilombolas, feministas, LGBT, rurais, deficientes, povos e comunidades tradicionais etc.), que estão no Brasil desde a década de 1980.

Eles exigem que a educação considere a relação entre desigualdade e diversidade em seu nível, estágio e maneira. Questionam a natureza perversa

do capitalismo, que não apenas exacerba a desigualdade na economia, mas trata de forma desigual e inferior os diversos grupos sociais historicamente considerados. A sobreposição entre desigualdade e diversidade sofre as mais diversas interpretações no contexto das relações de poder, no qual se inserem as lutas sociais.

Indiscutivelmente, estamos enfrentando mudanças políticas e epistemológicas na compreensão da sobreposição entre desigualdade e diversidade para além do âmbito da educação.

É um nível de influência nacional e internacional causado por múltiplos fatores tais como: o questionamento da globalização capitalista, a construção de redes internacionais anti-hegemônicas, os conflitos raciais e religiosos.

A pressão histórica dos movimentos sociais aliada à imagem mais progressista do setor estatal brasileiro na última década trouxe mudanças na forma como a diversidade é tratada no contexto das políticas públicas universais e até mesmo desencadeou a implementação de políticas de ação afirmativa. No entanto, uma das limitações que permanece é que a maioria dessas ações continuam limitadas à política governamental.

A diversidade torna-se objeto de debate no cenário político e na própria produção do conhecimento. É nesse contexto, que as discussões sobre justiça social passam a ocupar mais espaço na produção teórica, análise e implementação de políticas públicas, incluindo a política educacional.

Um conjunto de artigos analisam, problematizam e investigam a complexa relação entre desigualdade e diversidade na educação. Seus autores analisam essa sobreposição desafiadora em contextos nacionais e internacionais por meio de diferentes abordagens e perspectivas educacionais, históricas, sociológicas, antropológicas e políticas. Um desses artigos, escrito por Rockwell (2012), intitula-se “ *Movimientos sociales Emergent y nuevas maneras de educar*”⁶, discute a relação entre a diversidade cultural e social e a diversidade cultural e social que os movimentos sociais contemporâneos colocam à sociedade, bem como as desigualdades sociais decorrentes das recentes mudanças econômicas e sociais poder de aspecto. A través de

⁶ Movimientos sociales emergentes e novas formas de educar”- Elsie Rockwell

programas alternativos de vida e treinamento. O autor destaca que a formação do “homem novo” tem sido um tema recorrente ao longo da história da classe trabalhadora. No entanto, a economia capitalista global de hoje gerou uma classe trabalhadora cada vez mais fragmentada e despossuída. Essa situação leva à reestruturação social e à formação de novos agentes sociais que utilizam os recursos disponíveis e as práticas culturais para fortalecer os movimentos sociais emergentes. Concluiu-se que o reconhecimento desses movimentos sociais e processos de formação mudou o pensamento iluminista, produzindo outros modos de pensar e de se comportar no processo educativo.

Em seu artigo “Direito à Educação, Diversidade e Educação em Direitos Humanos”, Candau (2005), defende que os direitos humanos estão no centro das questões sociais contemporâneas. Partindo da tensão entre igualdade e diferença no conceito de direitos humanos e na prática, o autor analisa a especificidade, formulação e entrelaçamento entre o direito à educação e a educação em direitos humanos, esta última, considerada, atualmente, um componente fundamental dos direitos humanos. Essa situação impõe desafios ao processo educativo e à formação de sujeitos empoderados, considerando suas especificidades, ao mesmo tempo em que fortalece o processo democrático de redistribuição e reconhecimento.

Na publicação de Gomes (2012), “Movimento Negro e Educação: Redefinindo e Politizando Raça”, a autora discute o papel do Movimento Negro no Brasil na redefinição e politização das percepções de raça. Nele, a raça é entendida como uma construção social que caracteriza as sociedades latino-americanas, especialmente o Brasil, de forma estruturada e estruturada. Tem como premissa o movimento social de libertação social por meio de sua ação política, especialmente em prol da educação, da reeducação das relações raciais e raciais no próprio Brasil, no Estado, na sociedade e na esfera educacional. As ideias de raça analisadas pelos autores também se baseiam em reflexões de estudos pós-coloniais que discutem a centralidade da raça em países com histórias coloniais e seu funcionamento nas relações de poder, sustentadas e presentes no pensamento. Ocidente moderno, incluindo a educação.

Em seu artigo Educação do Campo, Sociedade e Desigualdade Educacional, Souza (2012) descreve as origens das práticas e conceitos de

educação do campo, enfocando a concentração da terra e da propriedade como fatores estruturais geradores de desigualdade social. Destaca as principais conquistas na educação do campo de 1990 a 2012, apontando conflitos judiciais sobre o direito dos camponeses ao ensino superior. Seu pressuposto central é que essa educação é fruto da experiência coletiva estabelecida pelos movimentos e organizações trabalhistas rurais.

No artigo “Um roteiro histórico para a escolarização indígena: uma nota sobre a política indigenista e educacional”, Oliveira e Nascimento (2012) apresentaram um roteiro histórico para a política de educação para os povos indígenas, a partir da consideração da relação entre povos indígenas e políticas indígenas. Ressaltaram que a conexão entre os aborígenes e o campo da educação mostra como o pensamento sobre as diferenças culturais dos povos aborígenes orienta diferentes programas escolares aborígenes. Os autores fazem uma revisão sobre essa política a partir do período de “assimilação” e “civilização” no início do século XX, marcado pela ideia da necessária unidade da nação, na qual a educação bilíngue tem sido até agora caracterizada por um processo de escolarização que busca o reconhecimento da diversidade cultural, a sexualidade é um direito fundamental, o que gera novos desafios para a política educacional.

Desigualdades socioespaciais no acesso ao conhecimento por Ayed (2012) é uma atualização sociológica das desigualdades escolares de uma perspectiva atualizada analisa o progresso no conhecimento das desigualdades socioespaciais no acesso ao conhecimento na França. Segundo os autor, embora esse objeto envolva muitas questões sociais, as pesquisas empíricas dedicadas a ele ainda são incipientes. Em seu argumento, Ayed (2012), sustenta que ao estudar as mudanças na aprendizagem escolar em função do contexto escolar é metodologicamente necessário não separar a influência dos fatores sociais e espaciais na análise. Reconhece que, hoje, um dos desafios da atualização das abordagens sociológicas da educação é considerar uma combinação desses dois fatores.

Em “Novas Perspectivas sobre Desigualdades de Oportunidade Educacional: Segregação Residencial e a Relação Favela-Asfalto no contexto carioca”, Koslinski e Alves (2012), discutem a tradição de pesquisa quantitativa que se originou no relatório Coleman (1966) e seus efeitos nos estudos

escolares e estudos posteriores do efeito vizinhança. As autoras concentram sua análise nas restrições e possibilidades apresentadas pela literatura sobre efeitos de vizinhança e na geografia de oportunidades para compreender os mecanismos de mediação entre a segregação residencial e os resultados escolares. Discutem pesquisas a partir desse referencial teórico-metodológico, com foco no contexto brasileiro. Por fim, propõem o próximo desafio para compreender melhor a organização social da região e as desigualdades educacionais nesse contexto.

Já Kassir (2012), em "Educação especial no Brasil: Reconhecendo desigualdades e desafios na diversidade", defende que desenvolver a educação especial no Brasil significa levar em conta as políticas educacionais propostas pelo governo federal nos últimos anos, especialmente a existência de escolas que historicamente As diferentes populações que compõem o país de forma desigual. A partir dessas considerações, a autora analisa as mudanças ocorridas na educação de grupos marginalizados, especialmente pessoas com deficiência, no processo escolar, e reflete sobre as limitações que permanecem na educação brasileira, incluindo complexas proposições relacionais envolvendo a localização de diferenças legais e prática escolar.

Em Subjetividade docente, inclusão e gênero, Lopes e Dal'Igna (2012) discutem como o gênero funciona como elemento organizador da subjetividade docente e do desempenho escolar em uma era de inclusividade e governança neoliberal. Governança, subjetividade e gênero são ferramentas teórico-metodológicas utilizadas pelos autores para examinar como algumas práticas governamentais participam da criação das diferenças de gênero, do desempenho escolar e da formação de sujeitos docentes inclusivos. Dois estudos subsidiam a argumentação dos autores: um que visa compreender como os professores são subjetivados pelas práticas inclusivas e o outro investigou como o gênero se cruza e constitui a prática docente.

Em "Adolescentes na Sala de Aula: As implicações da fragmentação e desenvolvimento educacional", López (2021) começa, revisando as tendências recentes da educação de adolescentes na América Latina, enfatizando que desde o início dos anos 1990, a desigualdade no acesso à educação diminuiu significativamente, ao mesmo tempo em que, a desaceleração da escolarização nos últimos anos trouxe o desafio da desigualdade de volta ao

centro da agenda educacional. O autor propõe então uma série de hipóteses sobre as razões do aparente abrandamento do progresso da matrícula universal, destacando aquelas que incidem sobre as desigualdades resultantes da incapacidade de os sistemas educativos funcionarem num contexto de crescente diversidade cultural e identitária, demonstrando que a persistência de múltiplos mecanismos cotidianos e a discriminação naturalizada na prática institucional escolar.

O artigo de Silvério e Trinidad (2012), Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo, lança uma nova luz sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo. A Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e suas diretrizes, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) (BRASIL, 1996), que pressupõe uma série de mudanças substanciais que alteram a política pública de educação do país. Os autores acreditam que a obrigatoriedade do ensino das relações étnico-raciais e o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana ao longo da educação básica são fruto do reconhecimento de que a discriminação racial e o racismo são parte integrante de nossa formação social e permitem revelar a importância da cultura africana para nós no Brasil. A composição do homem transcende a contribuição do trabalho escravo.

5.4 Evasão escolar e oportunidades sociais

Ser um espaço socialmente relevante que contribui para a transformação-formação do sujeito por meio da ação, da troca, do diálogo de forma acolhedora e segura deveriam ser ações ou fatos inerentes a todo espaço escolar. Porque, ninguém pode escapar da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola estamos todos envolvidos com esse processo contínuo de aprendizagem de uma ou mais maneiras: aprendendo, ensinando, aprendendo e ensinando.

Embora a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a LDB de 1996 (BRASIL, 1996), preconizassem que a educação deveria ser conducente à formação da pessoa integral, percebe-se que muitos jovens são influenciados por motivos alheios ao seu controle para abandonar os estudos. Meneses (2011, p.1) aponta que o problema da evasão “[...] tem raízes históricas,

acrescentando que é resultado de várias intervenções governamentais no sistema escolar, sucumbindo às políticas impostas pelas elites". Segundo o autor, apesar de todos os avanços obtidos nas últimas décadas, o sistema educacional brasileiro continua altamente elitista.

O autor também aponta que, apesar de todos os avanços obtidos nos últimos anos, o sistema educacional brasileiro continua fortemente elitista. Há um alto índice de evasão e reprovação entre os alunos que ingressam e os que efetivamente concluem o ensino médio. Ou seja, em média, 15% dos alunos do ensino médio desistem e 10% são reprovados. Os altos índices de evasão e reprovação são fatores de preocupação para os docentes e gestores da instituição, sendo um tema de reflexão para sugerir ações para superação desses índices.

Como enfatiza Gomes (2011), a formação de professores traz grande desconhecimento do processo educacional de desenvolvimento na comunidade negra, e a especificidade da forma de participação negra em programas educativos Brasil.

Buscar superar essa fragilidade certamente está além do compromisso do professor em sala de aula. Não raro, os fatores que levam à evasão (como demonstrado neste estudo) são aqueles relacionados a situações fora da escola, principalmente questões socioeconômicas. Para entender melhor a situação, realizamos questionários com alunos e professores. Como pode ser observado nas respostas aos dez questionários aplicados, os alunos escolheram a faculdade pela proximidade de sua residência. Motivos da evasão: A maioria dos alunos (80% dos evadidos) relata que pensa em voltar a estudar em algum momento apesar das dificuldades, mas à noite gostaria de ser mais atraente e motivado para voltar a estudar.

As novas tecnologias se destacam nos locais mais solicitados e/ou expressos pelos alunos, integrando-os a programas instrucionais, estes serão utilizados em parceria com a comunidade escolar pois, segundo os alunos, é possível aprender mais com o auxílio dessas tecnologias ferramentas. Essa é uma das muitas maneiras de se afastar da tradição, por meio da mediação com os alunos, para poder desenvolver atividades instrucionais diferenciadas e envolventes na busca de melhorar a qualidade do processo de aprendizagem,

de contribuir de forma satisfatória para que os alunos possam envolver-se no processo.

As sugestões feitas pelos alunos são trabalhos escolares por meio de pesquisas na internet, então, primeiramente, o professor tenta mostrar aos alunos o que pesquisar, e logo eles começam a pesquisar o tema na internet, livros, revistas ou outros meios que facilitem a compreensão do assunto estudado. Terminada a pesquisa, professores e alunos começarão a sistematizar os conhecimentos adquiridos e a socializar, incentivando todos a apresentarem os resultados da pesquisa realizada.

No CEPAR – Fazenda Rio Grande (PR), foi aplicado um questionário a 10 professores que responderam que acreditavam que os alunos optaram por estudar nesta escola pela proximidade de casa. Relataram também que os motivos da evasão foram uma combinação de fatores fora da escola e dentro da escola relacionados a situações que envolvem a sociedade, a família e toda a estrutura escolar, como: necessidade de ajuda para trabalhar em casa; problemas Finanças e família; dificuldades e insucesso de aprendizagem; falta de interesse em aprender; casamento precoce e gravidez; drogas e violência.

Quando questionados sobre estratégias para evitar a evasão, os professores afirmaram: um programa em tempo integral com diferentes atividades (música, dança, esportes etc.); ajudar as famílias a identificar os motivos do desinteresse de seus filhos em aprender; trabalhar com empresas locais para que os alunos possam Estágios enquanto aprendem; projetos pós-saída do trabalho. Por meio de uma pesquisa com professores, 70% dos professores disseram que a maioria dos alunos não está interessada ou reconhecendo o valor da aprendizagem em suas vidas, enquanto 25% afirmaram que às vezes os próprios professores não estão preparados ou até mesmo desconhecem as práticas de ensino.

Analisando os elementos descritos por Ferreira (2011), as exposições neste trabalho, e visto que a adolescência e a juventude são as fases de suas vidas em que vivenciam inquietações, em função de muitas mudanças familiares, sociais, biológicas e emocionais, a política pública é imprescindível. indispensável. Abordar orientação para o trabalho, diversidade, multiculturalismo, artes, orientação sexual e formas de prevenção de DST

(doenças sexualmente transmissíveis) e gravidez precoce, entre outras formas de incentivar e garantir o aprendizado do aluno na escola.

Problemas de ensino também são citados como um motivo de desistência dos alunos. Apesar de todos os avanços tecnológicos e tecnológicos nos últimos anos, ainda existe um modelo de currículo tradicional do século XIX, apresentando conteúdos parciais e livres de contexto, aulas extensas, perfis de alunos, lousas e giz são os mais utilizados, senão os únicos na maioria dos programas do ensino médio. Conteúdo semelhante à prática escolar mudou pouco e não representa necessariamente uma melhoria ou atualização.

De fato, o ensino adquiriu um novo significado em relação às novas tecnologias de comunicação, melhor leitura e compreensão da realidade, ao mesmo tempo em que absorve as ricas tradições culturais herdadas e muitas outras expressões culturais emergentes e cambiantes, diz-se, aliás, que ainda há nenhuma cultura escolar formal (CARBONELL, 2002, p.16).

Além disso, a educação ministrada, principalmente nas escolas públicas, carece de qualidade, condição física e desempenho satisfatório dos professores. Espaço físico e infraestrutura escolar, e o tipo e qualidade dos equipamentos fornecidos; sua localização geográfica, seja no coração da cidade ou na comunidade onde você mora; professores existentes, mais ou menos sensibilidades e relações com cada formação em colaboração com um cliente, os programas de ensino existentes e a forma como implementam o processo educativo são exemplos de variáveis que irão interferir na forma como os jovens constroem a sua identidade estudantil e, assim, mais ou menos a escola que frequentam, sentem e decidem o seu percurso escolar. (DARREL, 2007, p.1107).

Segundo Schwartzman (2010), o ensino médio no Brasil é enciclopédico e, por isso, os alunos não conseguem acompanhá-lo. O propósito dessa mudança, do ponto de vista pedagógico, permeia a adequação do currículo, tornando essa etapa de ensino mais interessante para os jovens e reduzindo a evasão. O desinteresse pelos jovens também leva à reprovação constante, o que também afeta a determinação de continuar ou não.

Os professores desempenham um papel importante na luta contra o abandono escolar. Carbonell (2002, p. 19) sugeriu que, para estimular os

alunos e engajá-los em uma formação efetiva, são necessárias propostas transformadoras, pois “promovem uma aprendizagem mais envolvente, eficaz e bem-sucedida”. Para o autor essas recomendações requerem ações substanciais em diferentes áreas, exigindo: Mudanças de atitudes, pensamento, cultura, conteúdo, modelos e práticas de ensino. e, por sua vez, introduzir uma linha Atualizações, novos programas e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem, modelos de ensino e outra forma de organização e gestão curricular, dinâmica escolar e de aula.

Cabe ressaltar que o sucesso da conduta educativa está intimamente relacionado com a atitude cotidiana do educador, não se limitando apenas a medidas pontuais e isoladas. Segundo Maturana (2015), o ensino não se limita à elaboração de uma atividade ou ação, mas está relacionado aos valores comunicados pelo educador e como esses valores vivem em manifestações comuns estão inter-relacionados.

[...]faz -se necessário (ao professor) abandonar as maneiras de olhar já incorporadas em nós como pensamentos habituais, suspender os pensamentos condicionados culturalmente e exercita o olhar e a escuta da experiência em toda sua expressão, abertos ao espaço para o conhecimento da experiência e da conduta (ROSSETO,2010, p. 14).

Maturana (2015), defende que o educador deve agir criticamente e repensar sobre “o ser e o fazer” para que ações pedagógicas possam cumprir seu papel de auxiliar na ressignificação social.

As escolas só podem alcançar a qualidade global conscientizando os alunos para a mudança, promovendo a igualdade social por meio de um currículo que altere sua concepção de mundo e, assim, estimulando sua compreensão das necessidades de intervenções ao seu redor. Além de ser um direito, a educação orienta os jovens a superarem barreiras desiguais e desenvolverem cidadãos independentes com maiores oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Economica Aplicada (IPEA): “(...) quando a tecnologia muda permanentemente, como ocorre atualmente, a velocidade de adaptação depende do nível de escolaridade” (IPEA, 2006). Isso porque, mais importante, a educação é o

elemento que capacita o indivíduo para uma maior aprendizagem ao longo da vida.

Ao abandonar a escola, os jovens limitam suas oportunidades de integração e participação na sociedade, ora envolvendo atividades profissionais, desenvolvimento pessoal, ora exigindo respeito aos seus direitos.

Ou seja, deixa de exercer sua plena cidadania, limitando suas perspectivas de futuro. Por meio da educação, os jovens adquirem o conhecimento para intervir e mudar seu ambiente, tornando-se independentes e protagonistas em sua sociedade. Portanto, a redução da evasão não é apenas uma questão educacional, mas também uma questão socioeconômica que afeta e divide a produção social e a estrutura organizacional.

5.5 Indicadores sociais: retrato das oportunidades no Brasil

Dados do estudo “Desigualdade Social de Raça ou Cor no Brasil”, IBGE, de 2018, mostram que os alunos brancos continuam em queda, em contraste com o índice dos alunos negros (que aumentou de 7,7% em 2017 para 7,8% em 2018), embora as taxas de evasão escolar no ensino médio tenham diminuído para estudantes brancos e negros nos últimos anos. Em 2019, 3,6% das pessoas brancas de 15 anos ou mais eram analfabetas, enquanto entre as pessoas negras esse percentual chega a 8,9%. O estudo demonstrou ainda que a queda segue entre os estudantes brancos, ao contrário do índice entre os alunos negros.

Além do acesso à educação, a desigualdade racial afeta o direito de aprender, como mostra um estudo recente, realizado a pedido da *Lehman Foundation*⁷ (*Interdisciplinary and Evidence in Educational Debates*)⁸. O estudo, com dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), mostrou que em todos os estados do país, do 5º ao 9º ano, nas disciplinas avaliadas (Português e Matemática) há uma disparidade considerável entre

⁷ Fundação Lehman

⁸ Interdisciplinaridade e Evidências em Debates Educacionais

os percentuais de alunos negros e brancos que atingem um índice de aprendizagem adequado.

Por exemplo, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2018), os negros representam 70% dos que estão abaixo da linha da pobreza. Nessa perspectiva, a construção de uma sociedade mais igualitária requer a compreensão do papel de cada estrutura socioeconômica na reprodução do racismo para o desenvolvimento de estratégias eficazes de enfrentamento.

Diferenças sociais entre brancos e negros são nítidas na vida cotidiana. A desigualdade racial estrutural e sistêmica no Brasil é inquestionável e persiste pela fragilidade das políticas públicas para enfrentá-la. Na educação, essa desigualdade é palpável, e combatê-la é fundamental para qualquer mudança, por isso é impossível imaginar uma sociedade igualitária sem uma efetiva educação antirracismo.

No entanto, podemos dizer que se refere à necessidade de os indivíduos não conseguirem manter um padrão mínimo de vida condizente com o referencial estabelecido pela sociedade em cada contexto histórico. Assim, a abordagem conceitual da pobreza absoluta requer que primeiro sejamos capazes de construir uma medida invariante no tempo das condições de vida dos indivíduos na sociedade. O conceito de linha de pobreza é equivalente a esta medida. Em última análise, a linha de pobreza pretende ser um parâmetro que permite a uma determinada sociedade tratar todos os indivíduos abaixo de seu valor como pobres.

Neste trabalho, consideramos a pobreza em termos de uma dimensão específica (obviamente simplificada) de insuficiência de renda, ou seja, somente quando a renda per capita de um domicílio está abaixo do mínimo necessário para atender às suas necessidades mais básicas.

O nível de pobreza está diretamente relacionado ao número de domicílios com renda per capita abaixo da linha de pobreza e à distância entre a renda per capita de cada domicílio pobre e a linha de pobreza. Os resultados das PNADs (Insper Instituto de Ensino e Pesquisa São Paulo, 2009) mostram que, em 1998, aproximadamente 14% da população brasileira, vivia em domicílios com renda abaixo da linha da pobreza e 33% em domicílios com renda abaixo da linha da pobreza.

Em 2021, 62,5 milhões de pessoas (ou 29,4% da população do país) estavam na pobreza. Entre estas, 17,9 milhões (ou 8,4% da população) em extrema pobreza. Sendo esses dados os maiores percentuais de ambos os grupos, dados considerados pelo Banco Mundial (Síntese dos indicadores sociais 2022- IBGE).

Houve crescimento recorde para o contingente abaixo da linha de pobreza, que cresceu 22,7% (ou mais 11,6 milhões de pessoas) e o das pessoas na extrema pobreza, que aumentou 48,2% (ou mais 5,8 milhões).

Considera-se linha de pobreza os rendimentos per capita a R\$ 486 mensais per capita. Já para a linha de extrema pobreza é de R\$ 168 mensais per capita.

Os números e percentuais de pobreza e extrema pobreza indicam uma situação alarmante de desigualdade e privação no Brasil. É importante destacar que essas estatísticas refletem a realidade econômica e social do país, que é afetada por diversos fatores, incluindo crises econômicas, desemprego, desigualdade de renda e acesso limitado a serviços básicos.

A pobreza e a extrema pobreza têm impactos significativos nas vidas das pessoas, afetando sua qualidade de vida, acesso a educação, saúde, alimentação adequada e habitação, entre outras necessidades básicas. Esses números também podem refletir desafios sociais mais amplos, como a falta de políticas eficazes de proteção social e a necessidade de abordar as desigualdades econômicas no Brasil.

O aumento acentuado na pobreza e extrema pobreza entre 2020 e 2021 pode ser atribuído, em parte, aos efeitos econômicos da pandemia de COVID-19, que afetou os meios de subsistência de muitas famílias e indivíduos. Também destaca a importância de políticas de proteção social e medidas de apoio econômico em tempos de crise.

Para enfrentar esse desafio, é fundamental que o governo, a sociedade civil e instituições internacionais trabalhem juntos para implementar políticas e programas que reduzam a pobreza, promovam a inclusão social e garantam que as necessidades básicas da população sejam atendidas. Isso

inclui medidas para criar empregos, melhorar o acesso à educação e à saúde, aumentar a renda das famílias e fortalecer as redes de segurança social.

Tais números destacam a urgência de abordar as questões de desigualdade e pobreza de maneira eficaz, a fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas e promover um desenvolvimento social e econômico mais equitativo no Brasil.

Ao analisar detalhadamente esse aspecto da determinação da pobreza e com base em diversos critérios, pretendemos demonstrar que a pobreza no Brasil não deve estar relacionada, principalmente, à escassez absoluta ou relativa de recursos. Ao compararmos a renda per capita e os níveis de pobreza do Brasil com o resto do mundo, verificamos que o Brasil apresenta níveis de pobreza mais elevados do que países com renda per capita semelhante. Podemos decompor a pobreza em duas dimensões : (a) a baixa renda per capita do Brasil e (b) O grau de desigualdade na distribuição dos recursos existentes no Brasil. A primeira dimensão é o nível médio de pobreza em países com nível de renda per capita semelhante ao Brasil, que está associado a uma renda per capita menor em relação aos países mais ricos do mundo. A segunda dimensão é a diferença entre os níveis de pobreza no Brasil e outros países com renda semelhante à brasileira.

Em segundo lugar, quando comparamos a renda per capita do Brasil com a linha de pobreza nacional, podemos notar que se a renda média no Brasil estiver significativamente acima da linha de pobreza, podemos relacionar os níveis de pobreza com a concentração de renda.

Nesta seção, definimos um exercício redistributivo que considera o cenário ideal de uma distribuição de renda perfeitamente equitativa (impossível e não necessariamente desejável), bem como um cenário em que os níveis de pobreza são reduzidos pela alocação progressiva dos recursos disponíveis. Demonstramos que em países onde a renda per capita está bem acima da linha da pobreza, uma distribuição mais equitativa dos recursos pode ter um impacto relevante na pobreza.

Em terceiro lugar, descrevemos brevemente os padrões de consumo das famílias brasileiras com renda per capita em torno da média nacional. Com os padrões de consumo satisfatórios dessas famílias, obtemos evidências

adicionais de que a pobreza no Brasil é principalmente um problema relacionado à alocação de recursos e não à sua escassez. O Brasil e o Mundo: Comparação da Estrutura da Pobreza Analisar a estrutura da distribuição de renda mundial contextualiza a posição relativa do Brasil nos cenários internacionais. Observamos que cerca de 64% dos países do mundo possuem renda per capita menor que a do Brasil.

Por outro lado, como alguns países populosos são inferiores ao Brasil nessa estrutura de distribuição de renda, concluímos que cerca de 77% da população mundial vive em países com renda per capita inferior ao Brasil. Assim, essa distribuição da renda mundial, construída a partir do Relatório de Desenvolvimento Humano (BRASIL, 1999) e apresentada que embora o Brasil seja um país pobre, sua população não é uma das mais pobres do mundo. Comparações internacionais em termos de renda per capita colocam o Brasil como o terceiro mais rico do mundo, então não podemos considerá-lo um país pobre. Por se tratar de uma análise comparativa, sabemos que a razoável posição relativa do Brasil pode ser atribuída à concentração da distribuição de renda mundial.

O Brasil, portanto, não é um país rico em comparação com os países industrializados, mas, em comparação com outros países em desenvolvimento, é, em princípio, um dos países mais bem posicionados para enfrentar a pobreza de sua população. Mantendo uma perspectiva comparativa internacional, explicando os determinantes econômicos da pobreza, vemos que, para explicar a posição relativa do Brasil, precisamos considerar os determinantes da escassez ou distribuição de recursos no mundo.

Nesses aspectos, a pobreza do Brasil pode estar relacionada ao fato de que há um alto grau de desigualdade na distribuição de recursos. a tentativa de esclarecer essa questão e definir o poder explicativo das duas alternativas propostas, comparamos os níveis de pobreza no Brasil com outros países com renda per capita semelhante. Essa comparação deixa bem claro que o Brasil apresenta níveis de pobreza significativamente maiores do que a média de países com renda per capita semelhante à nossa, sugerindo uma correlação entre má alocação de recursos e o nível de pobreza no país.

A amostra que enquanto no Brasil cerca de 30 por cento da população é pobre, é inferior a 10 por cento em países com renda per capita semelhante à

brasileira. De fato, levando em conta os níveis de renda e pobreza relatados pelos países no Relatório de Desenvolvimento Humano, podemos definir um padrão internacional que atribui apenas 8% do valor previsto de pobreza aos países com renda per capita equivalente a esse nível. Brasileiro.

Se a desigualdade de renda do Brasil correspondesse à desigualdade média global associada a cada nível de renda per capita, apenas 8% da população brasileira estaria na pobreza. Em consonância com as normas internacionais, este valor será aquele que podemos associar estritamente à escassez geral de recursos no país. Pobreza relativa e riqueza relativa: é possível o Brasil enfrentar a pobreza? Definir uma visão para o combate à pobreza exige que façamos explicitamente a pergunta: a sociedade brasileira pode e tem a dotação de recursos para erradicar a pobreza?

Essa questão-chave levanta a possibilidade de enfrentar a realidade empírica de que a pobreza está disseminada em grande parte da população, mas, além disso, os recursos disponíveis são insuficientes para tirar esse segmento da população do que tem sido identificado como condições de vida precárias. Assim, nossa questão diz respeito à riqueza relativa do Brasil em uma situação em que é possível eliminar sua pobreza endógena. Podemos estimar a evolução do produto interno bruto (PIB) per capita e da renda domiciliar per capita como linhas de pobreza e múltiplos da linha de pobreza, respectivamente.

O sociólogo Osório (2003,p.18) observou em um texto que discute a taxonomia utilizada pelo IBGE sobre a identificação a filiação racial:

A classificação de “cor ou raça” empregada pelo IBGE em suas pesquisas, ao contrário do que alguns pensam, não foi inventada por burocratas, tendo mais de um século de história. No século XIX, o vocabulário étnico e racial era muito mais elaborado e diversificado do que o correntemente empregado. Tomando, por exemplo, termos empregados por Nina Rodrigues (1988) e presentes nas seções de jornais analisadas por Schwarcz (1987), constata-se que há termos que são relacionados à posição no sistema escravocrata: escravo, peça, liberto, livre e forro. Esses termos podem aparecer como substantivos ou como adjetivos, como em “preto forro”. Outros termos dizem respeito à origem étnica, compreendendo fula, nagô, angola, mina, entre outros; esses também podem aparecer como substantivos ou como adjetivos (“preta mina”, etc.). Há também os termos que designam vários tipos de mestiçagem: crioulo, mulato, caboclo, cafuzo e mameluco. Finalmente, há os termos mais relacionados às variações da cor da pele: negro, preto, pardo, branco, retinto, azeviche, oviano, cor retinta. Cores esdrúxulas, como a “cor tostada de lombo assado” já eram empregadas (OSÓRIO, 2003, p. 18).

Para Carneiro (2003) é uma tentativa de dissolver politicamente os negros para que eles não se identifiquem como tal. Exemplifica que brancos ainda que tons de pele diferentes, permanecem brancos, já os negros dependendo do tom de pele são chamados de pardos, morenos e muitas outras classificações.

5.6 Mercado de trabalho

O economista clássico Adam Smith mencionou pela primeira vez o mercado de trabalho no final do século XVIII. Nessa perspectiva, o mercado de trabalho funciona da mesma forma que qualquer outro mercado, validando o comportamento econômico de empresas e indivíduos que buscam maximizar seu bem-estar, enquanto as funções de oferta e demanda do emprego dependem dos níveis salariais. Se oferta e demanda não combinam, se todos os trabalhadores não conseguem emprego, é porque os salários são muito altos.

Enquanto o custo marginal da empresa for menor que a produtividade marginal do trabalho, as empresas tenderão a contratar trabalhadores. A queda dos custos do trabalho traduz-se num aumento da oferta de postos de trabalho. Intervenções de sindicatos, acordos coletivos etc., que afetam os níveis de salários reais que se desviam dos parâmetros de equilíbrio, geram desemprego (Brémont e Gélédan, 1984). No sentido clássico, o trabalho é um produto onde os trabalhadores são vendedores e os empregadores são compradores, os salários são levados em consideração e os preços e os mercados de trabalho representam o espaço em que essas transações ocorrem. À medida que os trabalhadores se movem livremente entre as organizações, os diferenciais de preços entre as empresas diminuirão e, eventualmente, um equilíbrio salarial em todo o mercado poderá ser alcançado.

Esse arranjo faz parte do sistema de produção capitalista mais amplo e cumpre duas funções: aloca os trabalhadores da sociedade em diferentes espaços de produção e garante que os envolvidos nessa relação recebam renda (HORN, 2006). Segundo o marxismo, tratar o trabalho como mercadoria, como sugere a teoria clássica, leva à exploração dos trabalhadores. A propriedade dos meios de produção e o desenvolvimento da tecnologia

permitem aos capitalistas manter uma parte dos trabalhadores desempregados.

A existência desse exército de reserva de trabalhadores permitirá manter os salários o mais próximo possível da subsistência. Mesmo que o pleno emprego seja alcançado em algum momento, isso não durará porque o capitalismo é caracterizado pela instabilidade dinâmica, que se traduz em uma crise econômica. De acordo com esse aspecto, a organização do mercado de trabalho é caracterizada por uma distribuição desigual dos recursos de poder entre os dois partidos e entre os diferentes membros (trabalhadores ou organizações) dentro de seus respectivos grupos. Além disso, o lado da oferta tem uma grande fraqueza, tornando difícil, se não impossível, negociar e deixar a organização definir o preço.

O desemprego é, portanto, uma tendência capitalista, pois suporta um declínio nos salários reais e permite uma maior exploração dos trabalhadores (Brémond e Gélédan, 1984). Entretanto, ao analisar o mercado em termos de dois grandes grupos (classes), Marx manteve sua compreensão da economia clássica, onde a relação é baseada na oferta e demanda de trabalho. Sua maior contribuição está na articulação entre o mercado de trabalho e o funcionamento do capitalismo, ressaltando que o processo de trabalho está em constante mudança através da mudança tecnológica no processo de reprodução do capital na busca constante pela expansão da mais-valia. Portanto, a organização do trabalho também mudará em uma escala mais ampla, a estrutura do mercado de trabalho.

Na perspectiva neoclássica surgida no final do século XIX, os níveis de emprego também eram resultado de um confronto entre oferta e demanda. Os salários (ou preços do emprego) são as variáveis estratégicas para alcançar o equilíbrio. No entanto, nesta perspectiva, a formação (universidade, tecnologia etc.) pode ser vista como um investimento em "capital humano", onde a rentabilidade é função do custo da aprendizagem e da perspectiva de renda relacionada aos diferenciais de renda. Os trabalhadores recebem qualificações ao longo de uma vida ativa.

A oferta de trabalho, por sua vez, contém questões relacionadas à produtividade individual, como as decisões de investimento em capital humano, que determinam a proficiência ou ocupação do trabalhador e o acesso ao lazer.

Também acredita que os trabalhadores são livres para se deslocar e que podem escolher entre uma variedade de opções no mercado de trabalho de acordo com seus gostos e preferências, habilidades e habilidades específicas e, como tal, serão pagos de acordo com sua força de trabalho.(KOPISHINA, 2001).

Os defensores do keynesianismo ganharam destaque na primeira metade do século 20, questionando a existência de tais mercados de trabalho, alegando que as necessidades de trabalho das empresas não eram determinadas pelos salários. As necessidades de mão de obra de uma empresa são o resultado de sua produção, que está relacionada ao nível de demanda que a empresa busca satisfazer. Assim, a quantidade de mão de obra demandada é definida fora do modelo de equilíbrio do mercado de trabalho defendido pelos neoclássicos, e o nível de oportunidades de trabalho pode ser inferior à disponibilidade de mão de obra, configurando assim uma situação de desemprego.

O nível de emprego de equilíbrio nem sempre é o pleno emprego porque a oferta de trabalho é determinada pelos juros salariais baseados no poder de compra de seus bens de consumo (SINGER, 1979). Em qualquer um desses métodos, o espaço de trabalho é tratado como um todo, para que todos os trabalhadores possam se candidatar a qualquer vaga oferecida. Ao tratar o mercado de forma tão ampla é possível produzir diferenças no mercado mesmo levando em conta poder e conflito (Marx), qualificações (neoclássico) e intervenção estatal (keynesiano), regional, demográfico e arranjo profissional.

Relações laborais para que coexistam vários mercados, essa possibilidade de diversidade no espaço de trabalho é um pouco superada pela teoria da segmentação, descrita abaixo. Para os defensores da teoria da segmentação, o mercado não é um único espaço competitivo no qual todos os empregos estão igualmente disponíveis para todos os trabalhadores, e sim um conjunto de segmentos que não competem entre si, mas retornam o capital de maneiras diferentes. Humanos, porque existem barreiras que não permitem que todos beneficiem igualmente do mesmo nível de educação e formação. Assim, haverá um mercado interno onde os trabalhadores estarão mais protegidos e terão melhores condições de emprego e qualificação, e um

mercado externo onde os empregos serão geridos segundo as regras da economia clássica.

De acordo com Gambier e Vernieres (1991), como uma empresa vive em um ambiente de informações incompletas e mutáveis, ela precisa se adaptar à incerteza e instabilidade e organizar seu trabalho de acordo. Essa lógica geral da gestão humana contém, em primeiro lugar, dois aspectos contraditórios: a necessidade de fornecer trabalho ao menor custo possível e o desejo de melhorar a eficiência do trabalho.

Essas duas abordagens levam a caminhos diferentes e, portanto, a formas diferentes de gestão humana. Ainda de acordo com essa teoria, múltiplos mercados de trabalho, formados pela diversidade de atividades profissionais, podem apresentar alta demanda em alguns setores e falta de demanda em outros. Além de cursos, localizações geográficas de empregos e força de trabalho, qualificações exigidas, restrições de idade, o número de mercados de trabalho vinculados se multiplicou. Essa diversificação explica por que, mesmo em tempos de desemprego em massa, certos setores podem estar com falta de mão de obra.

A teoria da segmentação não apenas assume que os submercados existem independentemente uns dos outros e operam em um ciclo fechado, mas essa segmentação é o núcleo do mecanismo de funcionamento do mercado de trabalho. Entre as várias abordagens de segmentação, a ideia de dualidade no mercado de trabalho tem sido enfatizada nos estudos latino-americanos (CUNHA, 1979). De acordo com essa visão, o mercado de trabalho terá um setor primário (ou central) caracterizado pela segurança do emprego, onde os procedimentos sociais são regulados pelo Estado; um setor secundário (ou periférico), caracterizado por baixos salários, alta rotatividade de trabalhadores, falta de Qualificações limitadas, oportunidades de avanço e falta de segurança no emprego.

Este segmento é claramente desfavorecido e é composto por trabalhadores em posições vulneráveis: trabalhadores migrantes, mulheres, mão de obra pouco qualificada, trabalhadores em empresas subcontratadas etc. Nos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, a ideia de segmentação do mercado de trabalho é frequentemente usada para entender a alta desigualdade de renda. existir. Para alguns autores, a concentração de

renda se deve a grandes diferenças salariais entre trabalhadores - mesmo com capacidades produtivas semelhantes - devido à existência de dois mercados: um formal e outro informal (CAMARGO, 1989; FERNANDES, 1996). Na parte formal estarão os trabalhadores com “contratos registrados” protegidos pela legislação trabalhista; no caso informal, aqueles que não gozarão de todos os benefícios legais.

Nos países desenvolvidos, o modelo fordista facilitou a expansão da parte central, protegida pelo modelo de renda salarial. No entanto, com a mudança no mundo do trabalho na década de 1970, principalmente a introdução de novas tecnologias, e com a diminuição da mão de obra, o mercado adotou um novo modelo, mais “flexível”, no qual os trabalhadores fora do núcleo foram ampliados. Assim, diferentes classes de trabalhadores passaram a coexistir, formando uma classe central composta por trabalhadores estáveis, protegidos pelas regras que regem o trabalho remunerado, que constituíam o mercado de trabalho primário.

Seguem-se duas partes periféricas: primeiro, formando um mercado de trabalho secundário, onde os trabalhadores têm tarefas e competências menos complexas; e segundo, integrando vários tipos de trabalhadores com qualificações mais elevadas, a tempo parcial ou trabalho contratado. Por fim, há um grupo marginal formado por trabalhadores fora do mercado formal que podem prestar serviços à organização de acordo com suas necessidades (ATKINSON, 1988; CERDEIRA, 2000).

Sob esse ponto de vista, a segmentação será uma forma da empresa tentar solucionar a crise do fordismo, ou seja, a parte principal continua mantendo a estabilidade da produção e mantendo a demanda constante; a segunda parte ajuda a reduzir os custos da empresa e garantir a flexibilidade de produção. Essa fragmentação do mercado de trabalho se manifestará na economia por meio do estabelecimento de contratos a termo certo, da extensão do trabalho temporário etc. As indústrias que utilizam mão de obra pouco qualificada e demandam tecnologia de fácil absorção pelos países vizinhos estão destinadas a entrar no contexto das fronteiras abertas.

Dado o baixo custo e baixa qualificação da mão de obra dos países em desenvolvimento, a manutenção de empregos nos países industrializados não pode acontecer em todos os campos: é preciso escolher especializações que

correspondam às suas vantagens comparativas, abandonando setores industriais inteiros.

No Brasil, o modelo Ford não se consolidou e o mercado de trabalho ainda é caracterizado pela heterogeneidade da relação de trabalho, pela busca da flexibilização e pela contínua desregulamentação das leis trabalhistas levando a uma força de trabalho mais fragmentada. A flexibilização trouxe um novo arranjo contratual em que a mão de obra pode ser alocada interna ou externamente, em volume ou função, ampliando o mercado de trabalho do país. O Brasil tem formas especiais de flexibilidade de trabalho em alguns casos, como estágios não obrigatórios e trabalho freelance nas áreas de jornalismo (BUKHARDT, 2006) e ciência da informação. Essas peculiaridades de cada sociedade dificultam a compreensão da estrutura do mercado de trabalho.

6 REPENSANDO A EDUCAÇÃO

Há uma entrevista do então presidente do Brasil (2018 -2022), em que afirma que: " Cultura tem que estar de acordo com a maioria da população", essa frase ou essa forma de pensar não revela apenas a falta de alteridade é o próprio racismo, a exclusão, ela aponta um viés ideológico opressor e massificador que busca uma estrutura mantenedora nas relações sociais, não atoa nessa organização política os primeiros pilares atingidos são os das "humanidades", pois assim facilita a manipulação da massa e posterior doutrinação.

Faz-se latente analisar as distintas funções atribuídas a escola e a educação, busca-se sobretudo com esse estudo instrumentos para dar conta da realidade e para que não aconteçam mudanças pontuais e sim uma modificação educacional, respaldada nas práxis, na perspectiva do pensamento dialético.

O pensamento analítico tem o poder de aniquilar a ideia de normalidade que o senso comum oferece, de contestar a distorção de valores, como escreveu Bertold Brecht no poema "Perguntas de um trabalhador que lê", são tantos relatos, tantas perguntas.

História é poder, um povo destituído de seu legado (sua história) está sujeito a vulnerabilidade. Temos construído nas crianças e adolescentes a desumanização dos povos pretos e a ideia construída sob a óptica da branquitude de uma subalternidade negra. Nesse sentido, o reconhecimento (pertencimento) através da história, contribuição das civilizações africanas para as ciências e um olhar que antecede a barbárie da escravidão possibilitariam aos alunos uma construção positiva sobre si. Diz muito sobre uma sociedade a naturalização da violência, culpabilizar a vítima, buscar meios de manter a escravização e as diversas formas que tal condição viola a condição de humano e se negar a olhar os atos inaceitáveis dos feitores e/ou senhores por traz das ações, como defende Dussel a libertação a partir da tomada de consciência, de um olhar crítico.

Diz muito sobre a sociedade e suas nuances quando se percebe através de estudos que a maioria das pessoas de pele preta que ingressam nas universidades tem pesquisado assuntos referentes a negritude e ou

formas de diminuir os impactos causados pelo racismo estrutural, há sem dúvida um grito emergente vindo de diferentes frentes e solicitando que parem de nos aniquilar, pensar a prática educativa faz parte do processo. Utilizar uma educação emancipadora como meio para catarses antirracistas. São apontamentos abordados no terceiro capítulo que propõe repensarmos a educação com abordagens e metodologias antirracistas.

6.1 Abordagens e metodologia antirracista

No currículo educacional ainda há uma idealização social baseada no eurocentrismo, fruto do processo de colonização que persistiu e ainda persiste no Brasil. Esse ideal eurocêntrico existe em muitas disciplinas, de modo que qualquer produção cultural ou intelectual que não esteja relacionada à cultura do colonizador é ilegítima ou mesmo obliterada. Portanto,

vale ressaltar que a visão eurocêntrica que constitui o currículo brasileiro faz parte de um ciclo maior de (re)produção que exclui práticas pedagógicas que não levam em conta a diversidade e a estratificação do conhecimento (SILVA; ROCHA, 2020, p. 4)

Atualmente, muitos currículos ainda reforçam preconceitos e estigmas raciais, discriminando comunidades que não se beneficiam da categorização social relacionada à raça, como as comunidades negras. Dessa forma, a escola reforça todas essas noções [racistas] ao apresentar um mundo onde homens e mulheres negros não têm uma contribuição muito significativa para a história, literatura, ciência etc., resumindo-se a celebrar sua própria boa vontade libertadora brancos conscientes. (ALMEIDA, 2020, p. 65).

Portanto, é necessário rever as práticas curriculares educativas para combater todas as formas de discriminação contra a população negra. A escola, como instituição que dissemina o conhecimento, reverbera não só dentro dela, mas também fora dela, é o melhor ambiente para a implementação de políticas antirracismo, pois “se o racismo é inerente à ordem social, então a única forma de construir instituições é Combata-o implementando práticas antirracistas eficazes” (ALMEIDA, 2020, p. 48). A alfabetização literária é uma prática capaz de cumprir a tarefa de reidentificar o negro no processo de ensino.

Ao trabalhar com textos literários, esse tipo de letramento proporciona aos alunos formas de reconsiderar e reapresentar a participação da comunidade negra no processo de desenvolvimento social, diante da visão eurocêntrica de replicá-la nas instituições de ensino, a Educação do Caráter e formador sociocultural. A literatura, assim, abre janelas para o passado, restaurando identidades violadas na história e estabelecendo novos futuros.

Leis e diretrizes foram implementados para promover a educação antirracismo, incluindo recomendações educacionais em currículos destinados a combater efetivamente a discriminação racial. A pedagogia de combate ao racismo e à discriminação que visa fomentar relações raciais/étnicas positivas visa fortalecer a percepção dos brancos sobre os negros. Entre os negros, poderão proporcionar conhecimento e sensação de segurança e orgulho em sua ancestralidade africana; para os brancos, permitirão identificar a história e a cultura dos negros em seu modo de ser, modo de vida, com os outros, especialmente é a influência, contribuição, participação e importância dos negros nos relacionamentos. (BRASIL, 2005, p. 16)

A Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), determina o debate sobre questões históricas como o preconceito e a violência sofrida por negros no Brasil e introduz conteúdos relacionados à cultura africana nos currículos educacionais, especialmente em português, arte e história. A lei foi o ponto de partida para uma abordagem da raça em sala de aula, possibilitando redefinir a identidade negra no processo de aprendizagem.

Com o tempo, isso possibilita que identidades historicamente silenciosas ganhem seu espaço próprio, principalmente no processo de escolarização. Embora os currículos educacionais sejam fortemente eurocêntricos, as leis destinadas a combater todas as formas de discriminação racial trouxeram mudanças à situação. Portanto, o objetivo é tornar positiva a história e a cultura afro e afro-brasileira, a partir do que já existe. Currículo, mas “(re)formado” (ROCHA, SILVA 2020). Assim, são exemplos de conteúdo: a resistência do Brasil e seus descendentes à escravidão dos negros africanos, a contribuição social, econômica e política da população negra na sociedade brasileira, e a alimentação, tradições etc. Debates sobre raça podem ganhar espaço na sala de aula a partir do ensino de literatura. da literatura aos dados,

pois "é além da simples leitura que a alfabetização literária é a base da literatura.

O processo educacional" (COSSON, 2014, p. 30). A escolarização literária deve abordar questões para além do texto, pois o sentido criado pela leitura propicia um diálogo entre leitor e autor, bem como entre escola e sociedade, quando as visões de mundo são compartilhadas entre os temas no tempo e no espaço. Em uma extensa sequência de práticas de letramento literário (COSSON, 2014), desenvolver a contextualização tópica pode apoiar abordagens educacionais antirracistas.

No entanto, "a contextualização do tópico exige afastar-se de soluções simples e buscar uma aplicação mais rigorosa na execução" (COSSON, 2014, p. 90). Discutir um tema que não se enquadra na abordagem normativa exige esforços tanto do professor quanto do aluno que o apresentou. O combate ao estigma e ao preconceito que existe há muito tempo na educação pode ter efeitos diversos, por isso é preciso estar preparado para as adversidades que podem surgir na prática. A Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), exige professores de português atualizados, atenção às questões raciais e respeito aos direitos humanos.

Assim, ao priorizar a revisão da história da representação negra, os professores estão fomentando leitores críticos que podem mudar a realidade removendo preconceitos e estereótipos raciais que permeiam a cultura brasileira. (GOMES, 2012, p. 173) Os professores precisam, portanto, compreender os debates que estão prestes a apresentar e saber traçar paralelos entre a obra de um texto literário e o próprio sujeito sem correr o risco de fugir da obra em questão.

A preferência por um assunto e o que deveria ser um estudo literário torna-se um estudo desse assunto. Portanto, é preciso definir rigorosamente a obra literária e pedir ao professor de outra disciplina que auxilie no acompanhamento do assunto, que colabore com o conhecimento e a discussão, ajude a compreender e interpretar a leitura. É aí que a interdisciplinaridade entra em jogo na prática do letramento literário, pois supera a fragmentação do saber e equipara o saber ao que se quer expressar.

6.2 Como superar o racismo na escola?

O papel dos professores como mediadores do conhecimento é crucial para a implementação da Lei nº 1. 10.639/2003 (BRASIL, 2003), pois foi sujeito de envolvimento direto no que acontecia em sala de aula e nos conflitos que surgiam do preconceito racial entre os alunos. Se esse profissional não participa ou ignora determinados incidentes, está contribuindo para a persistência do racismo na escola, de modo que seu importante papel no processo de ensino não está sendo cumprido.

O silêncio, intencional ou não, como quem não sabe lidar com o comportamento do sujeito, representa uma das maiores barreiras para manter a questão do racismo naturalizada em sala de aula. Assim, “tornou-se natural olhar para a história negra apenas em termos de escravidão e aceitar os padrões estéticos e culturais da chamada supremacia branca” (BENCINI, 2004, pág. 75). Nesse contexto, devemos considerar que a formação de professores é fundamental para que eles saibam lidar com a diversidade racial que existe em sala de aula.

Portanto, entendemos que a relação entre professor e aluno vai muito além da entrega de um conteúdo específico, ou seja, conteúdo que só é relevante para a disciplina que ele ensina. De fato, essa relação constitui um processo de ensino e aprendizagem mais complexos do que encontramos na maioria das escolas. Deve abranger conteúdos escolares e questões sociais, morais e éticas (TUONO; VAZ, 2017), mas a prática docente nas escolas brasileiras se desvinculou de suas determinações sociais: uma perspectiva social é importante para a construção do conhecimento sobre a relação entre linguagem, sociedade e escola, e revelando pressupostos sociais, capacidade genuína e empenho no combate à desigualdade social (SOARES, 1996, p. 6).

No atual cenário de formação de professores, o que temos é uma replicação de uma prática docente a serviço de uma sociedade capitalista que assume e valoriza a cultura da classe dominante, e essa formação acaba sendo replicada em sala de aula. Na verdade, o professor não é formado como mediador, mas como replicador de uma educação que mantém os padrões etnocêntricos vigentes e rejeita tudo o que é diferente e visto como errado. Como a classe dominante na sociedade brasileira é composta majoritariamente

por brancos, entendemos os problemas associados à cultura negra, por exemplo, serem esquecidas ou negligenciadas, ou seja, "negar a existência de uma cultura de um grupo é negar a existência de sua própria cultura". grupo" (SOARES, 1996, pág. 14).

Aborda a história da escravização negra; apresenta um continente africano estereotipado, destacando sofrimentos e doenças como a AIDS; acredita que o trabalho sobre questões raciais só pode ser feito por professores negros para alunos negros, e acredita no mito da democracia racial, representando a necessidade para as escolas Comportamento que afeta negativamente as relações raciais. A postura errada do professor tende a afastar os alunos dessa escola que desrespeitam os padrões, ou seja, não se identificam com o protagonista da história, com os personagens da narrativa ou com aqueles que ocupam posição de destaque na sociedade. Inserindo ou tentando inserir.

Como resultado, esse aluno normalmente passa por um processo de marginalização e reprovação, não obtendo sucesso no processo de ensino/aprendizagem.

Como sua prática pode ser limitada à teoria, pois conteúdos relacionados à cultura e história afro-americana são esquecidos nos currículos e programas, e longe de serem eficazes na prática, é apenas uma formalidade realizada pela escola em direito. Para cumprir o "protocolo" de pesquisa da diversidade cultural (TUONO; VAZ, 2017, p.65).

Para mudar esse quadro educacional, eles representam atitudes assertivas, por exemplo, aprofundando as causas e consequências da diáspora africana ao redor do mundo e introduzindo a história africana antes da escravidão; focando nas contribuições dos africanos para o desenvolvimento humano e representando os negros em luta como destaque; trata a raça como assunto de todos para reeducar as relações raciais e reconhecer o racismo brasileiro e valorizar a cultura afro-brasileira.

Mais uma vez, a atitude dos professores precisa ser mudada por meio de sua prática. Essa mudança pode ser feita por como mencionado anteriormente, diretrizes para a interface entre teoria e prática são implementadas na formação desse professor. Portanto, os professores podem treinar os alunos a refletir sobre ética, ou seja, estabelecer valores e insights

para lidar com pessoas diferentes antes de agir de forma tendenciosa e ofendê-las. Para tanto, Malachias (2004) propôs quatro pilares educacionais para os professores tratarem as relações raciais. São eles: 1. Aprender a compreender as diferenças e culturas de outros grupos, sem hierarquia e preconceito; 2. Aprender a conviver com tolerância e respeito transcultural; 3. Aprender a fazer as coisas, promover cursos, exercícios, oficinas, seminários que, Exercícios, oficinas, seminários levem em conta conhecimentos bibliográficos sugestivos da cultura e história da população negra no Brasil e no mundo; ...e, a partir desta autocrítica, agir todos os dias para apoiar a superação. Aprender a ser humano é um exercício pessoal necessário que contagia as comunidades ao nosso redor (MALACHIAS, 2004, p. 25).

Ainda com foco na formação de professores, Melo (2013) destaca que o debate sobre etnicidade entre professores e gestores deve ser uma prática permanente, trabalhando assim a diversidade cultural, a empatia, promovendo a conscientização de africanos, africanos e africanos. o currículo é projetado para ampliar a consciência dos futuros professores sobre o assunto: esta disciplina deve fazer um trabalho detalhado, ou seja, os professores vinculando o tema da cultura etno-étnica às suas respectivas disciplinas para que os futuros professores possam internalizar os tópicos discutidos e, assim, mudar seu comportamento na escola para provocar alguma mudança na sociedade (MELO, 2017, p. 210).

É claro que com o passar do tempo a cultura afro-americana ganhou espaço na mídia, na política, na arte e na sociedade em geral, mas ainda nos deparamos com uma prática que dificulta a valorização dos afro-americanos nos espaços escolares. A situação surge em meio à resistência de alguns professores que tiveram que admitir suas próprias fragilidades nas relações raciais em sala de aula. Os livros didáticos também aparecem com destaque no processo. Silva, Souza e Oliveira (2014) relatam a possibilidade de métodos nos livros didáticos e defendem que os professores devem estudar e observar atentamente o que é contado sobre a história negra nos livros.

É necessário que eles aprendam a reconhecer e enfrentar os estereótipos expressos por meio de palavras e ilustrações, para que possam realmente entregar uma história que busque valorizar as identidades negras. Para o autor, a escola, como instituição social responsável pelo processo de

socialização, desempenha um papel importante na formação da consciência histórica dos alunos e na desmistificação dos estereótipos raciais, sendo o livro didático uma ferramenta política e cultural para professores e alunos. , pode colaborar com o processo de desmistificação da história dos negros brasileiros, desde que o recurso não replique no uso pedagógico os conceitos e ideologias do senso comum e a ideologia do branqueamento, os negros são vistos como ex-sujeitos escravizados pelos europeus, incapaz de “Cultura de Produção” (SILVA; SOUZA; OLIVEIRA, 2014, p. 4).

Essa reorganização da formação e da prática docente significa a possibilidade de experimentar, vivenciar e plantar nos espaços escolares, a partir da sala de aula, um novo tipo de interação humano-humano. Entre outros fatores, isso levará a um novo modo de comunicação, novas trocas culturais, interculturais e etnoculturais, que levarão a uma nova forma de construção do conhecimento, uma nova perspectiva histórica em que os afrodescendentes estão. na sociedade em que se encontra.

6.3 A escola reflete a sociedade? Reprodução ou produção de cultura?

Autores de diferentes tendências vêm enfatizando a importância da cultura no mundo contemporâneo. No contexto do pensamento pós-moderno, o papel da cultura na vida social é cada vez mais importante: hoje, até tudo é considerado cultura (BAUDRILLARD, 1997, Apud Featherstone, 1997). Como resultado, a cultura transcenderá a sociedade, se descentralizará e se libertará de seu determinismo tradicional em termos de vida econômica, classe social, gênero, raça e religião.

Na visão de Featherstone (1997), porém, trata-se, na verdade, de uma recentralização da cultura, manifestada na crescente ênfase nos estudos culturais na esfera da vida acadêmica. Uma cultura que há muito está à margem das ciências sociais se moveu para o centro, talvez explicada por tendências mais amplas que enfraquecem as divisões entre campos de estudo e fortalecem a pesquisa interdisciplinar e interdisciplinar.

Para Featherstone (1997), em suma, a descentralização mais geral da cultura acompanhou sua reorientação na vida acadêmica. No campo da

educação, um dos mais famosos autores da teoria crítica do currículo, Michael Apple (1999), defende que as lutas e conflitos culturais não são fenômenos meramente incidentais, mas eventos reais e significativos na luta pela supremacia. Desta forma, as atuais explicações culturais, políticas e ideologicamente centradas ocupam um lugar de destaque nas situações sociais, somando-se à análise de fenômenos complexos e contraditórios que se desenvolvem no plano econômico.

Valorizar e reconhecer a importância da esfera cultural não significa ignorar o poder do capitalismo, o caráter definidor das relações de produção e o poder de classe social.

Nessa abordagem, a cultura é reduzida a um fenômeno incidental, enquanto as tensões, mediações e experiências humanas reais são secundárias (GIROUX, 1983). Assim, no marco do marxismo culturalista, a centralidade da cultura também é enfatizada. Acredita-se que a cultura não esteja dissociada das atividades e interações características da vida cotidiana, o que significa reconhecer a importância das ações e experiências dos indivíduos na análise dos fenômenos sociais.

Para Giroux (1983), apesar de superestimar a experiência vivida, o marxismo culturalista revelou os erros envolvidos em ver a cultura como um simples reflexo da infraestrutura e proporcionou uma visão mais ampla e profunda do âmbito sociocultural. É essa visão que se espalha e se expande nos estudos culturais, dos quais Stewart Hall é um dos autores mais destacados. Em excelente artigo, Hall (1997) reafirma a centralidade da cultura nas situações contemporâneas e enfatiza seu papel constitutivo em todos os aspectos da vida social. Para o autor, estamos de fato diante de uma revolução cultural, evidenciada pela notável expansão do âmbito configurado pelas instituições e práticas culturais. Além disso, devido ao desenvolvimento da tecnologia, principalmente da informática, os meios de produção, circulação e intercâmbios culturais também estão se expandindo.

Em suas palavras: A velha distinção feita pelo marxismo clássico entre a "base" econômica e a "superestrutura" ideológica é difícil de manter no estado atual, onde a mídia também é uma parte importante da infraestrutura física. Na sociedade moderna é também um dos principais meios de troca de ideias. e as imagens que prevalecem nessas sociedades. (pág. 17) A

transformação cultural também progrediu muito rapidamente no nível micro. O termo "centralidade cultural" usado por Hall significa que a cultura penetra em todos os cantos da vida social contemporânea e se torna um fator chave na configuração e transformação do modo de vida cotidiana. Portanto, a cultura não pode ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação aos fatores que fazem o mundo se mover, mas deve ser vista como a coisa fundamental, constitutiva, que determina a forma, o caráter e a vida em movimento.

Percebe-se que os pontos já destacados por autores como Williams e Thompson são reiterados. Além da centralidade da cultura no surgimento de novos campos, instituições e tecnologias, mudanças históricas globais e mudanças no cotidiano relacionadas à indústria cultural, Hall também destaca a centralidade que a cultura ocupa na formação das identidades sociais. Para ele: o que chamamos de "nossas identidades" pode ser mais bem conceituado como a precipitação temporal daquelas diferentes identidades ou posições que adotamos e buscamos "viver" como se viessem de dentro, mas sem dúvida por causa de um conjunto particular de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências que são únicas para nós como indivíduos e únicas para nós.

Em suma, nossas identidades são moldadas pela cultura. Dentro desse ponto de inflexão, alguns temas são privilegiados na análise dos fenômenos sociais, a cultura é elevada a condições que se esforçam para compreender as categorias fundamentais da vida e da organização social, a matriz de conhecimento que facilita o surgimento dos estudos culturais e as mudanças na formação acadêmica hegemônica. Ao mesmo tempo, os autores tentam evidenciar que uma posição que apoia a centralidade da cultura não significa que nada além da cultura exista.

Pelo contrário, significa reconhecer que toda prática social possui uma dimensão cultural porque toda prática social depende e está intimamente relacionada ao significado. Por exemplo, a esfera econômica não funciona ou tem qualquer influência fora da cultura e do significado. Economia e cultura se constituem e se conectam. Essa advertência é, obviamente, valiosa porque evita interpretações precipitadas nas quais Hall e outros autores de estudos culturais foram acusados de reducionismo. O que Hall está realmente afirmando é que toda prática social depende e está relacionada ao significado.

A cultura é uma das condições constitutivas para a existência dessa prática, o que faz com que toda prática social tenha uma dimensão cultural. Aceitando essa visão, não se pode negar a estreita relação entre prática escolar e cultura.

A questão da relação entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura humana, principalmente no momento histórico em que ela ocorreu. A reflexão sobre o tema anda de mãos dadas com o desenvolvimento do pensamento pedagógico. É impossível vislumbrar uma experiência de ensino "desculturalizada" em que não existam referências culturais.

Não há dúvida de que a escola é uma instituição cultural. Portanto, a relação entre escola e cultura não pode ser compreendida como dois polos separados, mas como um universo entrelaçado, como uma teia tecida no cotidiano, com profundas conexões entre fios e nós. Se partirmos dessas afirmações, se aceitarmos a estreita ligação entre escola e cultura, se considerarmos sua relação como parte intrínseca do campo educacional, então vale a pena perguntar por que hoje essa descoberta parece nova, e até considerada por alguns ver autores é especialmente desafiador para a prática educacional.

A escola é uma instituição historicamente estabelecida no contexto da modernidade, concebida como um intermediário privilegiado para o desenvolvimento de funções sociais básicas: difundir a cultura, proporcionar às novas gerações o que há de mais culturalmente significativo. espontâneos com seu entorno. (GÓMEZ, 1998, p. 17) O que caracteriza o universo escolar é a relação entre as culturas, relação essa atravessada por tensões e conflitos. Isso se acentua quando as culturas crítica, acadêmica, social e institucional, profundamente articuladas, tornam-se hegemônicas e tendem a ser absolutizadas em detrimento da cultura experiencial, que, por sua vez, possui profundas raízes socioculturais.

Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças. É essa, a nosso ver, a questão hoje posta. A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com

a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar. Escola, cultura e diversidade cultural: estratégias pedagógicas abordaremos alguns aspectos especialmente significativos na tentativa de promover, no contexto escolar, práticas educativas sensíveis a essas questões. Privilegiaremos duas dimensões: (a) diversidade cultural e currículo, (b) o combate à discriminação e ao racismo no cotidiano escolar natureza humana. Esta afirmação levanta várias questões: Qual é a nossa compreensão de produtos culturais importantes? Quem define os aspectos da cultura, e as diferentes culturas devem fazer parte do conteúdo escolar? Como essas escolhas mudaram e mudaram?

Quais aspectos têm maior impacto nesses processos? Como eles são configurados em cada contexto específico? Segundo Sacristán (2001, p. 21), a educação tem contribuído muito para o estabelecimento e manutenção da ideia de progresso como um processo de progresso contínuo ao longo da história; sustentando na sociedade a esperança, um mundo melhor e um futuro melhor. A crença na educação decorre da crença de que a educação pode melhorar a qualidade de vida, a racionalidade, desenvolver a sensibilidade, a compreensão entre os seres humanos, reduzir a agressão, o desenvolvimento econômico ou dominar o destino e a natureza hostil através do avanço da ciência.

Graças a ela, é possível acreditar que o projeto de ilustração pode triunfar com o desenvolvimento da inteligência, o exercício da razão, o uso do conhecimento científico e o surgimento de uma nova ordem social mais racional. Essa é a utopia que permeia e ainda permeia a escolarização. Tomados em conjunto, esse é o escopo de seu significado. Esse é um padrão cultural que permeia seu cotidiano em meio a tensões e conflitos. Tal modelo seleciona os saberes, valores, práticas e outros referentes que julga apropriados para o seu desenvolvimento. Baseia-se na ideia de igualdade e no direito de todos à educação e à escola.

No entanto, muitas pesquisas e pesquisas têm mostrado como essa visão acaba por transmitir uma visão de homogeneização e padronização de conteúdos e assuntos que existem no processo educativo, assumindo uma visão monocultural da educação, especialmente da cultura escolar. Este

parece ser um problema cada vez mais óbvio. Então o problema é uma visão monocultural da educação. "Outros", "Diferentes" - os de origem popular, afrodescendentes, os pertencentes a povos indígenas, rappers, funk etc. - Mesmo reprovados e excluídos, ao entrarem no mundo escolar, rompem sua lógica e instalam outra realidade sociocultural. Essa nova estrutura escolar se manifesta em diferentes mal-estares, tensões e conflitos, condenados por educadores e alunos.

É a própria visão utópica da escola que está sendo questionada: os desafios do mundo de hoje condenam a fragilidade e inadequação dos ideais "modernos" e começam a exigir e fazer novas perguntas e explorações. Nesse contexto, as escolas não são meramente comunicadoras de cultura, "cultura real", que passa a ser vista como espaço de intersecção, conflito e diálogo entre diferentes culturas. Gómez (1998) propõe que entendamos as escolas hoje como espaços 'interculturais'. Essa perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura e nossa capacidade de reconhecer as diferentes culturas que se entrelaçam no mundo escolar e de reinventar a escola, reconhecendo o que designa, identifica e diferencia a escola.

Espaço social: sua "mediação reflexiva" das interações e influências que diferentes culturas exercem continuamente sobre seu universo e seus atores. Segundo o mesmo autor: A responsabilidade final pela natureza, significado e consistência do que os alunos aprendem na vida escolar é essa interseção cultural vívida, fluida e complexa que ocorre na escola entre conselhos culturais críticos, localizados na ciência, arte e filosofia disciplinas; decisões culturais acadêmicas, refletidas no currículo; influências socioculturais, constituídas pelos valores hegemônicos da cena social; pressões cotidianas da cultura institucional, refletidas no papel da escola como instituição social particular, normas, rotinas e cerimônias, como bem como a identidade cultural vivencial de cada aluno através da troca de experiências.

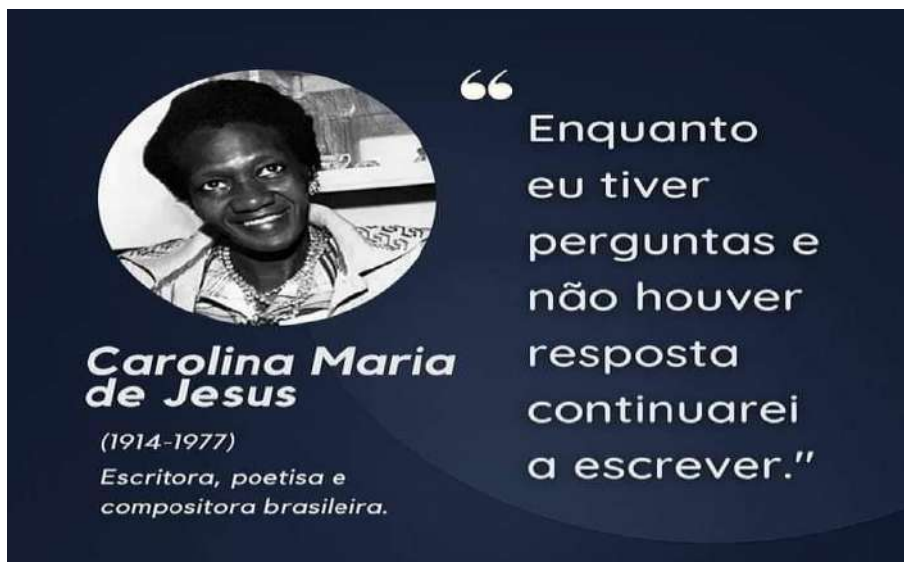


Figura 1 – Carolina Maria de Jesus.

6.4 Formação Continuada – ação formativa

Aos docentes foi ofertada formação continuada para o ano letivo de 2021 e 2022, devido à pandemia ocasionada pelo CORONAVÍRUS (COVID-19). O primeiro ano aconteceu majoritariamente de forma online.

Os encontros aconteceram às terças feiras, na unidade escolar no período destinado ao Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC).

No primeiro encontro, fizemos um levantamento do que queríamos saber e o que sabemos sobre a cultura afro-brasileira ou africana. As respostas para os conhecimentos prévios recaíram sobre o período de escravização: Zumbi dos Palmares, samba, boneca *Abayomi*, religião e tambores. Já, para o que se espera compreender versou de forma uníssona sobre quais seriam as melhores abordagens sobre a cultura afro-brasileira. Propôs-se, então, analisarmos, juntos, as questões sociais e culturais acerca do tema para debatermos coletivamente.

Na sequência, foi proposto aos professores que analisássemos a música “Mestre Sala dos Mares” (BOSCO,1989)⁹. Antes do início da canção, questionei se alguém do grupo sabia sobre que fato faz referência o título desta canção. As respostas ficaram no campo das expectativas sobre dança, carnaval e capoeira. Quando questionei o motivo de tais hipóteses, as

⁹ Music video by João Bosco performing O Mestre Sala dos Mares (Pseudo Video). (C) 1989 BMG <http://vevo.ly/IVVAMW>.

respostas indicaram o que o título sugere. Nesse sentido, como o tema abordado foi sobre africanidades, logo associaram-no à questão cultural. encerrado esse momento passamos a ouvir a canção, acompanhados do texto escrito para melhor compreensão. Ao término dela retomei o questionamento, sobre do que se tratava a canção? Novamente, as respostas indicaram a questão folclórica, porém, agora, ganhando o viés religioso. Apontaram para as palavras: dragão, feiticeiro, piratas, santos, sereias e navegante negro.

Sugeri então, ouvirmos e lermos a versão anterior a censura imposta pela ditadura que omitiu as palavras: bravo marinheiro, almirante, pretos, tripulação apontou-se para a possibilidade de algo relacionado a marinha.

Trouxe, então à público, fatos sobre os quais essa canção versa: falamos sobre os castigos físicos que permaneceram na marinha do Brasil após a abolição; as prisões por vadiagem aliadas à pouca ou nenhuma possibilidade de emprego que levavam as “escolhas” militares; às patentes possíveis à população preta e ao que desencadeou a Revolta da Chibata¹⁰. Trouxe, também, a história de resistência, liderança e luta por liberdade de João Candido¹¹ e dos demais marinheiros do encouraçado Minas Gerais e questionei o grupo sobre não conhecerem lideranças negras e poderem (ou não, exatamente por isso) possibilitarem aos alunos, cotidianamente, uma história pautada em protagonismo preto.

Conversamos sobre a importância de se pensar em uma proposta, em um currículo, em que as questões afro-brasileiras não sejam contempladas de forma isolada, mas que aconteça de forma interdisciplinar, por um olhar antirracista, em que os elementos culturais não sejam menosprezados para enaltecerem diferentes culturas, pois não se trata apenas da questão de

¹⁰ A revolta da Chibata foi um importante marco na luta contra a opressão racial e social no Brasil, uma vez que a maioria dos marinheiros afro-brasileiros, junto com outros apoiadores, buscou o fim dos castigos cruéis e a melhoria de suas condições de vida. Eventualmente, o governo brasileiro cedeu às demandas dos marinheiros e pôs fim aos castigos físicos com chibata na Marinha. (Morel,2019),

¹¹ A Revolta da Chibata ocorreu em 1910 e foi liderada por marinheiros negros da Marinha do Brasil, que se revoltaram contra os castigos brutais que sofriam, incluindo açoitamentos com chibata. Os marinheiros também protestaram contra as condições desumanas a bordo dos navios de guerra. A revolta foi liderada pelo Almirante João Cândido Felisberto, conhecido como "Almirante Negro.(Morel, 2019)"

pertença, trata-se de fomentar cotidianamente elementos que apontem, ainda que de forma velada, para um apagamento cultural do povo preto.

Em seguida levei para a equipe docente os números da evasão escolar dos alunos pretos e pardos. Um levantamento sobre os empregos para os homens e mulheres dessa população e o índice de morte acidentais (por bala perdida), no Brasil, no ano de 2021. Sugeri que as docentes fossem divididas em três grupos e entreguei informações de forma aleatória. Após a leitura e análise, cada grupo compartilhou suas considerações com os demais. Nessa atividade houve certo desconforto em falar sobre tais assuntos. Aparentemente, alguns docentes consideram-no como algo “triste” ou “pesado”. Convidei os grupos a refletirem sobre essas considerações e se, justamente, esse desconforto não estaria na trajetória das pessoas pretas do Brasil e a tentativa de apagamento de toda a luta e genocídio cometido, pois se há vítimas, logo há culpados. Disse ainda que normalmente não se fala sobre o período da escravização, apontando para a violência de quem escravizou, e que o incômodo estaria no fato de que temos que sair da nossa zona de conforto. É preciso repensar as abordagens, metodologias e buscar conhecimento acerca da história, até, então negligenciada. Não há dissociação entre o fazer-professor da questão social atrelada a este papel e isso exige da docência a busca sobre a importância de temas que fomentem/agucem nosso processo de constituição enquanto seres sociáveis. Isso possibilita enquanto formadores, repensarmos práticas internalizadas que precisam ser reconstruídas sobre outro viés, uma vez que a educação em sua função mais salutar, busca o desenvolvimento integral do indivíduo, tornando-o consciente de seus deveres e direitos ao ponto de poder contestá-los, sendo capaz de arguir e questionar sobre o que lhe é imposto.

Finalizamos o primeiro encontro com a premissa de que é dever dos profissionais da educação ofertarem um ambiente livre de preconceitos e julgamentos pessoais oferecendo elementos para que os educandos organizem de forma crítica os conhecimentos dentro e fora do ambiente educativo.

Acordou-se o envio de materiais para leitura. Análise e apreciação, enviados semanalmente para estudo durante o HTPD e posterior debate durante os horários de encontro coletivos.

Analisamos os seguintes livros, filmes e documentários:

MATERIAL UTILIZADO	Tema central
Quando sinto que já sei -Documentário, de Anderson Lima, Antônio Lovato e Raul Perez,2014.	Repensar a estrutura da escola
Livro: Olhos d' água Evaristo, Conceição. Olhos d'água / Conceição Evaristo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.	Narrativas-cotidiano
Mitã: Criança Brasileira (Significa Criança em Tupi-Guarani) O documentário MITÃ, uma produção do Espaço Imaginário com direção de Alexandre Basso e Lia Mattos.2017	Construção da identidade através de brincadeiras, tradição, cultura, valores, respeito e individualidade.
Menino 23 <i>infâncias perdidas no Brasil</i> é um documentário brasileiro de 2016, por Belisário Franca. O título faz referência ao sobrevivente do nazismo no Brasil, Aloisio Silva, chamado apenas por este número durante infância em 1930, quando escravizado em uma fazenda no município de Campina do Monte Alegre.	Aponta sequelas do período escravagista/Racismo estrutural/Desigualdade
Meu pé de laranja lima- VASCONCELOS, José Mauro . O Meu pé de laranja lima . São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017	Violência doméstica /estruturas familiares/organi-zação social
Vídeos Rita Von Huth – Tempero Drag	Identidades, respeito as individualidades; Cultura do medo; Meritocracia; Violência legitimada ou aceitável.
Livro: Quarto de Despejo - Diário de um Favelada. Carolina Maria de Jesus, 1992. GERENTE editorial • Paulo Nascimento Verano editora assistente	Realidade favelas – vulnerabilidade, cotidiano.
M8 Quando a morte socorre a vida - filme brasileiro de 2020, do gênero suspense dramático, dirigido por Jeferson De, e escrito por Jeferson De e Felipe Sholl.	Padrões de comportamento, racismo estrutural.
Acorda Raimundo acorda! - Direção: Alfredo Alves País de Origem: Brasil Gênero: Ficção/Drama Tempo de Duração: 16 minutos Ano de Lançamento: 1990.	Submissão imposta socialmente as

	mulheres, machismo
Coisa mais linda - é uma série de televisão brasileira exibida pelo serviço de streaming Netflix, lançada em 22 de março de 2019.	Análise da Sociedade e seus padrões...machismo, racismo.
Crip Cramp:Revolução pela Inclusão. Nome Original: Crip Camp. Cor filmagem: Colorida. Origem: EUA. 2020 – DOCUMENTÁRIO.	Pessoas com deficiência, sexualidades, padrão social de exclusão
Bom dia, Verônica, é uma série de televisão brasileira que estreou em 1º de outubro de 2020 na Netflix.	Violência contra a mulher, cotidiano
Na minha pele - Lázaro Ramos. Livro físico. E-Book. Audiobook · Amazon · Apple · Google.2017	Cotidiano.
O dilema da Redes- documentário lançado pela Netflix, dirigido por Jeff Orlowski,2020.	Análise comportamental
Café Filosófico: Gestão e Educação (Viviane Mosé) - https://www.youtube.com/watch?v=aZERQv6cz7s	Organização escolar, reprodução, exclusão, manutenção da opressão.
Política, Religião e Futebol se discute? Silvio Almeida, Maria Boop - https://www.youtube.com/watch?v=rCf81Z636ng	Análise social
Porque a educação é o único caminho (Tabata Amaral) - https://www.youtube.com/watch?v=mW0vMQbZ5oY	Estudo complementar
Livro: A cor púrpura - Alice Walker ; Editora · José Olympio,1985	Análise histórica- social-narrativas
Narradores de Javé – filme, dirigido por Eliane Caffé com José Dumont, Nelson Xavi,2004.	Análise social material complementar
E se a educação fosse personalizada (Thyago Rydan) - https://www.youtube.com/watch?v=EjQZ9hVz0Gk	Estudo complementar
Série: Sweet Tooth (episódio I) - é uma série de TV de Jim Mickle e Beth Schwartz,2021.	Estudo complementar - deleite
Educar uma criança é uma ciência exata (Cecília Antipoff) - https://www.ted.com/talks/cecilia_antipoff_educar_uma_crianca_e_uma_ciencia_exata	Estudo complementar
O poder extraordinário da família e da escola (Roberta Bento) - https://www.youtube.com/watch?v=0UkMxKrkgDA	Estudo complementar
Um crime entre nós – documentário, diretora Adriana Yañez,2020.	Infâncias no Brasil; negligencia, abusos.

Dois estranhos - dirigido por Travon Free e Martin Desmond Roe, 2020.	Racismo estrutural e impacto na vida do jovem negro
Guerras do Brasil (Episódio I e II) - série documental produzida pelo roteirista Luiz Bolognesi, de 2019.	Material complementar
Olhos que condenam (episódio I e II) - Lançada em 2019, Olhos que Condenam é uma produção sobre crime em formato de série limitada (ou simplesmente, minissérie).	Análise social-complementar
Antologia de Contos Indígenas de ensinamento –Tempo de Infância - MUNDURUKU, DANIEL. Editora: SALAMANDRA. 2005.	Estudo complementar, narrativas.

O material acima descrito proporcionou ao grupo momentos de análise, reflexão e discussão posterior pois algumas questões são invisíveis a alguns grupos, porém parte da rotina de outros que podem ser alunos e familiares.

Houve a necessidade de adequação devido à pandemia e estado emocional dos professores e a dificuldade do grupo para a questão. Nesse sentido, pensou-se na melhor forma de atingir/sensibilizá-los para a busca e a análise da prática pedagógica, tentando não tornar o momento de formação um fardo (uma vez que cada pessoa tem passado por esse período de forma diferente e sentindo da mesma maneira suas perdas, volume de trabalho e administração de tempo).

No período em que houve restrição para o deslocamento e aglomeração de pessoas, ocasionado pela COVID-19, organizou-se reuniões online através do zoom e google Meet, vídeos e textos com diferentes temáticas para pensarmos sobre estruturas sociais e chegarmos ao racismo e suas sequelas. Cito diferentes temas, pois considerou-se válido após a percepção da postura do grupo docente, traçarmos uma análise social e abordarmos diferentes situações sociais, pensando sobre responsabilidade social da escola e seus agentes, temas de vulnerabilidade cotidiana para traçarmos um paralelo sobre o tema central deste estudo, o pertencimento ou falta de que leva os alunos a abandonarem a escola.

A pauta estabelecida proporcionou estudos e reflexões sobre o racismo institucional e estrutural, passando pela violência simbólica e apagamento cultural e a necessidade de possibilitar histórias do continente e povos africanos, além do período de escravização e suas mazelas.

As observações decorrentes dos encontros formativos com os educadores trouxeram a necessidade da aplicação de um formulário específico para verificação sobre o tema.

Preencheram a pesquisa 16 profissionais, com idade entre 32 e 71 anos, 12,5% declarou ter experiência profissional entre 5 e 10 anos e 87,5% do grupo a mais de 10 anos. Outro dado observado aponta para esfera de atuação, em que 37,5% atuam no âmbito estadual, 37,5% municipal, 6,3% em instituições particulares e 18,8% acumulam função em instituições públicas e privadas.

Nos primeiros questionamentos sobre a prática pedagógica, as questões versavam sobre o que o profissional conhece e como oferece aos alunos em sua prática docente, oportunizar a que os alunos conheçam e problematizem sobre diferentes temas, como tem sido a abordagem sobre diferentes culturas, se há problematização de temas trazidos pelos alunos e o que se sabe sobre a história das pessoas negras no Brasil? E como busca-se oferecer aos alunos tal conhecimento (metodologia)? As respostas traziam procedimentos como centro: escuta ativa, rodas de conversa, adaptação curricular, currículo construído em acordo com a necessidade do grupo e/ou indivíduo e apontou-se para o currículo como algo aberto, cito por considerar relevante nenhum dos participantes posicionar-se apontando para a necessidade de uma teoria pedagógica e justificando sua ação metodológica.

No questionamento sobre ter conhecimento sobre as leis nº 10.639 de 2003 e lei nº 11645 de 2008 e o que elas determinam, 62,5% declarou ter ciência e que as mesmas versam sobre a obrigatoriedade de trabalhar as culturas indígenas e africanas ou afro-brasileiras nas escolas, 25% manifestaram não conhecer ou a necessidade de se aprofundar, 11,5% analisaram como política de reparação e 1% declarou que embora conheça, não percebe aplicabilidade no município.

As questões seguintes trouxeram o olhar do profissional sobre a escola e o país, questionando a formação do indivíduo de maneira geral e se há a possibilidade de não problematizar as questões sociais e culturais no espaço escolar, se o Brasil promove igualdade de oportunidade e se reproduz padrões? As respostas desenharam um espaço que deve ser lugar de socialização, que deve tratar questões sociais e culturais, espaço de reflexão e

produção de cultura porem que traz conceitos e preconceitos da sociedade e núcleos familiares.

87,5% não se declara racista, 12,5% declaram a possibilidade de ser (talvez!), 75% declaram já ter presenciado uma situação racista no espaço educativo, 20% declaram nunca ter presenciado e 5%, embora não tenha vivência, declara que intervém em situações de racismo.

Os entrevistados se autodeclararam: afrodescendente (1), branco (6), pardo (4), preto ou negro (2), humano (1), não souberam declarar (2), que optaram por não seguirem as nomenclaturas utilizadas pelo IBGE para oportunizar a manifestação e posicionamento individual.

Sobre a evasão escolar estar ligada a questão do pertencimento, 95% dos profissionais se manifestaram, apontando para considerável importância dessa questão, 5% declararam não haver ligação entre os fatores.

Os próximos questionamentos trouxeram à baila como modificar o perfil da escola para uma postura antirracista, também, sobre a reprodução de conteúdo que condiciona indígenas e negros à estereótipos sociais e sobre como propor uma rotina e metodologias que fomentem uma cultura de paz e respeitem a integridade de todos os alunos. As respostas apontaram para abordagens mais próximas, palestras, interação, formação continuada, roda de debate, melhorar o aprofundamento sobre alguns temas e culturas e fazer incursões com fins educativos/culturais por diferentes religiões, a fim de não privilegiar uma, já que se trata de um espaço laico.

Sobre a junção de religião e escola ou a possibilidade de que o educador use como base suas crenças e credos, ideais políticos e valores pessoais de maneira a imprimir tais características nos alunos, as respostas trouxeram em sua maioria a questão da dominação cultural e de massa através da religião, apontando para a impossibilidade, porém houve a análise de que deve ser considerado pelos valores e o posicionamento de que se deve falar sobre, analisar, investigar. Sobre crenças e ideologias as respostas trouxeram 85% de aceitação à ideia de que embora, os docentes tenham suas convicções, deverão agir e programar o conteúdo de forma a que o aluno possa formar sua própria opinião. 10% se manifestaram sobre a possibilidade positiva da influência da religião e 5% declaram que há a possibilidade, porém não o adequado ou usual. Todos posicionaram-se negativamente frente ao

questionamento sobre ser tratado da forma que os negros são tratados no país.

Algumas questões não geraram dados possíveis de serem quantificados através de gráficos devido a subjetividade do questionamento e respostas, mas que estão citados no relato a cima, são os questionamentos: Como tem sido sua abordagem sobre diferentes culturas? O que sabe sobre a história das pessoas negras no Brasil? E como busca oferecer aos alunos tal conhecimento (metodologia)? Costuma ouvir os anseios dos alunos e problematizar as ações a partir dos conflitos ou segue à risca o currículo? É possível pensar sobre a formação do indivíduo de maneira geral sem problematizar as questões sociais e culturais? Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.; considera a escola um espaço para reprodução de padrões sociais? O que é preconceito? O que é racismo? Já presenciou uma situação de racismo na unidade escolar? Como agiu e/ou sentiu ou abordou a questão? Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?; Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente; Considera adequado o contexto histórico que é reproduzido na unidades escolares que corrobora para uma visão deturpada sobre os povos indígenas e negros?; Como propor dentro da escola uma cultura de paz que respeite a integridade de todos os estudantes?; O que acha da junção religião e escola?; É possível que um educador use como base crenças e credos , ideais políticos e valores pessoais de maneira a imprimir tais características nos alunos? Justifique.;

Abaixo gráfico referente as demais questões do questionamento aplicado:

Idade

16 respostas

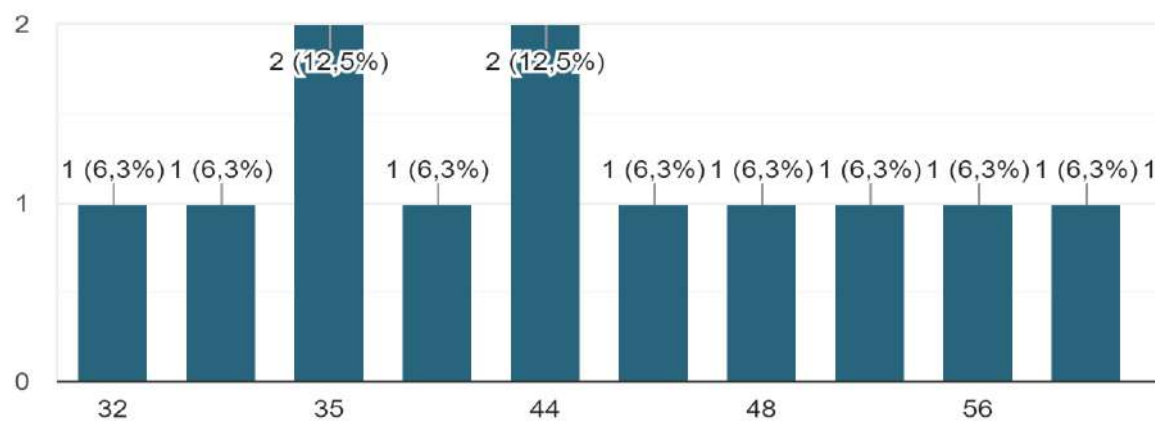


Gráfico 1: Idade.

Gênero

16 respostas

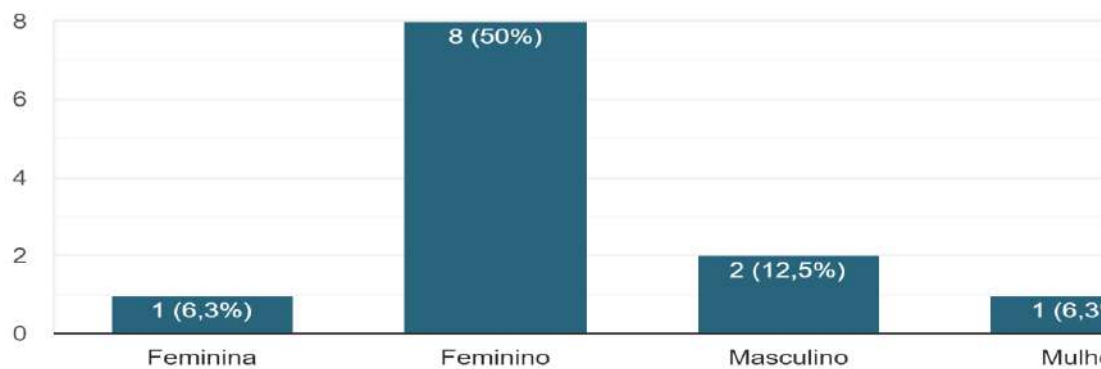


Gráfico 2: Gênero.

Quantos anos de prática docente?

16 respostas

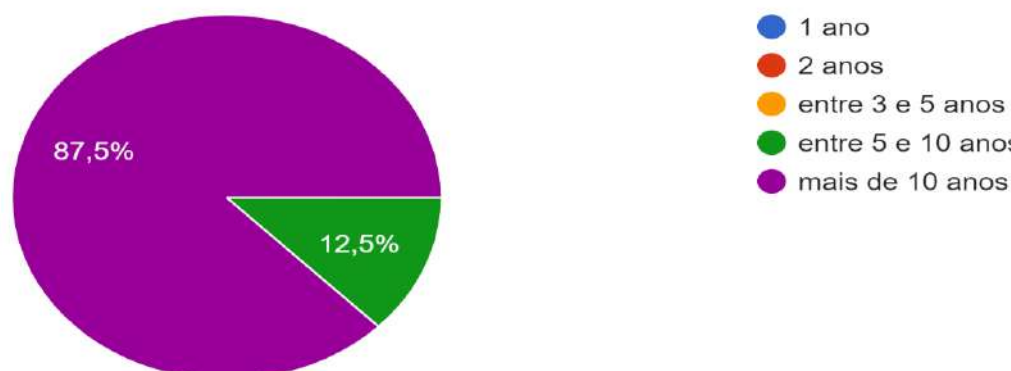


Gráfico 3 :Tempo de Prática docente

Atua na esfera:

16 respostas

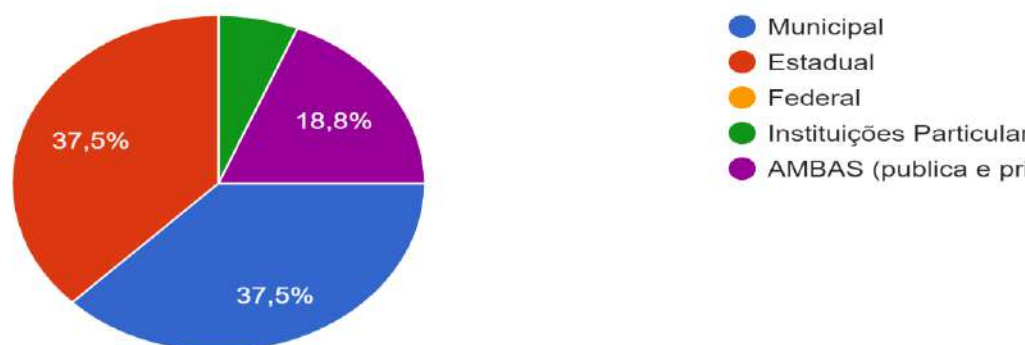


Gráfico 4 : Esfera de atuação.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Concordo livremente com a presente pesquisa

16 respostas

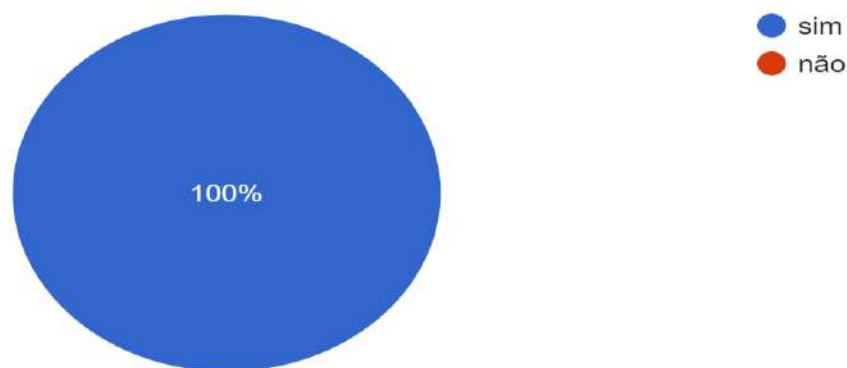


Gráfico 5: TCLE

Sua prática pedagógica está voltada para oportunizar os alunos a conhecer e problematizar diferentes temas?

16 respostas

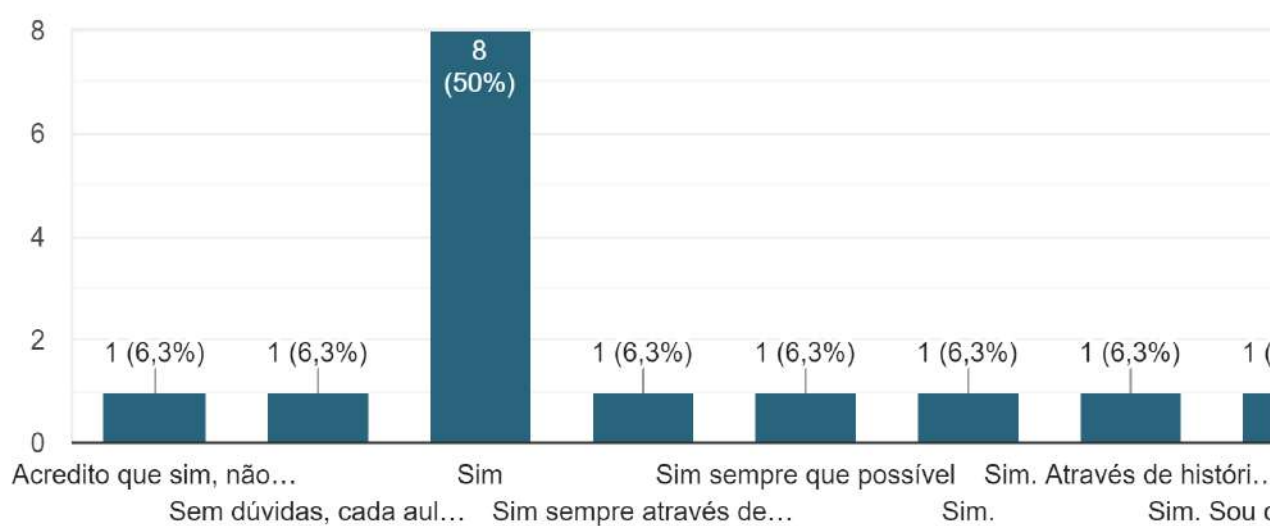


Gráfico 6 : Prática Pedagógica quanto a problematização e abordagem a diferentes temas.

Tem conhecimento sobre as leis nº10.639 de 2003 e lei nº11645 de 2008? Sobre o que elas versam?

16 respostas

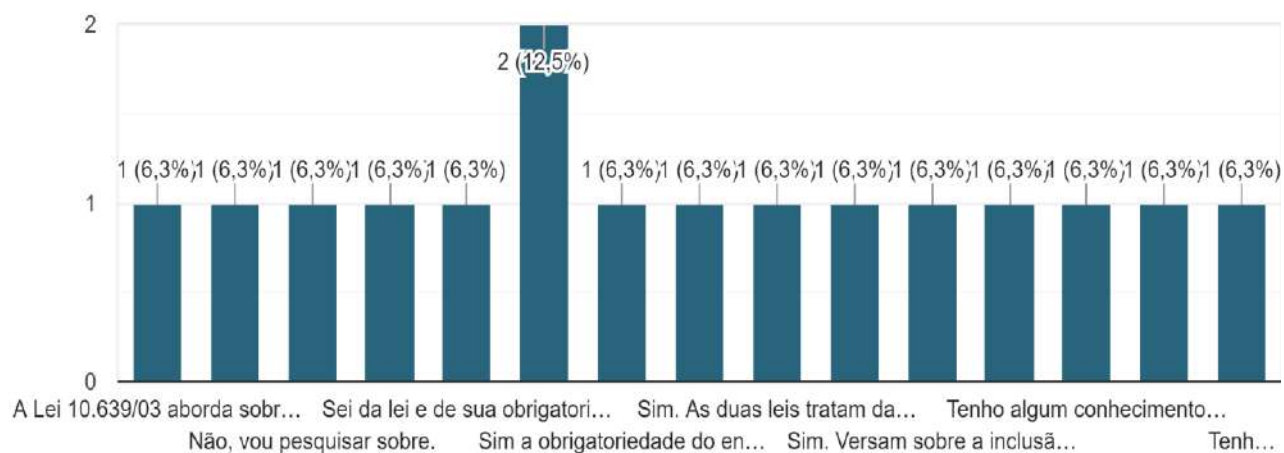


Gráfico 7: Conhecimento sobre as leis nº10.639-2003 e nº11.645-2008

Você se considera racista?

16 respostas

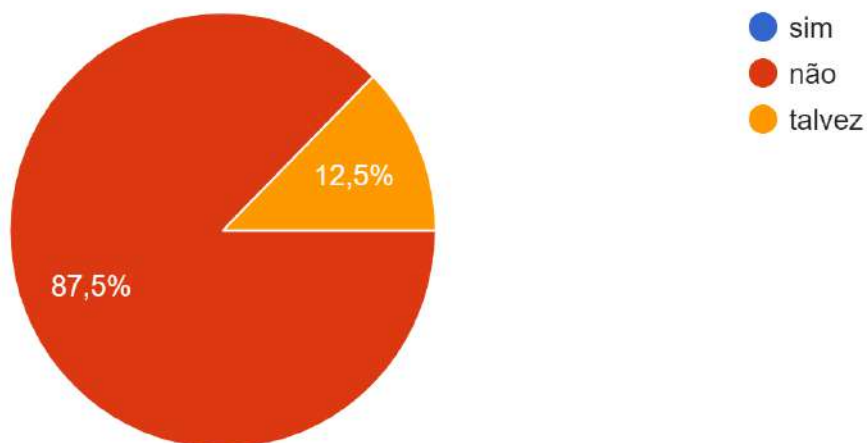


Gráfico 8: Você se considera racista ?

Como você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

16 respostas

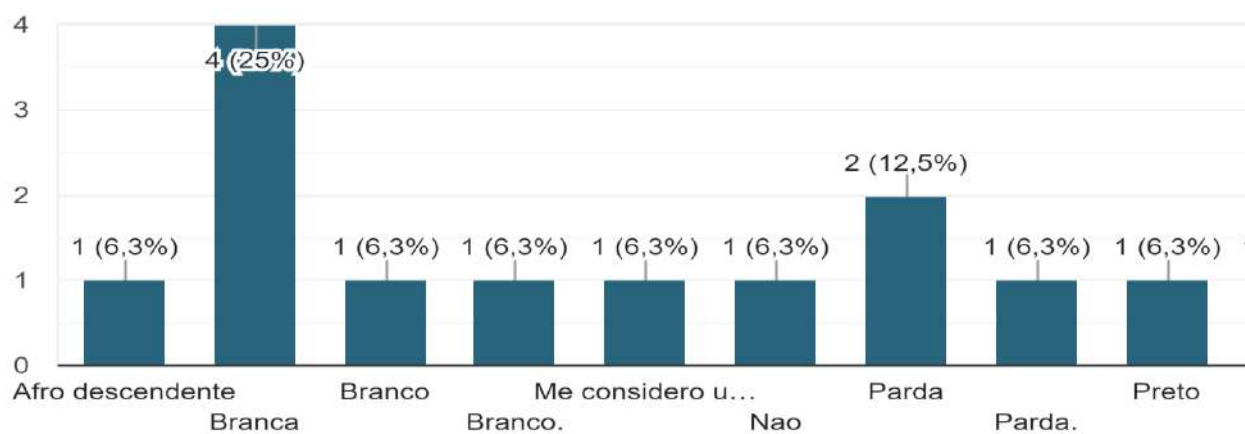


Gráfico 9: Autodeclaração Raça, cor, etnia

Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas pretas no Brasil?

16 respostas

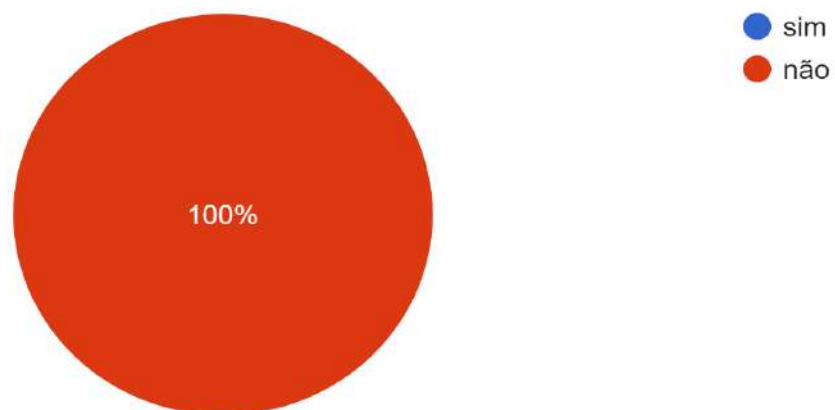


Gráfico 10: Gostaria de ser tratado com são tratadas as pessoas pretas no Brasil?

6.5 Abordagem educativa

A Educação para as relações étnico-raciais deve implementar práticas descolonizadoras que reconheçam as diferenças e valorizem a identidade, a

cultura e a história dos sujeitos. Essas práticas devem ser direcionadas para a construção de currículos que promovam o reconhecimento e o pertencimento dos sujeitos, a valorização da diversidade e a igualdade de oportunidades. Os currículos escolares devem incluir conteúdos que abordem a história, a cultura e as lutas dos povos e comunidades negras, indo além da abordagem das contribuições dos negros para a cultura brasileira, incluindo também uma análise crítica da escravidão, do racismo estrutural e das relações de poder e dominação que estão presentes na sociedade brasileira. Os currículos escolares, também, devem fornecer espaços para que os alunos possam refletir e discutir sobre a realidade das desigualdades étnico-raciais e a forma como os estereótipos e preconceitos relacionados às diferenças étnico-raciais afetam o desenvolvimento das pessoas e a sociedade como um todo. Além disso, os currículos escolares devem implementar práticas que incentivem a participação ativa dos alunos, incluindo o diálogo intercultural, o empoderamento dos sujeitos e a valorização dos direitos humanos, abordando os temas de forma contextualizada, abrangente e profunda, privilegiando as vozes, narrativas e trajetórias de resistência, sucesso e luta de grupos historicamente.

Com a paralisação das unidades escolares devido a crise na saúde - COVID-19, não houve êxito na tentativa de aplicação do questionário online com os alunos da E.E “Dom Henrique Mourão” pois a realidade social da maioria dos alunos não possibilitava acesso a internet. Solicitei nesse período apoio do mestrando Ruideglan Paixão para que fizéssemos uma amostragem com a aplicação do questionário online e do objeto de aprendizagem na sua unidade de trabalho que já contava com o ensino a distância mais estruturado e alunos com possibilidade de acesso à internet.

Dessa forma inicialmente o questionário foi aplicado com 28 alunos do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual Valéria E. Minguili, na cidade de Pederneiras, obtendo os seguintes resultados:

Gênero

28 respostas

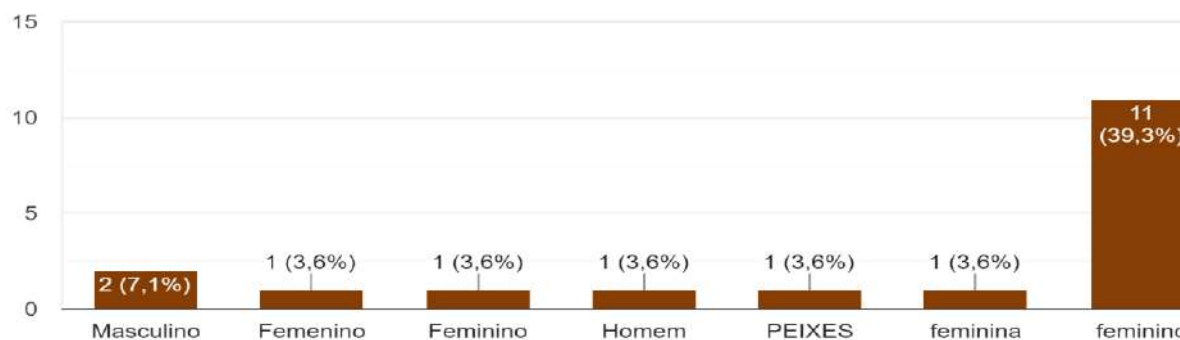


Gráfico 11- Gênero

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Concordo livremente com a presente pesquisa

28 respostas

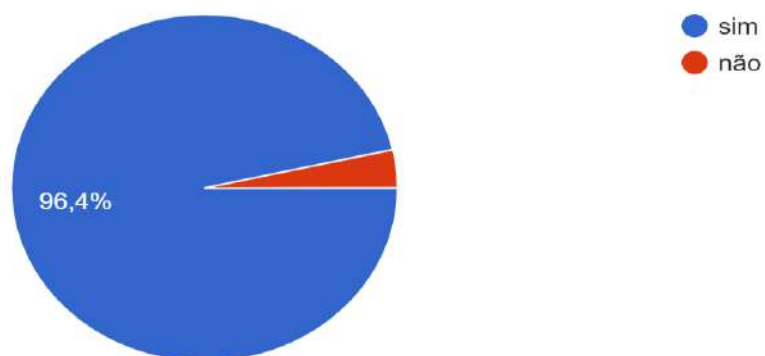


Gráfico 12 -TCL alunos

Série/ano escolar?

28 respostas

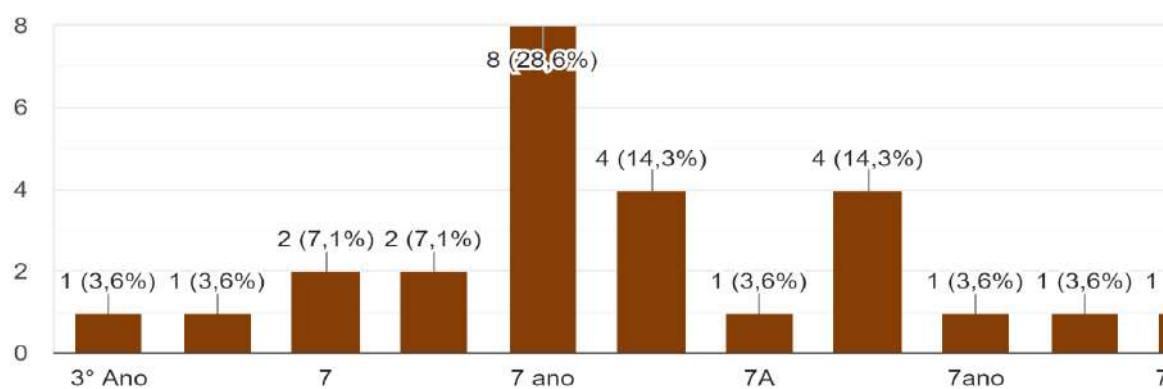


Gráfico 13 – Série-ano escolar

Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

28 respostas

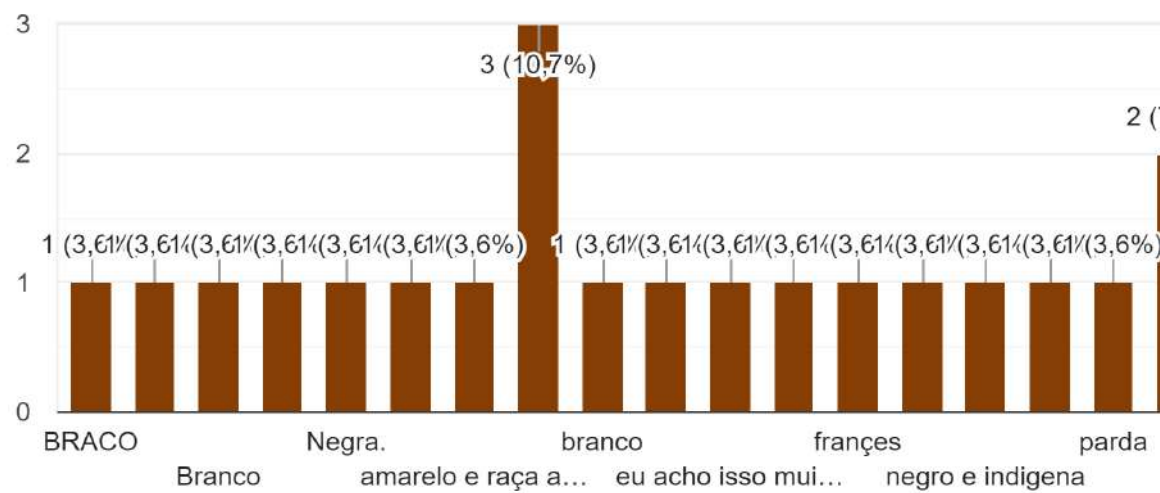


Gráfico 14 – Raça, cor, autodeclaração

Você se considera racista?

28 respostas

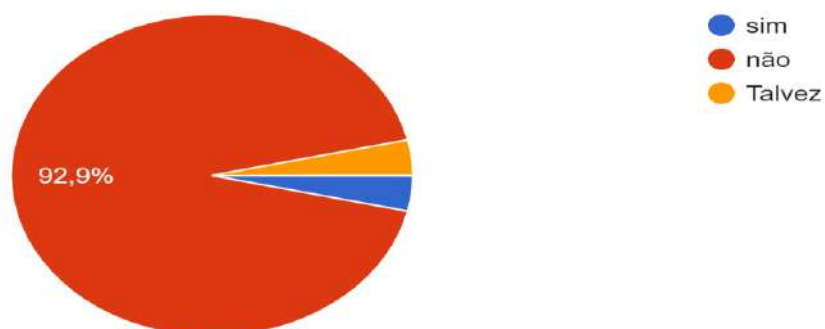


Gráfico 15 -Você se considera racista?

Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

28 respostas

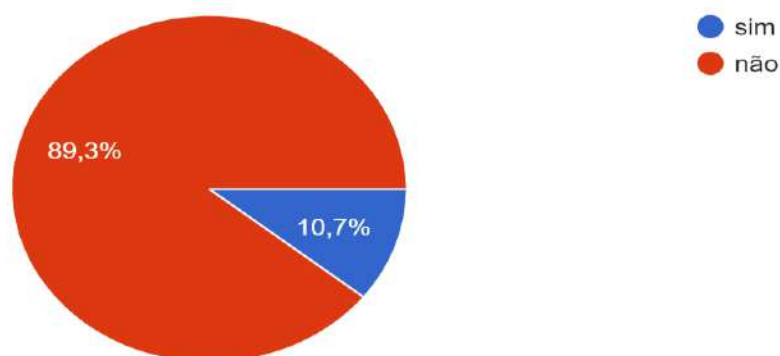


Gráfico 16 – Gostaria de ser tratado como a sociedade trata as pessoas negras?

Alguns questionamentos não puderam ser quantificados através de gráficos devido a subjetividade do questionamento e respostas, são eles:

- I. O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
- II. Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
- III. O que é preconceito?
- IV. O que é racismo?

- V. Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
- VI. Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
- VII. Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
- VIII. O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

A percepção dos grupo em relação às questões raciais, toda a tecitura social e mecanismos estruturais, seus posicionamentos com relação a essas questões variaram amplamente de sujeito para sujeito ,a meu ver influenciada por diversos fatores, como a educação, a exposição a diferentes perspectivas, a experiência pessoal e o contexto cultural. No entanto, algumas tendências e temas gerais podem ser observados na percepção desses alunos:

- Consciência Racial e Étnica: Muitos jovens têm uma consciência crescente das questões raciais e étnicas e reconhecem a existência do racismo e da discriminação, alguns ainda não percebem tais situações como problema social. Isso é impulsionado pela educação e pelo acesso à informação.
- Percepção,Ativismo e Engajamento: Muitos jovens estão se tornando ativos em questões sociais e políticas, incluindo a luta contra o racismo. Eles participam de protestos, campanhas, movimentos sociais e grupos de defesa dos direitos humanos.
- Sensibilidade às Desigualdades Sociais: Os jovens tendem a ser mais sensíveis às desigualdades sociais e econômicas e frequentemente apoiam políticas e iniciativas que visam reduzir essas desigualdades.
- Diversidade e Inclusão: A maioria dos jovens valoriza a diversidade e a inclusão e acredita que a sociedade deve ser mais igualitária e justa para todas as pessoas, independentemente de sua raça, etnia, gênero ou orientação sexual. Houve menor abertura em situações relacionadas a religião(posicionamento conservadores).

- **Diálogo e Discussão:** Muitos jovens estão dispostos a se envolver em diálogos abertos e construtivos sobre questões sociais, incluindo o racismo. Eles valorizam a troca de ideias e a busca de soluções para os desafios enfrentados pela sociedade.
- **Desafios e Conflitos:** Alguns jovens podem enfrentar desafios ao abordar questões sociais, como a resistência de pessoas que mantêm pontos de vista discriminatórios ou conservadores. Esses confrontos podem levá-los a repensar sua própria percepção e posicionamento.
- **Empatia e Solidariedade:** Muitos jovens expressam empatia e solidariedade em relação às vítimas de racismo e discriminação, buscando apoiar aqueles que enfrentam essas injustiças.
- **Mudança Geracional:** É comum que a geração mais jovem tenha uma visão mais progressista e aberta em relação às questões sociais, muitas vezes em contraste com gerações anteriores.

É importante salientar que a percepção dos jovens foi diversa e multifacetada. Além disso, o posicionamento dos sujeitos em relação a questões sociais pode evoluir à medida que eles adquirem mais conhecimento e experiência. O diálogo intergeracional e a educação contínua são fundamentais para promover uma compreensão mais profunda das questões sociais e para promover a mudança positiva na sociedade.

Com a melhora no cenário da saúde, redução dos casos de COVID-19, adequação as regras sanitárias, chegada das vacinas e possibilidade de retorno de forma híbrida (presencial e online) as unidades escolares, me reorganizei para nova aplicação do questionário e pesquisa de campo.

A investigação aconteceria na Escola Estadual “Dom Henrique Mourão” na cidade de Lins, com alunos do 1º e 2º ano do ensino médio, porém devido a pandemia e a reorganização imposta pela crise na saúde a proposta teve que ser adiada, com o retorno parcial a normalidade (agosto 2021), houve a tentativa de seguir com a pesquisa na unidade, porem haviam demandas a serem cumpridas (avaliações externas, organização de atividades híbridas etc) que não possibilitaram tal feito.

Desta forma propus a pesquisa no CEMIC- Centro de Estudos do Menor e Integração na Comunidade - CEMIC, que é uma Instituição sem fins

lucrativos e desenvolve suas ações e projetos educativos de caráter educacional, cultural, filantrópico e de assistência social também voltada ao mercado de trabalho, pois os alunos atendidos nessa instituição no contraturno são oriundos de todas as escolas Estaduais deste município (Lins-SP).

Com sede na Rua Matos Guedes, 145 - Bairro do Ribeiro em Lins - SP, foi fundado em 1967, pelo Centro Universitário de Estudos Pedagógico Dr. Mario Altenfelder Silva, com aprovação do Departamento de Educação, da Faculdade "Auxilium" de Filosofia, Ciências e Letras - FAL, hoje Centro Universitário Católico Salesiano Auxílium. É uma associação civil, sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, filantrópico e de assistência social, de gratuidade total. Dirigidos por Irmãs Salesianas da inspetoria Imaculada Auxiliadora - IIA, e se mantêm através de doações e parcerias firmadas com os órgãos públicos e entidades privadas, bem como, com trabalhos de voluntários e amigos da instituição. CEMIC - Centro de Estudos do Menor e Integração na Comunidade - com sede na Rua Matos Guedes, 145 - Bairro do Ribeiro em Lins - SP, foi fundado em 1967, pelo Centro Universitário de Estudos Pedagógico Dr. Mario Altenfelder Silva, com aprovação do Departamento de Educação, da Faculdade "Auxilium" de Filosofia, Ciências e Letras - FAL, hoje Centro Universitário Católico Salesiano Auxílium.

As investigações empíricas aconteceram no CEMIC - Centro de Estudos do Menor e Integração na Comunidade, uma associação civil, sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, filantrópico e de assistência social.

A escolha do espaço educativo se deu por ser uma instituição que atende alunos das demais unidades do município e, dessa forma, ainda que em uma amostragem menor, obteria um olhar mais abrangente sobre o sistema educacional do município de Lins.

A pesquisa de campo iniciou-se com a leitura do projeto político pedagógico (PPP), conversa com a direção e entrevista com o grupo docentes e discentes. Para a pesquisa foram selecionados 25 alunos do 2º ano do ensino fundamental. Houve, portanto, um grupo de alunos que participou, ativamente, da construção das atividades com seus questionamentos e levantamento de hipóteses. Há outro grupo de entrevistados. Devido a situação ocasionada pela crise na saúde (COVID-19), inicialmente, foi aplicado um questionário em todas as unidades escolares.

Os alunos também foram entrevistados a fim de analisarem através das narrativas sua participação na construção do currículo, percepções sobre o racismo nas unidades escolares, práticas antirracistas e organização de um processo de diálogo, pois, através dos questionamentos, traçou-se um paralelo para as vivências, a problematização e tema para as posteriores abordagens.

Por ser uma instituição complementar e de formação e inserção para o mercado de trabalho, as aulas ocorreram aos sábados, com duração de 2 horas. Inicialmente, foram organizados quatro momentos, mas devido a uma observação trazida por uma aluna referente a um posicionamento travestido de opinião acerca da formação social racista, houve a necessidade de mais uma abordagem.

Os dados obtidos na entrevista foram analisados de forma qualitativa, tendo em vista que os sujeitos abordaram questões sobre o racismo, a discriminação racial, a representatividade negra e o enfrentamento ao racismo no currículo escolar. Os resultados mostraram que os sujeitos reconhecem a existência de racismo no currículo escolar, bem como a falta de representatividade negra nas disciplinas. Os entrevistados, também, afirmaram que é necessário que sejam implementadas políticas públicas que promovam a igualdade racial e a inclusão social. Além disso, os sujeitos também apontaram a necessidade de serem criadas ações que estimulem o enfrentamento ao racismo no currículo escolar.

Participaram do levantamento de dados através do formulário 83 alunos (houve disponibilização do formulário online e impresso devido à dificuldade de acesso à internet), com idade entre 12 e 17 anos, entre o sétimo ano do ensino fundamental e o terceiro do ensino médio, todos alunos de escola pública.

O questionamento inicial buscava analisar o que os alunos traziam de conhecimento sobre a história das pessoas pretas no Brasil, de forma estanque e superficial as respostas foram escravidão, prostituição, pobreza, violência, discriminação, dificuldade de adaptação, “tendência a ser infeliz” (mi, mi, mi), falta de moradia, favelas. Apenas quatro alunos citaram luta e resistência. Cabe complementar o termo utilizado por alguns alunos “o que ensina na escola...”, o que provavelmente traz aos discentes a impressão de subalternidade e fomenta estereótipos separatistas.

Quanto a questão sobre as oportunidades no país, 92% citam situações como desemprego, falta de moradia e desigualdade, já 8% dos alunos consideram o Brasil um país com igualdade de oportunidade pois há bastante conhecimento e não percebe diferença entre as pessoas.

Ao definir os conceitos racismo e preconceito as análises oscilaram sobre algo ensinado e a dificuldade ou medo sobre o que não se conhece, houve também o reducionismo da complexidade do tema delimitando a xingamentos ou aceitação pessoal.

Os alunos se autodeclararam: pardo (16), branco (25), moreno (1), amarelo (1), negro (15), não declararam (25); Apenas 2 alunos se declaram racistas e 1 a possibilidade de sê-lo.

“Não incentivar as pessoas a acharem que os negros são um tipo de coisa inútil”, respondeu um dos alunos entrevistados quando a abordagem era sobre como a escola pode contribuir para uma formação antirracista, as demais respostas trouxeram a necessidade de palestras, punição ou intervenção a atos ou situações racistas, abordagens mais frequentes e maior clareza. Pode se observar também pelas respostas obtidas que os alunos não percebem o racismo como um eixo social estruturante e sim como uma situação.

Apenas 3 alunos, o que corresponde a 2,49% dos entrevistados, responderam que gostariam de ser tratados como são tratadas as pessoas pretas no Brasil.

A partir da perspectiva dos alunos que o conhecimento sobre a história das pessoas negras no Brasil é limitado e muitas vezes reflete a qualidade da educação que receberam. Portanto, o ensino de história, cultura e contribuições das pessoas negras no Brasil desempenha um papel fundamental na ampliação do entendimento e na promoção da igualdade e da justiça racial.

Os gestores, educadores e comunidade escolar desempenham um papel crucial na educação sobre esses tópicos e na promoção da conscientização e empatia em relação às questões raciais. Além disso, é importante criar um ambiente de sala de aula inclusivo e seguro, onde os alunos se sintam à vontade para compartilhar suas perspectivas e aprender uns com os outros. Isso pode ajudar a enriquecer o conhecimento coletivo sobre a história das pessoas negras no Brasil e outras demandas sociais.

PLANO DE AULA 01
PROFESSORA: Thaisa Oliveira DATA: PÚBLICO ALVO: alunos 2º ano ensino médio - CEMIC TEMA DA AULA: Diversidade (Diferentes ou desiguais) MATERIAIS UTILIZADOS: Lousa, giz, livro Olhos d'água
PRÁTICA SOCIAL INICIAL: Propor aos alunos que organizem as carteiras em forma circular, pois nesse formato há a possibilidade de que todos se vejam e possivelmente haverá maior interação entre o grupo. Apresentar-me ao grupo e apresentar a eles a proposta de trabalho, solicitar que cada aluno se apresente a sua maneira. Leitura Deleite: Maria (Olhos d'água – Conceição Evaristo), falar sobre a autora, a importância de lermos mulheres num país como o nosso, conversar sobre sensações durante a leitura do texto, percepções sobre o texto e relação com o cenário atual (político e social do Brasil). * EM TODAS AS AULAS INCLUIREI UMA LEITURA (TEXTO, MÚSICA, OBRA DE ARTE) PARA ESTÍMULAR A CRITICIDADE E A BUSCA POR DIFERENTES PORTADORES.
PROBLEMATIZAÇÃO: O que eu sei sobre diversidade? Verificar o que os alunos sabem sobre esse conceito e posteriormente construir com os alunos um gráfico com diferentes tipos de diversidade e conversamos sobre cada uma delas e sua origem histórico-social. Citar texto Daniel Munduruku sobre sua sensação ao ouvir o barulho de serra elétrica (desmatamento), aproveitar para problematizar sobre como se sente quem sofre essas violências (preconceito).
CONTEXTUALIZAÇÃO Sensibilizar o grupo para pensarmos sobre o quanto a religião, o meio em que estamos inseridos, a escola tem influência sobre nossas preferências e preconceitos e como modificar essa estrutura ou ao menos sobre como conseguirmos olhar além do que nos é imposto.
INSTRUMENTALIZAÇÃO: Conversar sobre preconceitos e a influência na diversidade nessas ações? Trazer as vivências e situações cotidianas dos alunos e problematiza-las socialmente.
CATARSE: União entre senso comum e científico de acordo com Gasparin e Petenucci

(2012), possibilitando uma nova totalidade concreta no pensamento. Esta totalidade possibilita uma nova forma de pensar e agir que é mais sensível e responsiva às particularidades, diversidades e complexidades do contexto. É uma forma que se fundamenta na compreensão da realidade com base no que é praticado na vida cotidiana, na prática de experiências, e nas relações existentes entre as pessoas, os ambientes e os objetos. O conhecimento resultante desta forma de pensar é mais contextualizado, mais flexível e mais abrangente, e pode ser aplicado de forma mais eficaz para resolver problemas, gerar crescimento e desenvolvimento sustentável.

PRÁTICA SOCIAL FINAL:

Provocar os alunos individualmente com o questionamento: Por que a diversidade incomoda mais do que a desigualdade?

Por que ainda seguimos e reproduzimos padrões do colonizador (mesmos excluídos)?

PLANO DE AULA 02	
PROFESSORA: Thaisa Oliveira DATA: PÚBLICO ALVO: alunos 2º ano ensino médio - CEMIC TEMA DA AULA: O trabalho e o trabalhador e sua relação com a desigualdade MATERIAIS UTILIZADOS:	
PRÁTICA SOCIAL INICIAL: Conversa inicial sobre expor suas opiniões sem a preocupação de avaliação ou julgamento, pois construiremos juntos o conteúdo à medida que conseguir perceber os pontos de partida. Leitura Deleite: O frio pode ser quente? (Jandira Masur), conversar sobre sensações durante a leitura do texto (não delimitar leituras por idade).	
PROBLEMATIZAÇÃO: Coisas que se discute? Levantar esse questionamento pois na aula anterior um aluno comentou que há assuntos que não se discute (religião, futebol, relacionamento). Explicar sobre como não falar sobre determinado tema pode significar uma violência, um apagamento culturas ou a perpetuação de situação de exploração. Tudo se discute, tudo se pode mudar... ora se a sociedade teve início, teve início também a cultura daquele lugar, que vai se ajustando e se adaptando, porem servindo a interesse do capital e não do trabalhador. Retomar a questão da aula anterior para debate: Por que a diversidade incomoda mais do que a desigualdade? Traçar um panorama sobre trabalho no Brasil a partir da invasão portuguesa e relacionar historicamente situações de preconceito, violência e racismo e sobre como a cultura pode impor padrões que restrinjam até a possibilidade de vislumbrar outros espaços.	
CONTEXTUALIZAÇÃO	

Propor os seguintes questionamentos: O que eu sei sobre trabalho? Qual a função do trabalho? (utilizei esse viés pois todos os alunos trabalham como menor aprendiz)
INSTRUMENTALIZAÇÃO: Será que a sociedade sempre foi assim? Como adquirir elementos para transpor os padrões impostos?
CATARSE: União entre senso comum e científico de acordo com Gasparin e Petenucci (2012), possibilitando uma nova totalidade concreta no pensamento. Esta totalidade possibilita uma nova forma de pensar e agir que é mais sensível e responsiva às particularidades, diversidades e complexidades do contexto. É uma forma que se fundamenta na compreensão da realidade com base no que é praticado na vida cotidiana, na prática de experiências, e nas relações existentes entre as pessoas, os ambientes e os objetos. O conhecimento resultante desta forma de pensar é mais contextualizado, mais flexível e mais abrangente, e pode ser aplicado de forma mais eficaz para resolver problemas, gerar crescimento e desenvolvimento sustentável.
PRÁTICA SOCIAL FINAL: Analisar coletivamente a música Cotidiano (Chico Buarque) e retomar a conversa sobre coisas e situações que se discute. Leitura: Quarto de despejo (Carolina Maria de Jesus) – trecho sobre a fome; quem deveria governar o Brasil e conversar sobre como tornamos invisíveis o que não queremos modificar (estrutura social).
Leitura Final: O que os olhos não veem (Ruth Richa) – conversa breve sobre alienação e política.

PLANO DE AULA
03
PROFESSORA: Thaisa Oliveira DATA: PÚBLICO ALVO: alunos 2º ano ensino médio - CEMIC TEMA DA AULA: O rosto do povo brasileiro, a cor da falta de oportunidade no Brasil. MATERIAIS UTILIZADOS:
PRÁTICA SOCIAL INICIAL: Leitura Deleite: Operários (Tarsila do Amaral- Obra de arte), conversar sobre a pintura e propor a reflexão sobre quais são as características do povo brasileiro. Entregar impresso com a letra das músicas Achados e perdidos; amanhã ou depois; Pequena memória de um tempo sem memória (Gonzaguinha), ouvir as canções.
PROBLEMATIZAÇÃO: Contextualizar as canções historicamente (situação política e social do Brasil), conversar sobre como as músicas conseguem traduzir um contexto, época etc.

CONTEXTUALIZAÇÃO
Dividir a turma em três grupos para apresentarem suas considerações sobre a música do grupo e se há relação como o momento atual. Por que alguns grupos tem seus direitos negados?
INSTRUMENTALIZAÇÃO:
Conversar sobre a importância da escola no processo de formação crítica e social de cada aluno e a importância da pluralidade cultural, social, religiosa etc. dentro das instituições escolares.
CATARSE:
União entre senso comum e científico de acordo com Gasparin e Petenucci (2012), possibilitando uma nova totalidade concreta no pensamento. Esta totalidade possibilita uma nova forma de pensar e agir que é mais sensível e responsiva às particularidades, diversidades e complexidades do contexto. É uma forma que se fundamenta na compreensão da realidade com base no que é praticado na vida cotidiana, na prática de experiências, e nas relações existentes entre as pessoas, os ambientes e os objetos. O conhecimento resultante desta forma de pensar é mais contextualizado, mais flexível e mais abrangente, e pode ser aplicado de forma mais eficaz para resolver problemas, gerar crescimento e desenvolvimento sustentável.
PRÁTICA SOCIAL FINAL:
Preencher o questionário sobre racismo e pertencimento para posterior discussão.

PLANO DE AULA
04
PROFESSORA: Thaisa Oliveira
DATA:
PÚBLICO ALVO: alunos 2º ano ensino médio - CEMIC
TEMA DA AULA: A estrutura escolar e o aluno
MATERIAIS UTILIZADOS:
PRÁTICA SOCIAL INICIAL:
Leitura Deleite: ~~Eu sei porque o pássaro canta na gaiola (Maya Angelou)~~
A parte que falta (Shel Silverstein), substituição do livro pois houve um feminicídio e há a necessidade de conversar com o grupo sobre formas de se relacionar, relações de poder, afetividade e responsabilidade afetiva e sobre amor-próprio. Falar brevemente sobre a construção social do papel da mulher e da revolução das mulheres e também sobre o patriarcado.
PROBLEMATIZAÇÃO:
Questionamento aos alunos: A escola e eu, como eu me percebo no ambiente escolar?
Situações vivenciadas na escola? Como a escola acolhe a diversidade?
CONTEXTUALIZAÇÃO
Utilizar os apontamentos dos alunos, juntamente com elementos tirados do preenchimento do formulário para traçarmos um panorama sobre a escola

(abordagem, metodologia, organização) a partir do ponto de vista dos alunos.
INSTRUMENTALIZAÇÃO: Trazer dados oficiais sobre escolarização de determinados grupos, sobre acesso e permanência e os motivos da evasão escolar e ouvir os alunos sobre o assunto.
CATARSE: União entre senso comum e científico de acordo com Gasparin e Petenucci (2012), possibilitando uma nova totalidade concreta no pensamento. Esta totalidade possibilita uma nova forma de pensar e agir que é mais sensível e responsiva às particularidades, diversidades e complexidades do contexto. É uma forma que se fundamenta na compreensão da realidade com base no que é praticado na vida cotidiana, na prática de experiências, e nas relações existentes entre as pessoas, os ambientes e os objetos. O conhecimento resultante desta forma de pensar é mais contextualizado, mais flexível e mais abrangente, e pode ser aplicado de forma mais eficaz para resolver problemas, gerar crescimento e desenvolvimento sustentável.
PRÁTICA SOCIAL FINAL: Trazer o racismo enquanto construção social e fator determinante para manutenção das desigualdades, retomar a questão de pertencimento no ambiente escolar e ouvir o que faria com que os alunos se sentissem parte do processo, valorizados e pertencentes ao ambiente escolar.
Leitura final: O ódio que você semeia (Angie Thomas) trecho a suposta arma /sobre ter voz.

PLANO DE AULA
05
PROFESSORA: Thaisa Oliveira DATA: PÚBLICO ALVO: alunos 2º ano ensino médio - CEMIC TEMA DA AULA: Continente Africanos e suas cultura(S) MATERIAIS UTILIZADOS:
PRÁTICA SOCIAL INICIAL: Leitura Deleite: Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos (Olhos d'água-Conceição Evaristo), conversar sobre o texto e contextualiza-lo socialmente (periferia, abordagem truculenta, violência, número de crianças pretas mortas por bala perdida)
PROBLEMATIZAÇÃO: A história da Luta dos povos pretos no Brasil X A história e conquista, organização social, ciência dos povos pretos nos continentes Africanos
CONTEXTUALIZAÇÃO Como a ausência de informação ou informação apenas sob uma perspectiva alimenta a cultura do ódio, racismo, violência e dão manutenção a engrenagem financeira que é a cultura do medo. Racismo enquanto manipulação social e preconceito como construção.
INSTRUMENTALIZAÇÃO:

Retomar a conversa sobre o padrão povo brasileiro, acrescentar adjetivos a estereótipos.

CATARSE:

União entre senso comum e científico de acordo com Gasparin e Petenucci (2012), possibilitando uma nova totalidade concreta no pensamento. Esta totalidade possibilita uma nova forma de pensar e agir que é mais sensível e responsiva às particularidades, diversidades e complexidades do contexto. É uma forma que se fundamenta na compreensão da realidade com base no que é praticado na vida cotidiana, na prática de experiências, e nas relações existentes entre as pessoas, os ambientes e os objetos. O conhecimento resultante desta forma de pensar é mais contextualizado, mais flexível e mais abrangente, e pode ser aplicado de forma mais eficaz para resolver problemas, gerar crescimento e desenvolvimento sustentável.

PRÁTICA SOCIAL FINAL:

Análise música Ismália (Emicida) e conversa sobre raça e racismo.

7 O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional (Oiá - Vamos falar sobre mulheres?), surge da necessidade de saber mais sobre a cultura africana e afro-brasileira, nesse sentido propõe-se um quiz que traz mulheres negras e suas conquistas e lugares no continente africano afim de construir um conhecimento e imaginário positivo sobre a cultura preta.

Há ainda a possibilidade de utilizar o nome do jogo para fomentar a pesquisa e acerca das religiões de matriz africana ou afro-brasileiras.

Este produto educacional tem como objetivo fornecer elementos que contribuam para uma educação decolonial, o que significa que ele oferecerá estratégias para o desenvolvimento de currículos que abordem o legado colonial e o seu impacto na sociedade moderna de forma lúdica. Somado a materiais sobre teorias decoloniais, história, cultura, literatura e arte que abrangem várias culturas e grupos étnicos será grande aliado da prática pedagógica.

É importante que as pessoas se envolvam, façam parte da discussão e se conscientizem sobre a realidade que atinge pessoas de raças diferentes. Além disso, é preciso que haja educação e sensibilização, para que as pessoas saibam quais são os direitos iguais e quais as violações que ocorrem. Por fim, é necessário que as medidas de combate ao racismo sejam implementadas, sejam elas políticas públicas, ações de empresas ou educacionais.

Há diversos personagens que trazem histórias de luta, superação, construção científica, porém a escolha de mulheres se dá pelo lugar ocupado pela mulher negra dentro da sociedade sendo a base da pirâmide, nós (mulheres pretas) não apenas sustentamos essa pirâmide, somos vitima dela também, vítimas de desigualdades de renda, desemprego, discriminação, acesso limitado à educação, saúde e segurança. Além disso, elas são frequentemente expostas ao assédio sexual, violência doméstica e outras formas de violências. Isso tudo tem consequências profundas para o bem-estar

dessas mulheres e para sua capacidade de participar plenamente da sociedade.

Mulheres negras têm lutado por direitos iguais desde o período da escravidão, quando ocupavam postos de liderança em revoltas e organizações políticas. Após a abolição da escravatura, a participação feminina na luta pela equidade racial se intensificou, com cada vez mais mulheres se envolvendo em movimentos sociais, culturais e políticos. Atualmente, é possível ver como mulheres negras estão lutando pela igualdade de direitos e oportunidades. Elas estão lutando contra a desigualdade racial, as desigualdades de gênero e a discriminação. Estamos lutando para que nossas vozes sejam ouvidas e seus direitos sejam respeitados. Lutando por um futuro melhor para si e para as gerações vindouras.



figura 02 – Antonieta de Barros.

No âmbito político, a participação de mulheres negras passou por um longo processo de desenvolvimento. Inicialmente, foram frequentemente excluídas dos círculos políticos e das discussões sobre as questões raciais, mas, ao longo dos últimos anos, tem sido ampliada. Muitas mulheres negras têm se destacado na luta por igualdade racial, tanto dentro como fora do

Congresso Nacional. Algumas destas mulheres são a deputada federal Benedita da Silva, a ex-ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial Luiza Bairros, a professora Fátima Nunes, a ex-deputada federal Benedita da Silva, a senadora Marta Suplicy, a deputada estadual Marielle Franco e a deputada federal Conceição Sampaio. Além disso, muitas mulheres negras têm se destacado nos movimentos sociais de direitos humanos, especialmente no movimento negro. Entre elas destacam-se a escritora e ativista Ruth de Souza, a militante Zumbi dos Palmares, a ativista e presidente nacional da União Nacional dos Estudantes (UNE) Mayra Dias, a atriz e defensora dos direitos humanos Taís Araújo, a ativista e presidente da União Brasileira de Mulheres (UBM) Valquíria Santos e a ativista e presidente do Movimento de Mulheres Negras do Brasil (MMN), Drielle Valadão. A participação de mulheres negras na política brasileira tem sido determinante para a consecução de direitos humanos, para a defesa de políticas de desenvolvimento justo e para a luta pela equidade racial e de gênero. Como tais, elas continuam sendo fundamentais na construção de uma sociedade mais justa e democrática. A Constituição de 1988 foi elaborada na Assembleia Nacional Constituinte, que contou com a participação de diversos movimentos sociais – dentre eles, os movimentos negros. Estes movimentos foram fundamentais para que o racismo passasse a ser considerado crime, pois levaram ao debate o mito da democracia racial, que afirmava que a desigualdade racial já havia sido superada e que os direitos iguais já eram plenamente garantidos para todos.



figura 03 – Esperança Garcia.

A participação dos movimentos negros foi essencial para que o racismo fosse criminalizado na Constituição de 1988 e para que fosse reconhecido o direito de igualdade de todos os cidadãos. Dessa forma, nesse processo, o engajamento feminino foi importante para que os direitos iguais fossem garantidos e para que houvesse um debate franco sobre as desigualdades raciais. Esses movimentos lutaram desde a década de 1970, com diversas ações para denunciar as discriminações sofridas por homens e mulheres negros. Nessa luta, as mulheres negras tiveram um papel fundamental, pois foram elas que trouxeram à luz o racismo estrutural e o preconceito contra o negro. Além disso, as mulheres negras tiveram um papel fundamental na luta pela igualdade racial, pois elas foram as principais responsáveis por levar às autoridades públicas os casos de discriminação racial, além de organizar manifestações e lutar pela inclusão dos negros na sociedade. Portanto, podemos afirmar que o engajamento feminino foi fundamental para a criminalização do racismo na Constituição de 1988.

Uma das formas mais comuns nas quais essa violência se manifesta é a invisibilização da vida e das experiências das mulheres negras, que são

raramente retratadas nos meios de comunicação, na cultura e na educação, o que contribui para a perpetuação de estereótipos. Outro problema que afeta as mulheres negras é o acesso desigual aos serviços de saúde, à educação e à segurança, bem como a discriminação nos locais de trabalho, que reforça as desigualdades econômicas. Além disso, há também a violência doméstica, que é muito mais frequente entre as mulheres negras, que são muitas vezes vítimas da violência do parceiro, mas enfrentam barreiras culturais e políticas para denunciar o abuso. Por fim, as mulheres negras também sofrem discriminação nas questões relacionadas à sexualidade e à reprodução, como aborto, contracepção e doenças sexualmente transmissíveis. Esses problemas são sintoma de uma sociedade que continua a desvalorizar as mulheres negras e suas experiências, e é preciso que sejam feitos esforços para mudar essa realidade. É necessária a implementação de políticas públicas que visem garantir o acesso igualitário aos serviços de saúde, educação, segurança e empregos; e a criação de canais de denúncia eficazes para as vítimas de violências domésticas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise bibliográfica e dados coletados durante a pesquisa é possível notar que a desigualdade social imposta à população negra se manifesta de forma estrutural e profunda, tanto na educação, segurança pública, saúde e demais áreas da sociedade. É necessário que as políticas públicas sejam direcionadas para a população negra, garantindo o acesso à educação de qualidade e melhorando as condições de segurança, para que seja possível superar os desequilíbrios sociais que ainda permeiam o cenário brasileiro.

A história registra o racismo como um fenômeno que se desenvolveu em diferentes contextos ao longo dos séculos. O racismo moderno, que começou com o colonialismo europeu, foi usado para justificar a exploração, opressão e violência contra os povos colonizados, além de tornar legítimo o tráfico de escravos africanos. A partir desse momento, o racismo foi sistematicamente usado para construir uma hierarquia social baseada na cor da pele. Apesar dos avanços na luta pela igualdade racial, o racismo ainda é um problema estrutural e profundamente arraigado no mundo de hoje.

Para combater a discriminação racial na escola é necessário primeiramente reconhecer que ela existe e que o ambiente escolar é o lugar ideal para o desenvolvimento de ações que propiciem o respeito e a inclusão das diferentes culturas. É importante que as escolas tenham políticas específicas para tratar e debater sobre questões de discriminação racial, estimulando a reflexão sobre a diversidade cultural e a valorização das diferenças. É fundamental que a escola promova ações que incentivem a convivência harmoniosa entre os alunos, além de promover a educação socioemocional, como forma de desenvolver habilidades para lidar com os conflitos e com as diferenças. É importante também que os professores sejam conscientizados acerca das questões raciais, para isso faz-se necessário que os educadores brasileiros sejam formados com conhecimento específico sobre história e cultura africana e afro-brasileira, possibilitando a construção de um currículo que inclua essas disciplinas. É necessário que sejam incentivadas práticas inclusivas na sala de aula, de modo a valorizar as contribuições históricas, culturais e sociais da população negra. É importante também que

exista a criação de políticas públicas que incentivem o emprego de profissionais negros em cargos de liderança e que desenvolvam programas de ação afirmativa que garantam a igualdade de oportunidades para a população negra. Por fim, é necessário que seja criado um sistema de monitoramento pedagógico com a finalidade de garantir o cumprimento das leis que versam sobre o tema.

A principal função dos professores no ensino médio é a de promover a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Para tanto, é necessário que professores tenham a capacidade de discutir questões raciais de forma ética, crítica e interdisciplinar, buscando compreender e superar as desigualdades raciais no Brasil. Faz-se urgente criar oportunidades para que os alunos possam compreender o racismo como sendo uma estrutura social e não como algo que seja apenas relacionado a atos isolados. Assim, é preciso que os professores se comprometam a abordar o racismo de forma crítica e contextualizada, de modo a possibilitar aos alunos a compreensão das várias formas de discriminação racial no Brasil. Não há a possibilidade de uma educação antirracista ancorada a recursos pedagógicos, metodologia-abordagens e rotina que trazem a dimensão de um conhecimento padrão, eurocêntrico, enfim com práticas pedagógicas embasadas numa formação social e acadêmica que acabam não permitindo essa discussão.

Dessa forma, torna-se essencial para a mudança de mentalidade racista e preconceituosa e o aprimoramento do ensino de humanidades. É necessário que as aulas de humanidades abordem de forma mais profunda e ampla questões relacionadas à diversidade cultural, ao racismo, ao preconceito e à identidade; Apresentar aos estudantes as diferentes nuances existentes entre as culturas e educar os estudantes sobre as desigualdades existentes na sociedade, bem como a cultura e riqueza de cada continente, não fomentando estereótipos ou baseando-se apenas em histórias folclóricas, dessa forma, os estudantes terão a oportunidade de se conectar com as diversas culturas, ajudando-os a desenvolver uma compreensão mais profunda da sua própria identidade e de outras.

Isso significa a criação de espaços de diálogo e de escuta, o respeito a diversidades, a valorização das identidades e a adoção de práticas democráticas que busquem a igualdade de oportunidades. É necessário aplicar

políticas de ação afirmativa, que busquem reverter a desigualdade, como as cotas raciais, que possam garantir a entrada de estudantes negros nas universidades e na educação superior. Por fim, é fundamental a implementação de projetos que incentivem e estimulem a permanência de alunos negros na escola, através de programas de monitoramento e acompanhamento desse público, bem como ações para a promoção de igualdade de oportunidades, como o acesso à educação profissionalizante e universidade.

O racismo atravessa toda perspectiva histórica e acadêmica no Brasil, não se pode considerar o fazer pedagógico sem essa compreensão. Com foco na construção de uma educação antirracista. A perspectiva racial brasileira é extremamente complexa. A forma como o racismo está enraizado na sociedade brasileira é profunda e multifacetada, sendo influenciada por uma variedade de fatores, incluindo questões históricas, culturais, econômicas e políticas. Embora a discriminação de raça seja ilegal no Brasil, muitos brasileiros ainda experimentam injustiças e desigualdades baseadas na cor da pele. No entanto, existem iniciativas e ações sendo tomadas para combater o racismo no país. O fazer pedagógico deve refletir essas iniciativas. A educação antirracista é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, e é necessário que seja implementada em todos os níveis educacionais. É importante que os professores reflitam sobre suas próprias práticas e seu próprio pensamento. Isso é necessário para que eles possam entender melhor as necessidades dos alunos, bem como os impactos do racismo e das desigualdades raciais na sociedade brasileira. O objetivo é que os professores se tornem agentes de mudança e possam contribuir para a construção de um país mais justo, inclusivo e igualitário.

É necessário que o currículo educacional seja diversificado, com conteúdos que abordem a temática do racismo de forma abrangente e contextualizada, e que sejam promovidas ações de formação inclusiva que incluam a dimensão de gênero e raça.

É possível identificar que existem lacunas formativas na prática escolar, especialmente quando se trata de formação inicial e continuada. Os discursos, atitudes e práticas pedagógicas que são utilizados nas salas de aula muitas vezes não se alinham às necessidades e desejos dos alunos, o que

resulta em um ambiente de aprendizagem desigual e desmotivador. Além disso, a falta de preparo dos professores para lidar com problemas educacionais específicos e a falta de acesso a recursos adequados para aprimorar suas habilidades também contribuem para estas lacunas. A formação como pessoa também pode ficar prejudicada se os professores não estiverem bem-informados sobre as tendências educacionais atuais e não se sentirem confortáveis para lidar com desafios diversos. Por isso, é importante que os professores recebam formação adequada alinhando teoria e prática e acompanhem as mudanças e tendências educacionais para que possam oferecer aos seus alunos um ambiente de aprendizagem mais equilibrado e motivador para que eles consigam desenvolver as suas habilidades e competências de forma mais eficaz.

A resistência às ferramentas pode ser um reflexo do racismo estrutural que permeia a nossa sociedade. Muitas vezes, as ferramentas e recursos que são oferecidos para pessoas negras para superar as desigualdades e barreiras estruturais são minimizados ou desvalorizados. Não se aprende a valorizar e respeitar o que não se conhece, por isso enfatizo que as abordagens sobre o continente africano e suas diferentes culturas, linguagens, povos, ciência, tradições devem ser trabalhadas, bem como a história dos povos pretos no Brasil, mas com olhar para suas conquistas, lutas, produção cultural etc., não confinar a cultura preta a questões folclóricas, mitológicas ou a semana temáticas.

A escola é, desde sua criação, um espaço onde se busca a transmissão de conhecimentos produzidos pela humanidade, a fim de contribuir para a formação do aluno. Nesse sentido, se torna essencial a articulação de metodologias que permitam ao aluno desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, em tempos de negacionismo, o grande desafio é superar as pedagogias hegemônicas e evitar o estereótipo que limita a capacidade de aprendizado dos alunos. Nesse sentido, a escola tem o papel fundamental de buscar formas alternativas de ensino, que possibilitem a compreensão e a absorção dos conteúdos e, principalmente, que favoreçam o processo de construção de conhecimento. Por fim, a escola deve buscar formas de envolver os alunos nos processos de ensino-aprendizagem, estimulando-os à participação ativa, à reflexão, à investigação e ao diálogo,

para que eles possam realmente assimilar os conteúdos transmitidos. Assim, com as reflexões apresentadas, pretende-se corroborar com outras discussões que têm o racismo no cerne de seus problemas e que vislumbram uma educação decolonial e libertadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação, ASPHE/FAE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.
- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. Infância, Raça e Paparicação. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, ago. 2010.
- ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Passados Presentes. Caixa de 4 DVDs. Niterói: Eduff, 2012. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/passadospresentes/>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.
- AMORIM, Mônica M. T. **A organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no conjunto da educação profissional brasileira**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville: UNIVILLE, 2004
- ALVES, Cynthia Cristina de Souza. **O racismo na escola e o combate com ações**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), UEPB. Guarabira, 2012.
- APPLE, Michael W. **Educando à Direita**. Ed. 1. São Paulo. Cortez. 2003. p g. 303.
- APPLE, Michael W. **A luta pela democracia na educação crítica**. Revista e-Curriculum, 15: 894-926, 2017
- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**: Brasiliense, São Paulo, 2006
- ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**: Vozes, Petrópolis, 2011.
- BARRETO, Luciana Augusto et al. **Pela graça da mistura: ações afirmativas, discurso e identidade negra no curso de direito em universidades públicas paraibanas**. 2014.
- BENITE, Anna M. Canavarro; PEREIRA, Mariana Cunha; COSTA, Kênia Gonçalves. **Reinventando o currículo nas ações do NEADI, LPEQI e LAGENTE**.

BRAGA, Alexandre Francisco. **As bancas de heteroidentificação racial: apontamentos a partir da experiência da UFMG**. REPECULT. Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura, v. 5, n. 9, 2020.

BRANQUINHO, Laura Meireles; RIBEIRO, Cristiane Maria. **A questão racial nos dez anos do Instituto Federal goiano**. Mediação, Pires do Rio - GO, v. 15, n. 2, p. 82-92, jul./dez. 2020

CAPES. **Documento de Área – Área 46 – Ensino**. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Diretoria de Avaliação, 2019. Disponível em: Acesso em: 10 fev. 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio**. Geledés: 2014

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como um não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 1998.

DOMINGUES, Petrônio José. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2005.

DOMINGUES, Petrônio. Uma história não-contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora Senac, 2019.

FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010. _____ . Pele negra, máscaras brancas. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FERNANDES, F. **O Negro no mundo do Branco**. Ed. 6, São Paulo, Difus, 1972. pg. 141.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico -racial: por um projeto educativo emancipatório**. In: FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges. Relações Étnico -Raciais e Educação no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

___ **O movimento negro educador. Saberes na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino., SILVA, P.V.B. and BRITO, J.E. **Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios.**2021

HORN, Carlos Henrique. Mercado de trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de trabalho e tecnologia.** Porto Alegre: UFRGS, 2006.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARQUES, Eugênia Portela de Siqueira e SILVA, Wilker Solidade da. **Educação, relações étnico-raciais e resistência: as experiências dos Núcleos de Estudos AfroBrasileiros e Indígenas no Brasil**, v. 1, 2016.

MATURANA, R. Humberto. Et. Al. (Orgs.). Conversando com Maturana de educación. Málaga: Ediciones Aljibe, S. L., 2003.

MOREL, Edmar. **A Revolta da Chibata: subsídios para a história da sublevação na Esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910.** 5ª edição comemorativa do centenário da Revolta da Chibata, organizada por Marco Morel. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania.**

Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica – SP.Movimento-Revista de Educação: 2005

OLIVEIRA, R. Identidade, Etnia e Estrutura Social, São Paulo, Pioneira Editora, 1976.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. O sistema classificatório de cor ou raça do IBGE: Texto para discussão nº996. Brasília: IPEA, 2003. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0996.pdf. Acesso em: 15 jun.

PONCE, Branca Jurema. **O currículo e seus desafios na escola pública brasileira: em busca da Justiça curricular** - Currículo sem Fronteiras, 18: 785-800, 2018

POTENGY, Gisélia Franco; CASTRO, Elisa Guaraná de. **As reais condições do trabalho virtual: a vivência da precarização e da incerteza na microinformática.** In: Encontro REGIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO — ABET, III, Recife, 2000.

POUTIGNAT, P. Teorias da Etnicidade: Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth, São Paulo, Editora Unesp, 1998.

ROSSETO, Elisabeth. **A contribuição do Pensamento de Maturana para a Educação**. Revista de Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

_Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. 137 p.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Política educativa, multiculturalismo e práticas culturais democráticas nas salas de aula**. Revista Brasileira de Educação: 5-25, 1997

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2.ed. São Paulo: Veneta, 2020

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1996.

SWEDBERG, Richard. **Entrepreneurship: the social science view**. Nova York: Oxford Press, 2000

REPERTORIANDO

Seguem indicações para te enriquecer cultural e cientificamente, para que se você permitir possam te auxiliar na desconstrução de conceitos e construção de novos significados a partir de perspectivas analíticas.

Ser professor é um posicionamento social, nesse caso nos cabe então a formação contínua e reflexiva, aos cidadãos que por ventura chegaram a esta pesquisa por curiosidade meus lisonjeiros sentimentos de gratidão e felicidade, pois a busca é o princípio da mudança, não podemos conceber uma sociedade indiferente as questões sociais e culturais dos povos negros e indígenas e sem dúvidas não podemos ser parte de um sistema separatista, que forma ciclos de miséria, exclusão e contribui para que as pessoas pretas, sobretudo homens pretos estejam na base da lista de suicidas (Organização Mundial de Saúde - 2022). Compreender o racismo na história brasileira e suas manifestações na vida cotidiana das pessoas negras, e, como consequência, para compreender e se engajar na luta antirracista.

Há 20 anos, foi sancionada a Lei nº 10.639/2003 , acompanhar a implementação se faz importante e necessário para novas prática, ações e reflexões.

A pesquisa apresentada está em consonância com a Lei nº 10.639/2003, que altera a LDB 9.394/96 e aponta a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na escola. Mais diversidade de pensamento começa também por escolher mais autores e autoras negras, indígenas, LGBTQIAP+ para a sua biblioteca. Faça sua parte!

É premissa da educação antirracista o direito (e respeito) à diferença. Topa descolonizar o pensamento?

INDICAÇÕES LITERÁRIAS E CIENTÍFICAS (algumas ...)

- ✚ Dispositivo de racialidade – Sueli Carneiro
- ✚ Por um feminismo afro-latino-americano – Lelia Gonzalez
- ✚ Mulherismo Africana – Katiúscia Ribeiro
- ✚ O Genocídio do negro brasileiro – Abdias Nascimento
- ✚ A critica da razao negra - achille mbembe.
- ✚ Necropolítica - achille mbembe

- + Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social – Neusa Santos
- + Torto Arado – Itamar Vieira Junior
- + Na minha pele – Lázaro Ramos
- + *Racismo no Brasil: Questões para Psicanalistas Brasileiros*, de Maria Lucia da Silva
- + *A Cor do Inconsciente: Significações do Corpo Negro*, de Isildinha Baptista Nogueira
- + *O Pacto da Branquitude*, de Cida Bento
- + *Não basta não ser racista: Sejamos Antirracistas*, de Robin Diangelo
- + *Pele negras, máscaras brancas*- Frantz Fanon
- + Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985. ROSEMBERG, Fúlvia ; ROCHA, Edmar José. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 759-799, set./dez. 2007- Oracy Nogueira
- + Cidadania levada a sério: os republicanos de cor. In: GOMES, Flávio ; DOMINGUES, Petrônio (org). Políticas da Raça: Experiências e legados da abolição e da pós abolição no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014-Domingues Petrônio
- + *A Redenção da nossa raça* - Domingues Petrônio
- + *Tecendo redes antirracista* – Wanderson Flor
- + *Por que amamos* – Renato Nogueira
- + *O Fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas* - Wanderson Flor do Nascimento
- + *A invenção das mulheres* - Oyèrónkẹ OyěwùmíA invenção da África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento – V.Y.Mudimbe
- + *Branqueamento e Branquitude*. In: BENTO, Maria Aparecida; CARONE, Iray (org.). Psicologia social do racismo: Estudos sobre Branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2014. pp 25-57 – Maria Aparecida Bento
- + *Como ser um educador antirracista* -Barbara Carine soares pinheiro
- + *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, Maya Angelou
- + *Escritos de uma vida*, Sueli Carneiro
- + *Olhos d'Água*, Conceição Evaristo
- + *Um defeito de cor*, Ana Maria Gonçalves
- + *O ódio que você semeia*, Angie Thomas
- + *A cor púrpura*, Alice Walker
- + *Mulheres, raça e classe*, Angela Davis
- + *O pacto da branquitude* – Cida Bento
- + *O feminismo é para todo mundo*, bell hooks

- + Quem tem medo do feminismo negro?, Djamila Ribeiro
- + Quarto de despejo – Carolina Maria de Jesus
- + Pequeno Manual antirracista – Djamila Ribeiro

ANIMAÇÕES, DOCUMENTÁRIOS, FILMES E SÉRIES

- + Manifesto por uma educação antirracista – instituto alana – disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IL1LDax45Jo>
- + “O urso que não era”, de Frank Tashin, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qiEhh04PWJY>
- + Canal tempero Drag – episodio Mulheres Foda ,Nilma Lino Gomes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-m4c5EK4z4>
- + Canal tempero Drag – episodio Mulheres Foda Harriet Tubman. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=canal+tempero+drag+mulheres+foda
- + Canal tempero Drag – episodio Mulheres Foda ,Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W5ONEEzm7wl>
- + Medida Provisória (2020) - filme
- + Cadê o Amarildo ? - documentário
- + Self Made: A vida e a história de Madam CJ Walker (2020) ...
- + Infiltrado na Klan (2018) - filme
- + Harriet (2019) -filme
- + Olhos que Condenam (2019) – série.
- + M8 Quando a morte socorre a vida – filme
- + Olhos que condenam – série
- + Menino 23 – documentário
- + Guerras do Brasil – documentário
- + Amarelo – documentário
- + Podcast Mano a Mano – entrevista Sueli Carneiro; Angela Davis; Conceição Evaristo; Anielle Franco;
- + O ultimo navio negreiro – documentário
- + Sankofa - documentário
- + Canal Futura e Larissa Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dp-LxZ3Ck7c>
- + O que é Racismo Estrutural Boitempo Editorial/Silvio Almeida. Disponível em: <https://youtu.be/PD4Ew5DIGrU>
- + Direção: Joel Zito, 2011. Vista minha pele Disponível em: <https://youtu.be/LWBodKwuHCM>

✚ Dudu e o lápis cor de pele – produtora de filme take a take
https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim

Nome completo:  Sujeilly Eduarda

Idade: 16

série/ano:

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Etno-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que desde sempre as pessoas negras sofrem racismo apenas por serem o que são. Foram escravizadas e usadas por brancos que se achavam melhor que eles.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, é nitido que há mais oportunidades para brancos e pessoas com mais escolaridade.

- O que é preconceito?

É tipo um julgamento que você tem da pessoa antes de conhecê-la.

- O que é racismo?

É você julgar a pessoa pela cor da sua pele.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Parda

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não que eu me lembre, só em vídeos, me senti muito mal por não poder ajudar.

- Você se considera racista?

Não, procuro sempre respeitar as pessoas, independente do que elas são.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Meu pai é pintor autônomo e minha mãe do lar. Eles não completaram nem o fundamental.

He não

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não, todos gostaríamos de ser tratados com
respeitos, sempre, ninguém gosta de desrespeito.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Deveriam fazer mais palestras, prestar atenção
nos bullying que acontece lá e muitas outras
formas de combater.
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
Não, me sinto desconfortável em falar sobre
algumas questões, pois, a diretora mesmo é
homofóbica e faz muitos comentários ~~racistas~~
Machistas.

Nome completo: Ana Carolina Marchi

Idade: 17 anos

2º ano C

série/ano: ~~1º ano C~~

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Que eles foram escravizados no Brasil em
que os portugueses descobriam o Brasil.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, porque não tem igualdade de oportunidades
das negas não tem oportunidades como
qualquer outra pessoa.

- O que é preconceito?

Preconceito eu acho que é quando
nós não aceita as diferenças do próximo,
quando nós despreza ou desprezamos alguém.

O que é racismo?

Racismo é como uma forma de fazer
discriminação com alguém.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

-Negra!

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

-Não

- Você se considera racista?

-Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Me - Parameira - Ensino médio completo

Me - Lombardi - Ensino médio completo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não gostava

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Com palestra nas salas e gerais, e
falando mais sobre isso com os seus
alunos

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Não, me sinto sufocada naquela escola

Nome completo: emily Sara Campos

Idade: 16

série/ano: 1º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
- Eu sei que com a chegada dos brancos elas foram escravizadas, maltratadas, julgadas, feitas de bostas e até mesmo abusadas e até hoje algumas ainda são tratadas assim.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
- Não, as pessoas são tratadas diferente só pelo meio cor, raça, religião, etc. fosse mesmo um país de igualdade e oportunidades não teria tanta desigualdade em nosso país.
- O que é preconceito?
- É como se fosse uma discriminação na hora e se julga a pessoa sem conhecer e manifesta discriminação perante pessoas, coisas, sentimentos e tendências de comportamento.
- O que é racismo?
- Racismo é o preconceito que uma pessoa tem por ela ser diferente, um exemplo é a discriminação contra os cabelos de cabelo ou penteados afro, como o bôcô, tanto para meninas quanto para meninos ~~negros~~ negros
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
- me considero branca
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
- Sim, eu discuti até porque era meu irmão e não eu posso ajudar ele.
- Você se considera racista?
- não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
- técnico de refrigeração, motorista, operadora de Centro de Controle Operacional

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
não, muitas das vezes eles são tratados como
animais e até humilhados só pelo simples fato
deles serem negros.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Deviam ter mais ações realizadas falando
sobre isso, mas muitas das vezes até os
professores vem o ato e não faz nada. Que façam
mais campanhas, palestra, etc.
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
não, muita das vezes as escolas e os lugares
que tem mais negatividade e pressão.

Nome completo: Karina Soares

Idade: 16 anos

série/ano: 2 ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que foi os indígenas que chegaram no Brasil, depois chegaram os portugueses e escravizados

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, ainda existe muito preconceito, e claramente a maioria das oportunidades são dadas a uma pessoa branca

- O que é preconceito?

Um julgamento sobre alguém, por deficiência, cor, escolaridade

O que é racismo?

Quando a pessoa não aceita a outra por causa da cor

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

parede

- Já presenciou uma situação de racismo? Como aqui e/ou sentiu?

não, ou não me lembro

- Você se considera racista?

não, aceito todos da maneira que são

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Em casa só tem a minha mãe e ela não trabalha, sua escolaridade é fundamental incompleto

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

com matérias relacionadas a consciência negra.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Não. Sinto que estou sozinho para passar o tempo, não é aproveitada o tempo.

Nome completo: WUBLEY KAUÁ ALMEIDA SOUZA.

Idade: 16 ANOS

série/ano: 2º Ano.

➤ Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não, normalmente não tratados
com diferença, desprezo, desigualdade
e preconceito

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Deveriam falar mais sobre isso, fazer
mais palestra

➤ O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
Bom, na escola que estudo, costumam
ser acolhedores os professores e funcion-
ários, por alunos nem sempre todos

Nome completo: Nicolly Vitória de Souza

Idade: 16

série/anos: 1º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Eu sei que as negras foram escravizadas e forçadas a sofrerem vários tipos de abuso

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não Brasil ainda é um país racista e preconceituoso

- O que é preconceito?

É quando uma pessoa fala algo negativo sobre ou um preconceito que pode machucar a outra pessoa

- O que é racismo?

É racismo é quando uma pessoa faz alguns comentários ou age com a intenção de suas culpas com ela

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, eu me autodeclaro parda, meu pai é afro-brasileiro

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Já na escola e na rua, me senti muito machucado e triste por ainda existir racismo

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

➤ Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras? /

Sim, gostaria

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

promover ações racial conscientes
os alunos

➤ O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Não, me sinto deslocado pois há muita pressão
acadêmica

Nome completo: Jonathan Luíz de Souza Matos
Idade: 17 série/ano: 2

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação racial

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que foi os índios que chegaram no Brasil, de pois chegaram portugueses e escravizaram eles.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Bom a maioria ~~compreendem~~ compreendem e aceita, mas ~~ainda~~ ainda existe uma minoria que não aceita.

- O que é preconceito?

é um julgamento de uma pessoa que você conhece.

- O que é racismo?

é quando você não aceita a pessoa do jeito que ele é

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branca

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não, aceito todos dos jeitos que eles são

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Mãe - operadora de máquina, estudou até o 7º ano
Padrasto - ajudante em uma casa de material de construção.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei sobre suas culturas, história na colonização do Brasil sobre as leis que libertaram várias pessoas

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não considero pois o que mais tem no Brasil é a desigualdade do povo tanto em poder etc...

- O que é preconceito?

Preconceito é a discriminação de apenas as pessoas estarão em uma dificuldade e a pessoa se humilha e se acha maior que a outra

- O que é racismo?

É a discriminação de uma pessoa por sua raça, cor, cultura;

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

me relaciono como: pardo e etnia Brasileira e Italiana

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

contando mais sobre a história por trás dos livros
e outros lados da história

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

O ambiente em si não é muito acolhedor
e me sinto sobrecarregado e com estresse.

Nome completo: Nicolas Mathews Chaves do Nascimento

Idade: 17 anos

série/ano: 1.º B

1

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Que eles passaram por muita luta por eles
ser negros e tem gente que tem até nojo
deles pessoas e passam fome.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Sim depende das pessoas.

- O que é preconceito?

Quando a pessoa é magra, ou cor de, e
quando usa óculos, e a cor do cabelo e a
altura as roupas etc...

- O que é racismo?

É a pessoa que não gosta de negro
e do jeito que é a pessoa.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Mulhera.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim mais só que não ligou não.

- Você se considera racista?

Não por que cada um tem sua natureza seu
jeito de ser.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Meu pai está ele trabalha no Brasil 6º
ano.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não eu gosto muito de Respeito.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Fazendo Reunião com as pessoas.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Eu acho que sim quando tem problema eles correm pra tentar ajudar da forma mais possível.

Nome completo: Fernanda Caroline Gomes Cavalcanti

Idade: 16 anos

série/ano: 9º

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Que por muito tempo foram discriminado e houve muita luta de líderes por direitos iguais, apesar de não ser notável hoje, a comunidade negra teve grandes conquistas.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não; as negras são muito discriminado hoje e por isso não tem grande credibilidade e oportunidades como as outras pessoas.

- O que é preconceito?

É a discriminação de outro por causa de gostos pessoais.

- O que é racismo?

É a discriminação pela cor racial.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Nunca presenciei nada.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Não sei responder

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
não gostaria pois é muito constrangedor isso
não queria que ninguém fosse tratado
assim.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
podria fazer campanha sobre isso e muitas coisas
mesmo que faça muitas coisas não vai para de ra
ncasta onde a gente que são muito racista.
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
Depende do caso tem coisas que acontecem na
escola sobre isso que eles não ligam.

Nome completo: Maria Luíza Andrade Seneira

Idade: 10 anos

série/ano: 5º ano E

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Infelizmente não sei muito sobre as pessoas negras, e o pouco que sei aprendi em filmes, documentários e na escola. Aprendi que dez de onze as negras eram infelizes por serem por conta da escravidão.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, nosso país não é um país que não existe igualdade de oportunidades, só por que umas pessoas que não têm a oportunidade de ter um estudo de alto nível e oportunidade na vida social quanto aos brancos...

- O que é preconceito?

Segundo eu entendo sobre o preconceito, é uma pessoa se achar superior ao próximo por conta a condição financeira, educação, cor de pele e etc...

- O que é racismo?

Segundo eu entendo sobre racismo, é uma pessoa se achar diferente por conta da sua cor, e atacar o caráter de outra pessoa. E até mesmo discriminando a pessoa.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branco!!!

- Já presenciou uma situação de racismo? Como aqui e/ou sentiu?

Nunca presenciei uma situação dessa, mas já vi pelo internet, e quando eu sei preciso que fazer racismo ao próximo pode atingir e causar de outro lado, preciso que o ser humano é um ser muito mais existe no planeta terra.

- Você se considera racista?

Não!!!

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Em uma hora 3 pessoas, apenas 3 estão trabalhando meu pai com tratamento de de gado, minha mãe no marmitaria e eu com sempre sempre!!!

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
 Eu tenho certeza que nem elas e nem as
 outras pessoas que se consideram brancas, gostariam
 de ser tratadas com um animal.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
 Poderia fazer palestras, inventar as histórias de
 aqui em dia que estão escrevendo não pode ser
 uma forma de educação para as outras.
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
 Não, no momento em que estou na escola a
 única coisa que não me sinto é acolhido
 muito menos protegido.

Nome completo: Jonai Gabriel da Silva

Idade: 16

série/ano: 2 ano Ensino
Médio

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

SE, QUE OS NEGROS FORAM TRAZIDOS PARA O BRASIL COM
NAU OS NEGREIROS E FORÇADOS A FAZER TRABALHO ESC-
RAVO COM UM TRATAMENTO DESHUMANO

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

NÃO, EM QUESTÃO DE IGUALDADE SOMOS POBRES E CEGOS,
NESSE PAÍS O RICO CADA VEZ FICA MAIS RICO E O POBRE
CADA VEZ FICA MAIS POBRE

- O que é preconceito?

QUANDO UMA PESSOA TEM PRECONCEITO COM
SEU PESO, COR, ALTURA

- O que é racismo?

QUANDO UMA PESSOA BRANCA SE ACHA MELHOR QUE
OUTRA, POR CONTA DA COR DE PELE, ACHA QUE O NEGRO É
UMA PESSOA TOTALMENTE INFERIOR.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

BRANCA

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

SIM, EU FIQUEI COM MUITA RAIVA, ATÉ PORQUE O QUE
A COR DA PELE DE UMA PESSOA PODE AFETAR NA SUA
VIDA

- Você se considera racista?

NÃO

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

MINHA MÃE NÃO TRABALHA E SO FEZ ATÉ O 9º ANO,
JA MEU PAI É CAMINHONEIRO E CONCLUIU O ENSINO
MÉDIO.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
NÃO
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
CONVERSANDO, OBSERVANDO O COMPORTAMENTOS E
BRINCADEIRAS DOS ALUNOS, PALESTRAS PARA AJUDAR
TAMBÉM
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
NÃO SEI EXPLICAR, NUNCA PRESTEI MUITA ATENÇÃO, MAS
JÁ OUVI / PRESENÇIAR ATITUDES RACISTAS

Nome completo: NICOLLY ISABEL DE CASTRO SILVA

Idade: 17 ANOS

série/ano: 3º ANO

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, afinal ninguém gosta de ficar em um lugar onde você não se sente confortável; por conta de ~~isso~~ desrespeito, preconceito e diferenças.

Nome completo: Sucon Eduardo de Araujo Barcheto

Idade: 17

série/ano: ~~2ª série~~ 3ª série

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Séculos muito no passado

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pessoas negras são mais difícil para oportunidades

- O que é preconceito?

Qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico

- O que é racismo?

Julgar alguém pelo que ele é

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Não

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

(MÃE)

Manicure, ensino médio completo

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Com palestras, mas não adianta muito

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Concordo, trata as pessoas com respeito, mudou tudo

Nome completo: Lucas dos Santos Oliveira

Idade: 16

série/ano: 3º ano

2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

- O que é preconceito?

Preconceito é tratar uma pessoa de
uma diferente como tratar uma pessoa branca

- O que é racismo?

Racismo é tratar uma pessoa negra: ex: "olha
um macaco" ou tipos de discriminação

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branca

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não, porque não gosto de fazer julgamentos

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo:

Gustavo Garcia Ricardo

Idade:

16

série/ano:

2º ano C

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

As pessoas negras no Brasil são sempre muito fediadas, ou lesadas.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Ele não é um País de igualdade de oportunidade porque eles dispõem muito das pessoas negras.

- O que é preconceito?

preconceito é tudo aquilo que uma pessoa fala sobre raça, do cabelo, da cor de pele etc.

- O que é racismo?

racismo é aquilo que uma pessoa chama raça pela sua cor.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

sim já presenciei, me senti muito triste porque não gosto dessas coisas.

- Você se considera racista?

não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

mãe: Agente administrativa (Ponte de Lima) ~~Ensino médio~~ ^{completo}
 só: manicare ~~Ensino médio~~ ^{completo}
 irmã: Ped Shop ~~Ensino médio~~ ^{completo}

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Não

Nome completo: Maria E. Jonander

Idade: 16 anos

série/ano: 2º

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais / Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Pouco por momentos muito difíceis

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, apesar do século em que estamos, ainda há desigualdade e não é somente por a pessoa ser negra.

- O que é preconceito?

Quando você desvaloriza a pessoa, por sua religião, sexo sexual e até mesmo sua cor de pele.

- O que é racismo?

Desvalorizar de pessoas negras.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, Branca

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não, pois onde eu vivo, as pessoas tem ética.

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Funcionários públicos, ensino médio completo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Apesar com palestras e etc, pois muitas não se importam.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Percebe-se, que quando há "puxões" racistas, pessoas negras ficam desconfortáveis perante o isso.

Nome completo: João Pedro Pereira Mendonça

Idade: 17

série/ano: 2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Somente o básico que nos ensinam na escola e alguns textos que amigos meus comentam sobre

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pessoas pretas, pobres, lgbt+ e deficientes tem pouquíssimas oportunidades comparado com outros grupos.

- O que é preconceito?

Preconceito é você tratar com diferença ou desdém algum que é diferente de você.

- O que é racismo?

Racismo é tratar com diferença ou ruim alguém por conta de sua cor ou origem.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branco.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Já, estive em uma loja e o segurança andou somente atrás do meu amigo (negro) enquanto os brancos ele simplesmente ignorava; saímos da loja e não voltamos.

- Você se considera racista?

Não, porém sei que alguns colegas que não ensinados desde crianças e não racistas, ainda tentam se livrar dele.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Vendedora e funcionária em uma de limpeza; minha mãe fez faculdade e meu padrasto fez até o 3º ano do ensino médio.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Definitivamente não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Ensinar a história de forma bem mais detalhada para não repetirmos os erros do passado; punir e reprimir atos racistas e prestar apoio as vítimas.

> Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, já sofri racismo em um projeto que eu frequentava
mas ninguém fez nada, foi como se eu não importa-se
ou pertencesse a aquele lugar, a partir disso foi
horível continuar frequentando e não poder sair.

Nome completo: Larissa do Nascimento Oliveira

Idade: 17

sexo/ano: 2 ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sabiam muito no passado pelo fato de
sub. cor e ainda sabem.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois pessoas negras são mais difícil
de conseguir emprego por serem discriminadas
pelo seu tom de pele.

- O que é preconceito?

Qualquer opinião ou sentimento concebido
sem base crítica.

- O que é racismo?

Fulgar alguém pelo que ela é, pela sua
cor e outros vários coisas.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Não, sou Branca.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, bom fiquei muito brava e me senti
triste pela pessoa.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

meu pai eletricitista, escolaridade não sei.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

com palestras.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, o tratamento com respeito muda
o ambiente.

Nome completo: Kemelli Roberta Garcia da Silva.

Idade: 16 anos.

série/ano: 2º Ano "G".

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
 As pessoas negras sempre sofreram muito preconceito pela sua cor e até mesmo pela sua origem, mas elas sempre lutam para
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
 Não, infelizmente no nosso país há muita desigualdade.
- O que é preconceito?
 Preconceito pra mim é: você julgar a pessoa sem antes mesmo conhecê-la
- O que é racismo?
 Racismo é discriminação baseada em desigualdade racial etc..
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
 branca
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
 Não, nunca presenciei
- Você se considera racista?
 Não!
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
 Pai = Brancos
 mãe = Forneira
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
 Não, pois as pessoas negras são tratadas muito mal mesmo
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
 Fazendo palestras, filmes relacionados ao racismo etc..

combater esse
preconceito

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim. Podemos notar diversos casos no Brasil, a diferença que uma pessoa negra e branca são tratadas na comunidade.

Nome completo: Maria Rita Camargo Grepaldi

Idade: 17 anos

série/ano: Turma 3/a

2ª série ensino m

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
As pessoas negras sempre sofriam discriminação por qualquer motivo.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não. Porque muitas vezes não têm muita oportunidade igual ao branco.
- O que é preconceito?
É o ato de julgar algo ou alguém antes de conhecê-lo o objeto de julgamento.
- O que é racismo?
Resposta: discriminação ou antagonismo por parte de pessoas em relação a cor.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Não.
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim. Quando gente acha que a cor da pessoa não importa, mas sim a inteligência e o conhecimento.
- Você se considera racista?
Não.
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Mãe: Auxiliar doméstica
Tia: Aposentada
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não. Ninguém gosta.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Com mais palestras, com aulas de conscientização.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Uai

Nome completo: Marcos M. Ilgao

Idade: 16 anos

série/ano: 2^o ano A

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
 Esse momento época é um momento de oportunidades,
 vendendo e comercializado
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
 Não, porque não são todos que são
 Racista
- O que é preconceito?
 É você ver uma pessoa independente
 da cor, raça e religião
- O que é racismo?
 É um crime, é uma pessoa Branca fazer
 nada mal com uma pessoa negra
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
 Sim
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
 Sim, fiquei triste porque foi com
 meu avô
- Você se considera racista?
 Não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
 Vendedores, minha mãe fez até o 1º ANO de ensino
 Médio e meu pai terminou
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
 Não
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
 Ter palestra sobre o Racismo e um
 pouco da história das pessoas negras

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

A mano é um rapaz que não quer
que passe de certa forma a pessoa que
tudo e a pessoa pode até pegar
depende

Nome completo: Pedro Guilherme dos Santos da Silva

Idade: 16

série/ano: 2º ANO

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação racial

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

- O que é preconceito?
Um julgamento formado antecipadamente por uma pessoa sem fundamento crítico
- O que é racismo?
Preconceito e discriminação com base nas diferenças biológicas entre os povos
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Sim
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Infelizmente sim, mas não me lembro de como agi, apenas lembro de sentir um aperto no peito.
- Você se considera racista?

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
minha mãe é advogada e minha tia costureira. Lino médio completo
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não, pois infelizmente a maioria trata as pessoas negras como uma parte inferior da sociedade.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

sim em uma discursão de trabalho

Nome completa: Luiza Maria

Idade: 17 anos

série/ano: 3º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
No Brasil na época ^{15th} vindam escravos, compraram,
exportaram, era como comércio,
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
- O que é preconceito?
É não respeitar as pessoas pelo que ela é, julgamentos
pelo que a pessoa se identifica.
- O que é racismo?
O racismo é um preconceito com pessoas negras
com o ato de tratar com preconceito usando sua cor
como se fosse uma animal.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
- Você se considera racista?
Hoje em dia não me considero, mas já
tive pensamentos racistas.
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: *Paulo Vinícius Rodrigues Dias*

Idade: *16*

série/ano: *2^ªA*

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
QUE ELAS VIERAM DA ÁFRICA ATÉ AS
INVASÕES ACONTECEREM E ELAS ACABARAM VIRANDO
ESCRAVOS
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
NÃO O PAÍS ATUAL NÃO É UM LUGAR
QUE TODOS TEM AS MESMA OPORTUNIDADES
E SEM O OPOSTO, PESSOAS BRANCA COM
UMA RENDA MENOR TEM MAIS CHANCE
- O que é preconceito?
É NÃO RESPEITAR AS PESSOAS PELO QUE ELA
É, JULGAMENTO PELO QUE A PESSOA SE IDENTIFICA
- O que é racismo?
É CRIME COM PESSOAS DE PELE ESCURAS.
COMO SE NÃO FOSSEM IGUAIS POR DENTRO
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
SIM, SOU PARDA
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
SIM ME SENTI MAL, COMO AS PESSOAS.
PASSA POR ISSO TODOS OS DIAS, E COMO
TEM PESSOAS QUE FAZEM ISSO
- Você se considera racista?
NÃO ME CONSIDERO, MAIS DES DE PEQUENOS
A GENTE VÊ FIGURAS DE PELE CLARA
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
USINA É DONA DE CASA
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
NÃO, ELAS NÃO MOSTRA MAIS A
SOCIEDADE É RACISTA
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
TER MAIS ATENÇÃO E PESSOAS INTERESSADAS
EM AJUDAR OS ALUNOS E NÃO PESSOAS
QUE SÓ TÁ LA PELO DINHEIRO

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

SIM, TRATANDO AS PESSOAS BEM, VOCE
VAI QUERER E GOSTAR DE FICAR
LA

Nome completo: GEOVANIA GABRIELA DOS SANTOS

Idade: 16

série/ano: 2E.M

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Após o fim da escravidão, não tinham trabalho, moradia, e abrigavam-se em favelas, enfrentando necessidades diariamente.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não. Pois, para conseguir ter uma boa renda, precisa de um bom trabalho que precisa de um bom currículo, no Brasil o currículo vale mais que sua história de vida.

- O que é preconceito?

Estabelecer padrões referente a cultura, religião, classe econômica, entre outros que fazem interferir em oportunidades / vida pessoal.

- O que é racismo?

Discriminar alguém pela cor da pele.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim. Branca.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim. me senti desconfortável com a situação, e chateada. Defendi a pessoa que sofreu racismo.

- Você se considera racista?

Não!

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Mãe + Técnica em enfermagem / Secretariado.

Pai + Policial Penal, ambos com 2º antigo grau completo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não. Muitas vezes as pessoas não conseguem um bom emprego, oportunidade de crescimento pessoal, e sentem incomodadas ao entrar em certos lugares, apenas por sua cor.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Deveria existir um estudo / aula no início do ciclo da criança na escola, ensinando sobre esse assunto, pois a criança é inocente, e que influencia não as pessoas.

5

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Isabella Cristina Amor Miranda
Idade: 16 idade/anos 2º Ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Sempre tiveram dificuldade de adaptação pois a
muito a questão do preconceito e racismo
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
não considero, pois mesmo que o Brasil seja um país
cheio de culturas existem pessoas que não aceitam
e não da oportunidade de igualdade
- O que é preconceito?
Um julgamento formado antecipadamente por uma pessoa
sem fundamento crítico
- O que é racismo?
um preconceito com a cor da pele, raça, cultura da pessoa
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
não
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Já presenciei várias situações sérias, Fiquei chateada
e ajudei minha amiga na qual situação onde o
julgamento veio de uma professora em sala de aula
- Você se considera racista?
não é uma resposta clara para essa pergunta, pois
não adianta colocar que "não" se sem perceber e sou no dia a
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas? ^{dia}
minha mãe trabalha em restaurante como ajudante de cozinha
japonesa e meu padrasto em um posto de gasolina, minha mãe até 6^o ano
o meu padrasto ensino médio completo
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
não, pois todos deveriam ser tratados da mesma forma,
~~mas~~
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Ana Beatriz Abreu Minzeps

Idade: 17

série/ano: 3°

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Mas as pessoas negras foram escravizadas
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não. Tem muitas pessoas presas e falta de pessoas
- O que é preconceito?
É quando você julga pela pessoa ter tatuagem, piercing, etc
- O que é racismo?
É quando você julga pela cor de pele da pessoa
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Branco
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim na escola, eu agi normal pois não sabia que era racismo
- Você se considera racista?
Não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Avô - Mecânico - Ensino médio completo e faculdade completa
Professora - Ensino médio completo - faculdade pedagogia e enfermagem completa
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
fazendo um projeto onde todos conversam sobre racismo

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

na em shopping, mercado, shopping e vários outros

comercios

Nome completo: Matheus Luiz Vaz

Idade: 17

série/ano: 2º ano G

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Não sei nada
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Eu acredito que não há igualdade porque não tem igualdade, já que todas tem as mesmas direitos, mas algumas pessoas não tem acesso a esses direitos, ou mesmo não sabem que os têm
- O que é preconceito?
Julgar pessoas pelo estela, cor da pele, tatuagens etc
- O que é racismo?
Julgar ou discriminar a pessoa pela sua etnia
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Branco
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Uma vez em uma rua, depois de brincar
- Você se considera racista?
Eu não me considero
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
comércio : 6º ano
crianças : 7º ano
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Deixar de ser apenas na escola e achar que devemos aprender que existe o racismo e suas formas de racismo: racial físico, estrutural

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Ariane Rodrigues de Araújo

Idade: 17 anos

série/ano: 3º série E.M

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

passam por momentos muito difíceis

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, apesar do século em que estamos, ainda há desigualdade e não é somente por a pessoa ser negra.

- O que é preconceito?

Sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou

- O que é racismo? ^{imposto pelo meio}, intolerância.

Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, sou parda

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não, pois onde eu iria, as pessoas tem etnia

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

auxiliar de produção e diário de lava car e eu auxilio administrativo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Cursos com palestras e de lá, pois muito não se importa.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim.

Nome completo: Kauany D. Santos

Idade: 16 anos

série/ano: 8-20

2º Ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Sei sobre a escravidão, os Negros tem mais tendências em sofrer. Infelizmente.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não! pois geralmente a sociedade prefere os 0 pessoas da cor clara.
- O que é preconceito?
O Racismo começa quando o lapis Branco se chama cor da pele, entre outros.
- O que é racismo?
Exatidão, emulgar ou imitar as discriminações ou preconceito de cor, etnia, religião.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Eu Não sou Branco, mas Agora sou pardo.
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Não, pois onde frequento os pessoas tem etnia.
- Você se considera racista?
Defeito Nenhum!
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Cozinheira, Mecânica, Repositor.
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Jamais, Não!
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Apesar com palestras e etc. Lá pois muitos não se importa.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
 Eu sei que antigamente as pessoas negras eram escravizadas, torturadas e forçadas a trabalhar até cair. Não tinham liberdade e nem tinham direito a falar.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
 Não, muitas pessoas não conseguem uma vaga de emprego por causa da cor da sua pele, tipo de cabelo, orientação sexual, etc.
- O que é preconceito?
 Existe vários tipos de preconceito, o preconceito é quando uma pessoa não aceita as cores/etnia/raça/religião.
- O que é racismo?
 É quando uma pessoa ofende outra pessoa por conta da sua cor de pele, tipo de cabelo, etc.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
 Bele Clara, cabelo castanho, olho claro
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
 Sim, várias vezes na escola. Não fiz nada porque certas pessoas tratam isso como uma normalidade, mas não é. Me senti um pouco constrangida.
- Você se considera racista?
 Não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
 Meu pai já se aposentou, fez até o fundamental 2. Minha mãe fez até o ensino médio e está obtida da profissão.
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
 Não, acho ridículo, acho que deveriam ser tratados com total igualdade.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentimentos pertencente tem influência sobre a percepção em algum ambiente? Comente

Sim

Nome completo:

Idade: 17

Júlia Delgado Carvalho

data/ano:

3-2022

2º Ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- 1 > O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Eu sei que a muito tempo atrás no Brasil usavam as pessoas negras para escravidão, prostituições e muitas coisas ruins.
- 2 > Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não. Em questão a esse assunto de racismo, já vi documentários e empresas que não tinham pessoas brancas brancas (não contratavam pessoas negras).
- 3 > O que é preconceito?
Não gostar e discriminar grupos religiosos, sexualidade, raça, nacionalidade, etc.
- 4 > O que é racismo?
É a discriminação e não gostar de pessoas negras.
- 5 > Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
- 6 > Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim. Na minha sala tem um trio de amigos que fazem de graça e brincando fazendo piadas racistas entre si acho péssimo sem malícia.
- 7 > Você se considera racista?
Não
- 8 > Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Minha mãe é aposentada e faz até o 4º ano. Meu irmão trabalha na Americanet e tem o ensino médio completo.
- 9 > Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não
- 10 > Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

11 > Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Nataliel Camila dos Santos Alves
 Idade: 17 série/ano: 3º ano

6 - mesmo que seja uma brincadeira entre eles e eles acabam rindo outras pessoas de fora por de se ofender.
 Em questão a essa "Brincadeira" delas eu não me meto.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

A história das negs no Brasil é de diversas lutas, que inclui desde o preconceito, violência e a discriminação.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois há discriminação e tudo relacionado a isso as oportunidades não existem desde agora, e tem muitas outras questões que são chamadas Brasil, que precisam ser mudadas pois as negs pessoas tem mais negs.

- O que é preconceito?

Preconceito que negs julga as pessoas sem antes conhecer.

- O que é racismo?

~~Discriminação~~ discriminação de negs por pessoas por causa da sua cor da pele e etnia.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, negra.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, acabei a ajudar a pessoa, pois o preconceito foi em uma loja de roupas e a pessoa se sentiu muito mal.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Pai: técnico em mecânica - superior incompleto
Mãe: técnica em enfermagem - superior completo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não, pois não julgo a outra pessoa pela sua cor da pele e não trata-la bem, é errado e ignora muito do seu caráter.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Quando ocorre alguma discriminação, a educação da escola precisa ensinar e punir a pessoa que praticou esse tipo de preconceito.

Anexo II

Pesquisa discente

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Pelo simples fato de nós seres humanos não entendermos o lado de outro por alguns não aceitarmos o gênero de outro ou uma religião. Por a algumas maneiras de escolher de um indivíduo e algumas pessoas não aceitam uma escolha para ela ou o ponto de vista dela e assim. No caso da desigualdade é mais para o ponto de vista social como por exemplo as pessoas mais humildes que por sua vez tem dificuldades na sociedade e acabam não sendo tão vistos no mundo social, ainda que na diversidade temos o fato que quanto o gênero, religião, cor ou raça deficiência e entre outros todos esses são fatores para a sociedade implicar mais e por isso acaba incomodando mais que a desigualdade.

Nome: Sua Marcelo Vinícius de Oliveiraidade: 17Série/ano: Turma 2/2021data: 25/11/22

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

A diversidade é um conjunto de vários tipos, já a desigualdade discrimina um tipo de pessoa fazendo assim que somente um grupo de pessoas sejam privilegiados. Por isso que a diversidade incomoda mais que a desigualdade, já que a desigualdade trata todos os grupos raciais enquanto a desigualdade trata somente um grupo.

Nome: WUBSLEY KAUÁ ALMEIDA SOUZA.

Série/ano: 2.º Ano -

idade: 16 Anos.

data: 26/11/2022.

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

porque cada um tem seu jeito e as pessoas
não gostam do jeito que as pessoas e por
isso incomoda mais do que a desigualdade
e as pessoas ainda muito da vida em outros
por que cada um tem sua forma de pensar
agir e seu jeito.

Nome: *Leandra Cordun Gomes Cavalcanti*
Série/ano: *9º1)*

idade: 16

data: 26

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

A diversidade retrata uma mistura de diversas culturas, pessoas, histórias e raças no mesmo ponto de vista. A diversidade luta por mudança, direito, respeito. As pessoas retratam muito uma outra parte e se incomoda esta realidade por conta que uma grande massa do planeta Terra tem uma sociedade em desequilíbrio total onde uma pessoa como um todo pensa em si próprio não incluindo as mulheres e onde uma pessoa de classe baixa ou média baixa tem mais dificuldade de crescer no mundo e para mudar esta desigualdade na sociedade democrática alguns querem mudar para uma qualidade de vida melhor (mais).

Nome: Nicolas Mathews

Série/ano: 1.º B

idade: 17

data: 26/11/2022

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Por que o preconceito fala mais alto. Pessoas ricas não querem ver os pobres "vencendo", nada é justo nesse país. Assim como uma pessoa hetero se incomoda com um gay, mas pouco se importa com alguém passando fome.

Somos um dos países onde mais morrem pessoas gays, trans e negras. A diversidade incomoda a quem quer manter os privilégios.

Nome: Nicolly Isabela de Castro Silva

Idade: 17 ANOS

Série/ano: 3º ANO

data: 26/11/2022

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

A diversidade pode ser vista de muitas formas, e trabalho é uma delas. Muitas pessoas não têm uma tendência ou condição de ser um ensino de médio ou alto ensino, fazendo com que assim possam trabalhar. Meu pai é um exemplo, não tem ensino médio que trabalhasse para sobreviver. Diversidade pode ser vista também com sexualidade de outras pessoas, uma pessoa que tem uma sexualidade fora do padrão é muito atacado por outros por conta do seu pensamento. Religião também pode ser uma diversidade que incomoda mais que a desigualdade, uma pessoa que tem um pensamento diferente do que outros podem muito por conta de outros serem que não conseguem não respeitar isso.

Nome:

João Gabriel da Silva

Idade: 19

Série/ano:

2 ano do Ensino Médio

data: 26.11.20

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Porque eles tem preconceito e tem pessoas que não aceita as outras pessoas por causa da cor, do cabelo, do nariz e muitas coisas isso é muito chato cada pessoa de um jeito é não tem que diminuir a vida pelo jeito que ela é.

Nome: maria keiza n. sena

idade: 10 anos

Série/ano: 5º ano B

data: 06.11.2022

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

A diversidade se trata de vários costumes, cores, gêneros, culturas, religiões, etc. mas o que incomoda mais que a diversidade é que ninguém quer ser diferente. É por isso que a diversidade é tão importante. É por isso que a diversidade é tão importante. É por isso que a diversidade é tão importante.

Nome: Jonathan Chagas de Souza Neto
Série/ano: 2

idade: 17

data: 26/11/2022

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Porque o preconceito ainda está presente na sociedade, e pessoas brancas com mais escolaridade se acham melhor que outras pessoas.

A diversidade incomoda muita gente, talvez seja medo, medo de mudanças.

Nome: Emily Souza Campos

Série/ano: 1º ano

idade: 16

data: 26/11

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

porque o preconceito ainda está presente
na sociedade, e pessoas brancas com
mais escolaridade se acham melhores
que outras pessoas

A diversidade incomoda muita gente,
por medo de mudanças

Nome: Nicolly Vitória de Souza

Idade: 16

Série/ano: 1º ano

data: 26/11

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Porque eles sabem que sempre tem que controlar a vida uma das outras que tem que manter um padrão sobre tudo e não pa-
ra diversidade existe para diferenciarmos uns dos outros mas muitas pessoas ainda es-
tão dentro de uma caixa e que todos devem ser iguais, e a desigualdade
eles não se importam tanto com isso por-
que a maioria das pessoas praticam
esse ato e acontece tanto que vai che-
gando um momento que eles vão fin-
gindo que não estão vendo.

Nome: *Kauna Soares*

Série/ano: *2º ano*

idade: *16 anos*

data: *26/11/2022*

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

→ preconceito

Porque o ~~racismo~~ ainda é muito presente na sociedade, pessoas brancas e com mais escolaridade se acham melhores que pretas, que de acordo com o modo que vivem são julgadas. Apenas por serem pretas e "diferentes" são julgadas.

O "diferente" incomoda por que os "iguais" se doem quando veem alguém sendo diferente deles sendo felizes.

Podemos citar também que o modo que foram criados os fazem preconceituosos, mas a evolução está aí, Secub 23, é importante saber evoluir e sempre aprender mais para respeitar todos igualmente.

Nome: Ana Carolina Marchi
Série/ano: ~~1º ano~~ 2º ano C

Idade: 17 anos
data: 26/11/2022

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

nos últimos tempos por relação entre desigualdade e diversidade tem crescido um número de mais estudos na última década por isso - não que se refere a diversidade -

A diversidade, entendida como construção histórica social, cultural e política dos tempos, lugares - se em meio as relações de poder e um crescimento das desigualdades e da crise econômica que se pode dizer, mesmo desde os efeitos das desigualdades sociais e econômicas para a forma desigualdade.

Nome: *Antônio Wilson da Silva Gomes*

idade: 15

Série/ano: 1º ano

data: 26/11

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Eu acho que a diversidade incomoda mais
pelo fato de ser uma mistura de diferentes
tipos de pessoas em uma comunidade.

Nome: Sharyne Silva Santos

Série/ano: 2º Ano - F

idade: 17

data: 26/11/22

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

por que eles não aceito outros pessoas
de outra cor mesmo que a pessoa
seja igual unico causa que muda
a cor o cabelo etc.

Nome: Joniffer Valerya Ribeiro Rodrigues

Série/ano: 1-2

Idade: 16 anos

data: 26/11/22

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Porque sendo um conceito diferentes os dois termos diversidade e desigualdades estão relacionados. Isso acontece porque às vezes uma população ou um grupo social pode sofrer preconceitos por serem negros, brancos, cabelo liso ou cacheado e crespo, gordo ou magro, alto ou baixo. Nesse caso as diferenças que são a base da diversidade podem gerar desigualdades.

Nome: Maria Eduarda Germano dos Santos. idade: 17 anos

Série/ano: 8º ano

data: 26/11/2022.

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Sabe que o preconceito uma sociedade está em raiz, não, mas entendemos e crescemos sabendo "ser preconceituoso", aprendemos que ser gay é errado, aprendemos que apenas o evangélico e o católico são religiões certas. A diversidade no Brasil ainda uma questão que tem que ser discutida, uma sociedade onde pessoas brancas são a maioria, é difícil implantar a igualdade e a diversidade.

Mas aos poucos, o Brasil está desconstruindo os preconceitos enraizados.

Muito do preconceito das pessoas é por conta do problema que das pessoas em aceitar o diferente, aceitar que existe outras religiões, aceitar que toda forma de amor é válida, que todas as formas de corpos são perfeitos; - Amar é Amar!!

Nome: Gabriel Germano

Série/ano: 2º Ano

Idade: 16

data: 26/11/22

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Estima-se que 1% mais ricos detêm 50% de toda a riqueza mundial. Diante disso, a desigualdade é frequentemente vista como um dos maiores desafios do nosso tempo.

Alguns pesquisadores argumentam que a desigualdade de renda por si só não seria a principal questão. O problema, dizem eles, não é a existência de um abismo entre ricos e pobres, mas a injustiça. É uma percepção de acordo com uma série de estudos realizados inclusive com crianças, mostrando que muitas pessoas preferem uma "desigualdade justa" a uma "igualdade injusta".

Nome: Yeda Maria Vicente

Série/ano: 2º ano

idade: 16 anos

data: 26/11/22

Anexo III

Pesquisa qualitativa sobre as relações étnico raciais/representação Social

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- 1 > O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Eu sei que a muito tempo atrás no Brasil usavam as pessoas negras para escravidão, prostituição e muitas coisas ruins.
- 2 > Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não. Em questão a esse assunto de racismo há vi documentários e empresas que não tinham pessoas brancas brancas (não contratavam pessoas negras).
- 3 > O que é preconceito?
Não aceitar e discriminar grupos religiosos, exclusividade racial, nacionalidade, etc.
- 4 > O que é racismo?
É a discriminação e não gostar de pessoas negras.
- 5 > Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
- 6 > Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim. Na minha sala tem um trio de amigos que falam de grande e brincando fazendo piadas racistas entre si acho pessoas sem educação e mesmo que seja uma... continua.
- 7 > Você se considera racista?
Não
- 8 > Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Minha mãe é aposentada e faz até o 4º ano. Minha irmã trabalha na Americanet e tem o ensino médio completo.
- 9 > Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não
- 10 > Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

11 > Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Natalieli Camila dos Santos Alves
Idade: 17 série/ano: 3º ano

6 - mesmo que seja uma brincadeira entre eles e eles acabam com outras pessoas de fora pode se ofender.
Em questão a essa "Brincadeira" deles eu não me meto.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

A história das negs no Brasil é de muitas lutas, que inclui desde o preconceito, violência e a discriminação.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois há discriminação e tudo relacionado a isso as oportunidades não existem desde a escola, e tem muitas outras questões que não chamamos Brasil, que precisa ser mudado pois os negs pobres tem mais negs.

- O que é preconceito?

Preconceito que negs julga as pessoas sem antes conhecê-las.

- O que é racismo?

~~Discriminação~~ discriminação de negs por serem negs por conta da sua cor da pele e etnia.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, negra.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, acabei a ajudar a pessoa, pois a conheço há um tempo logo de seguida e a pessoa se sentiu muito mal.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Pai: técnico em mecânica - superior incompleto

Mãe: técnica em enfermagem - superior completo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não, pois não julgo a outra pessoa pela sua cor da pele e não a trata - lá bem se acabou e já diz respeito do seu caráter.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Quando ocorre alguma discriminação, a divulgação da ação precisa iniciar e punir a pessoa que praticou essa ação de preconceito.

4

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Ariane Rodrigues de Araújo

Idade: 17 anos

série/ano: 3º série E.M

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

passam por momentos muito difíceis

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, apesar do reculo imenso que estamos, ainda há desigualdade e não é bom para a pessoa ser negro.

- O que é preconceito?

Sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou

- O que é racismo? ^{imposto pelo meio, intolerância.}

Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, sou parda

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não, pois onde eu iria, as pessoas tem o dia

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

auxiliar de produção e dono de lava car. e seu auxiliar administrativo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Cursos com palestras e de lá, pois muitos não se importam.

6

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim.

Nome completo: Kauany S. Santos

Idade: 16 anos

série/ano: 3-20

2º Ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Sei sobre a escravidão dos Negros
tem mais ignorância, bem saber.
Infelizmente.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não! pois geralmente a sociedade
prefere os O pessoas da cor clara.
- O que é preconceito?
O Racismo começa quando o lapis
branco de chama cor da pele, entre outros.
- O que é racismo?
Praticar, endurecer ou imitar as discriminações
ou preconceito de cor, cor, etnia, Religião.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Eu sou Branca, mas Agora sou parda.
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Não pois onde frequento os
pessoas tem etnia.
- Você se considera racista?
De jeito nenhum!
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Cozinheira, Mecânica, Repositor.
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Jamais, Não!
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Apenas com palestras e etc lá
pois muitos não se importa.

- 8
- Você considera que a forma de trabalho e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim

Nome completo: *Júlia Delgado Carvalho*

Idade: *27*

data/ano: *3-2022*

2º Ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Eu sei que antigamente as pessoas negras eram escravizadas, torturadas e forçadas a trabalhar até cair. Não tinham liberdade e nem tinham direito a falar.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não, muitas pessoas não conseguem uma vaga de emprego por causa da cor da sua pele, corte de cabelo, orientação sexual, etc.
- O que é preconceito?
Existe vários tipos de preconceito, o preconceito é quando uma pessoa não aceita as cores/etnia/raça/religião.
- O que é racismo?
É quando uma pessoa ofende outra pessoa por conta da sua cor de pele, tipo de cabelo, etc.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Pele clara, cabelo castanho, olhos claros
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim, várias vezes na escola. Não fiz nada porque certas pessoas tratam isso como uma normalidade, mas não é. Me senti um pouco constrangida.
- Você se considera racista?
Não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Meu pai se aposentou, fez até o fundamental 2. Minha mãe fez até o ensino médio e está doada da ^{propriedade}
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não, acho ridículo, acho que deveriam ser tratados com total igualdade.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- 10
- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Isabella Cristina Amor Miranda
Idade: 16 idade/anos 2º Ano

11

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Sempre tiveram dificuldade de adaptação pois a
muito a questão do preconceito e racismo
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não considero, pois mesmo que o Brasil seja um país
cheio de culturas existem pessoas que não aceitam
e não da oportunidade de igualdade
- O que é preconceito?
Um julgamento formado antecipadamente por uma pessoa
sem fundamento crítico
- O que é racismo?
um preconceito com a cor da pele, raça, cultura da pessoa
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
não
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Já presenciei várias situações sérias, fiquei chateada
e ajudei minha amiga na qual situação onde o
julgamento veio de uma professora em sala de aula
- Você se considera racista?
não é uma resposta clara para essa pergunta, pois
não adianta colocar que "não" se sem perceber eu sou na dic a
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas? ^{dia}
minha mãe trabalha em restaurante como ajudante de cozinha
japonesa e meu padrasto em um posto de gasolina, minha mãe até 6^o ano
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras? ^{o meu padrasto}
não, pois todos deveriam ser tratados da mesma forma,
~~igual~~ ^{ensino médio completo}
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

2

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: Ana Beatriz Abreu Manzepe

Idade: 17

série/ano: 3º

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Que as pessoas negras foram escravizadas
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não, pois muitas pessoas possuem a física da pessoa
- O que é preconceito?
É quando você julga pela pessoa ter tatuagem, piercing, e etc.
- O que é racismo?
É quando você julga pela cor de pele da pessoa
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Branco
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim na escola, eu agi normal pois não sabia que era racismo
- Você se considera racista?
Não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Avô - Mecânico - Ensino médio completo e faculdade completa
Professora - Ensino médio completo - faculdade pedagogia e enfermagem completa
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
fazendo um projeto onde todos conversam sobre racismo

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

na em shopping, mercado, shopping e outras
comerciais

Nome completo: Matheus Souza Braga

Idade: 17

série/ano: 2º ano G

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Sobre a escravidão
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Eu acredito que não há igualdade, porque não tem equidade, já que todos tem as mesmas regras, mas cidadãos, porém não tem acesso a esses direitos, ou mesmo não sabem que os tem
- O que é preconceito?
Julgar pessoas pelo est. de, cor, de, idade, talentos etc
- O que é racismo?
Julgar ou discriminar a pessoa pelo sua etnia
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Branco
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Uma vez em uma rua, briga de trânsito
- Você se considera racista?
Eu não me considero
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
comerciante : 6º ano
criadora : 7º ano
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Desde já, os alunos na escola em que que deveriam aprender que existe o racismo e suas formas de racismo: verbal, físico, estrutural

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

sim, em uma discussão de tratamento

Nome completa: Luiza Maria

Idade: 17 anos

série/ano: 2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

No Brasil m época ¹⁵⁰⁰ vindam escravos, compram, exportam, era como comércio,

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Sim, porque...

- O que é preconceito?

É não respeitar as pessoas pelo que ela é, julgamentos pelo que a pessoa se identifica.

- O que é racismo?

O racismo é um preconceito com pessoas negras como ato de discriminação com pessoas usando sua cor como se fosse uma criminal.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, sou negra.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, quando fui discriminada por minha cor.

- Você se considera racista?

Não, mas às vezes me considero, mas não tenho pensamentos racistas.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Trabalham em diferentes profissões, algumas com ensino superior.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Sim, gostaria de ser tratada com respeito e igualdade.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Implementando aulas sobre história e cultura negra, promovendo debates e atividades que promovam a reflexão e o respeito à diversidade.

8

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: *João Vinícius Albuquerque Dias*

Idade: *16*

série/ano: *2ºA*

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
QUE ELAS VIERAM DA ÁFRICA PRA AS
INDÚSTRIAS ACONTECEREM E ELAS ACABARAM VIRANDO
ESCRAVOS
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
NÃO O PAÍS ATUAL NÃO É UM LUGAR
QUE TODOS TEM AS MESMA OPORTUNIDADES
É PRA O OPOSTO, PESSOAS BRANCA COM
UMA RENDA NOBRE TEM MAIS OPORTUNIDADE
- O que é preconceito?
É NÃO RESPEITAR AS PESSOAS PELO QUE ELA
É, JULGAMENTO PELO QUE A PESSOA SE IDENTIFICA
- O que é racismo?
É CRIME, COM PESSOAS DE PELE ESCURA
COMO SE NÃO FOSSEM IGUAIS POR DENTRO
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
SIM, SOU PARDA
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
SIM ME SENTI MAL, COMO AS PESSOAS,
PASSA POR ISSO TODOS OS DIAS, E COMO
TEM PESSOAS QUE FAZEM ISSO
- Você se considera racista?
NÃO ME CONSIDERO, MAS DESDE PEQUENOS
A GENTE VÊ FIGURAS DE PELE CLARA
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
USINA É DONA DE CASA
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
NÃO, ELAS NÃO MOSTRA MAIS A
SOCIEDADE É RACISTA
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
TEM MAIS ATENÇÃO E PESSOAS INTERESSADAS
EM AJUDAR OS ALUNOS ENTÃO PESSOAS
QUE SÓ TA LA PELO DINHEIRO

20

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

SIM, TRATANDO AS PESSOAS BEM, VOCÊ
VAI QUERER E GOSTAR DE FICAR
LA

Nome completo: GEOVANA GABRIELA DOS SANTOS

Idade: 16

série/ano: 2º E.M

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais / Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Cipó, o fim da escravidão, não tinham trabalho, moradia, e abrigavam-se em favelas, enfrentando necessidades diariamente

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não. Pois, para conseguir ter uma boa renda, precisa de um bom trabalho que precisa de um bom currículo, no Brasil o currículo vale mais que sua história de vida.

- O que é preconceito?

Estabelecer padrões referente a cultura, religião, classe econômica, entre outros que fazem interferir em oportunidades / vida pessoal.

- O que é racismo?

Discriminar alguém pela cor da pele.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim. Branca.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim. me senti desconfortável com a situação, e chateada. Defendi a pessoa que sofreu racismo.

- Você se considera racista?

não!

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Mãe + Técnica em enfermagem / Secretariado.

Pai + Policial Penal, ambos com 2º antigo grau completo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

não. Muitas vezes as pessoas não conseguem um bom emprego, oportunidade de crescimento pessoal, e sentem incomodadas ao entrar em certos lugares, apenas por sua cor.

Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Deveria existir um estudo / aula, no início do ciclo da criança na escola, ensinando sobre esse assunto, pois a criança é inocente, e que influencia não as pessoas.

2

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim. Podemos notar diversos casos no Brasil, a diferença que uma pessoa negra e branca são tratadas na comunidade.

Nome completo: Maria Rita Camargo Crepaldi

Idade: 17 anos

série/ano: Turma 3/2021
2ª série ensino médio

23

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
É pessoas negras sempre aqui de sempre por qualquer motivo.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não. Porque muitas vezes não têm muita oportunidade igual ao branco.
- O que é preconceito?
É o ato de julgar algo ou alguém antes de conhecê-lo o objeto de julgamento.
- O que é racismo?
É o tratamento diferenciado ou segregação por parte de alguém em função da cor.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Não.
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim. Muitas vezes acho discriminação mas não sei se é racismo. Não sei se é racismo. Não sei se é racismo. Não sei se é racismo.
- Você se considera racista?
Não.
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Mãe: Auxiliar doméstica
Tia: Aposentada
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não ninguém gostaria.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Com mais palestras, com mais de consciência e etc.

24

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Ué

Nome completo: Marcos W. Ilgoino

Idade: 16 anos

série/ano: 2^a ano A

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Que naquela época era uma escravidão, vendido e comercializado
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não, porque não são todos que são Brancos
- O que é preconceito?
É você ver uma pessoa independente da cor, raça e religião
- O que é racismo?
É um crime, é uma pessoa Branca fazer muita maldade com uma pessoa negra
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Sim
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim, fiquei triste porque foi com meu avô
- Você se considera racista?
Não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Vendedores, minha mãe fez até o 1º ANO de ensino médio e meu pai terminou
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Ter palestras sobre o Racismo e um pouco da história das pessoas negras

- 26
- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

A mano é um rapaz que não quer
que passamos de certa forma a passar
tudo e a pessoa não está pegando
depressão

Nome completo: Pedro Guilherme dos Santos da Silva

Idade: 16

série/ano: 2º ANO

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico Raciais / Representação social

➤ O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

➤ Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

➤ O que é preconceito?

Um julgamento formado antecipadamente por uma pessoa sem fundamento crítico

➤ O que é racismo?

Preconceito e discriminação com base nas diferenças biológicas entre os povos

➤ Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim

➤ Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Infelizmente sim, mas não me lembro de como agi apenas lembro de sentir um aperto no peito.

➤ Você se considera racista?

➤ Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Minha mãe é advogada e minha tia costureira. Ensino médio completo

➤ Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não, pois infelizmente a maioria trata as pessoas negras como uma parte inferior da sociedade.

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

28

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, já sofri racismo em um projeto que eu frequentava
mas ninguém fez nada, foi como se eu não importa-se
ou pertencesse a aquele lugar, a partir disso foi
horível continuar frequentando e não poder sair.

Nome completo: Larissa do Nascimento Oliveira

Idade: 17

curso/ano: 2º ano

29

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sabiam muito no passado pelo fato de
subir cor e ainda sabem.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois pessoas negras são mais difícil
de conseguir emprego por serem discriminadas
pelo seu tom de pele.

- O que é preconceito?

Qualquer opinião ou sentimento concebido
sem base crítica.

- O que é racismo?

Julgar alguém pelo que ela é, pela sua
cor e outros vários coisas.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Não, sou Branca.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, bem fiquei muito brava e me senti
triste pela pessoa.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

meu pai eletricitista, escolaridade não sei.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

com palestras.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, o tratamento com respeito muda
o ambiente.

Nome completo: Kemelli Roberta Gouveia da Silva.

Idade: 16 anos.

série/ano: 2º Ano "G"

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

As pessoas negras sempre sofreram muito preconceito pela sua cor ou até mesmo pela sua origem, mas elas sempre lutam para

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, infelizmente no nosso país há muita desigualdade.

- O que é preconceito?

Preconceito pra mim é você julgar a pessoa sem antes mesmo conhecê-la

- O que é racismo?

Racismo é discriminação baseada em desigualdade racial etc..

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

branca

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não, nunca presenciei

- Você se considera racista?

Não!

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Pai = Pranchista

mãe = Forneira

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não, pois as pessoas negras são tratadas muito mal mesmo

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Fazendo palestras, filmes relacionados ao racismo etc..

combater esse preconceito

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Não

Nome completo: Maria E. J. Jomander

Idade: 16 anos

série/ano: 2º

33

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Pouco por momentos muito difíceis.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não, porque do século em que estamos, ainda há desigualdade e não é somente por a pessoa ser negra.
- O que é preconceito?
Quando nós desvalorizamos a pessoa, por sua religião, sexo sexual e até mesmo sua cor de pele.
- O que é racismo?
Desvalorização de pessoas negras.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Sim, Branco
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Não, pois onde eu vivo, as pessoas tem ética.
- Você se considera racista?
Não.
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Funcionários públicos, ensino médio completo.
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Cursos com palestras e ele lá, pois muitas não se importam.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Percebe-se, que quando há "puxões" racistas, gestos mais ficam desconfortáveis perante o isso.

Nome completo: João Pedro Pereira Mendonça

Idade: 17

série/ano: 2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Somente o básico que nos ensinam na escola e alguns
contos que amigos meus comentam sobre
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não, pessoas pretas, pobres, lgbt+ e deficientes tem
menores oportunidades comparado com outras
pessoas.
- O que é preconceito?
Preconceito é você tratar com diferença ou
desdém algum que é diferente de você.
- O que é racismo?
Racismo é tratar com diferença ou ruim alguém
por conta de sua cor ou raça.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Branco.
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Já, estive em uma loja e a segurança andou
comenta atrás de meu amigo (negro) enquanto os
brancos ele simplesmente ignorava; saímos da loja e não voltamos.
- Você se considera racista?
Não, porém sei que alguns conceitos que não
entendo desde criança e não racista, ainda tenho livros de
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Vendedora e funcionária em área de limpeza; minha mãe
fez faculdade e meu padrasto fez até o 3º ano do ensino médio
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Definitivamente não.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Ensinar a história de forma bem mais detalhada para
não repetirmos os erros do passado; punir e expulsar
alunos racistas e prestar apoio as vítimas.

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, afinal ninguém gosta de ficar em um lugar onde você não se sente confortável; por conta de ~~isso~~ desrespeito, preconceito e discriminação.

Nome completo: Sucon Eduardo de Araújo Borchato

Idade: 17

série/ano: 3ª série

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Souberam muito no passado

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pessoas negras são mais difícil para oportu-
nidades

- O que é preconceito?

Qualquer opinião ou sentimento concebido sem
exame crítico

- O que é racismo?

Julgar alguém pelo que ele é

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Não

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

(Mãe) Membrane, Ensino médio completo

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Com palestras, mas não adianta muito

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Considero, trato a todos como pessoas com respeito, respeito a todos

Nome completo: Lucas dos Santos Oliveira

Idade: 16

série/ano: 2º ano

2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

- O que é preconceito?

Preconceito é ~~pre~~ tratar uma pessoa de
uma diferente como trata uma pessoa branca

- O que é racismo?

Racismo é ~~pre~~ tratar uma pessoa negra de
uma maneira ~~outra~~ tipo de ~~tratamento~~

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Pardo

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não, porque não gosto de ~~ser~~ ~~racista~~

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Nome completo: *Gustavo Garcia Ricardo*

Idade: *16*

série/ano: *1º ano C*

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

As pessoas negras no Brasil são sempre muito fustigadas,
em lugares.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Ele não é um país de igualdade de oportunidades
porque eles desprezam muito as pessoas negras.

- O que é preconceito?

preconceito é tudo aquilo que uma pessoa fala sobre
você, do cabelo, da cor de pele etc.

- O que é racismo?

racismo é aquilo que uma pessoa chama você
pela sua cor.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

sim já presenciei me senti muito triste porque não gosto
de ser discriminado.

- Você se considera racista?

não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

mãe: agente administrativa (Ponte do Simão) ~~Enfermeira~~ ^{completo}
vô: manicare ~~Enfermeira~~ ^{completo}
irmã: Pet Shop ~~Enfermeira~~ ^{completo}

- 12
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
não gostaria pois é muito constrangedor isso
não queria que ninguém fosse tratado
assim.
 - Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
podria fazer campanha sobre isso e muitas coisas
mesmo que faça muitas coisas não vai para de m
conta onde a gente que são muito racistas.
 - O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
Depende do caso tem coisas que acontecem na
escola sobre isso que eles não ligam.

Nome completo: maria Luiza Andrade Seneira
Idade: 10 anos

série/ano: 5º ano E

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Infelizmente não sei muito sobre a história das pessoas negras, e o pouco que sei aprendi em filmes, documentários e na escola. Aprendi que desde sempre as negras foram influenciadas por brancos por conta da escravidão.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, nosso país não é um país que não existe igualdade de oportunidades, só por que umas pessoas que não têm a oportunidade de ter um estudo de alto nível e oportunidade na vida como favelas para elas...

- O que é preconceito?

Segundo eu entendo sobre o preconceito, é uma pessoa se achar superior ao próximo por conta de onde está funcionando, estuda, cor de pele e etc...

- O que é racismo?

Segundo eu entendo sobre racismo, é umas pessoas se achar diferente por conta da sua cor, e atacar o caráter de outras pessoas. E até mesmo discriminando a pessoa.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Raça!!!

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Nunca presenciei uma situação dessa, mas já vi pela internet, e quando eu sei preciso que fazer racismo as pessoas podem atacar e insultar de outro jeito, preciso que se humilhem e um meio indireto existe no planeta.

- Você se considera racista?

Não!!!

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Em uma hora 5 pessoas, apenas 3 estão trabalhando meu pai com tratamento de de gado, minha mãe no marcenaria e eu com sempre sempre!!!

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Eu tenho certeza que nem eles e nem as
outras pessoas que se consideram brancos, gostariam
de se tratados com um animal.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Podiam fazer palestras, inventarem as brincadeiras
ligadas em dia que racismo existe não pode ser
uma forma de discriminação para os outros.
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
Não, no momento em que estou na escola a
única coisa que não me sinto a vontade de
muito menos protegido.

Nome completo:

Idade: 1, Jonai Joniel de Silva

série/ano: 2 ano Ensino
Médio

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

SE QUE OS NEGROS FORAM TRAZIDOS PARA O BRASIL COM
MEUS NEGREIROS E FORÇADOS A FAZER TRABALHO ESC-
RAVO COM UM TRATAMENTO DESHUMANO

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

NÃO, EM QUESTÃO DE IGUALDADE SOMOS POBRES E CEGOS,
NESSE PAÍS O RICO CADA VEZ FICA MAIS RICO E O POBRE
CADA VEZ FICA MAIS POBRE

- O que é preconceito?

QUANDO UMA PESSOA TEM PRECONCEITO COM
SEU PESSO, COR, ALTURA

- O que é racismo?

QUANDO UMA PESSOA BRANCA SE ACHA MELHOR QUE
OUTRA, POR CONTA DA COR DE PELE, ACHA QUE O NEGRO É
UMA PESSOA TOTALMENTE INFERIOR.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

BRANCA

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

SIM, EU FIQUEI COM MUITA RAIVA, ATÉ PORQUE O QUE
A COR DA PELE DE UMA PESSOA PODE AFETAR NA SUA
VIDA?

- Você se considera racista?

NÃO

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

MINHA MÃE NÃO TRABALHA E SO FEZ ATÉ O 9º ANO,
JA MEU PAI É CAMINHONHEIRO E CONCLUIU O ENSINO
MÉDIO.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
NÃO
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
CONVERSANDO, OBSERVANDO O COMPORTAMENTOS E
REUNIDAS DAS ALUNOS, PALESTRAS PODEM AJUDAR
TAMBÉM
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
NÃO SEI EXPLICAR, NUNCA PRESTEI MUITA ATENÇÃO, MAS
JÁ OUVI / PRESENÇIA ATITUDES RACISTAS

Nome completo: NICOLLY ISABEL DE CASTRO SILVA

Idade: 17 ANOS

série/ano: 3º ANO

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Li sobre suas culturas, história, na colonização do Brasil sobre as leis que libertaram várias pessoas

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não considero pois o que mais tem no Brasil é a desigualdade do povo tanto em poder etc...

- O que é preconceito?

Preconceito é a discriminação de apenas as pessoas estarão em uma dificuldade e a pessoa se humilha e se acha maior que a outra

- O que é racismo?

É a discriminação de uma pessoa por sua raça, cor, cultura.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

me relaciono como: pardo e etnia Brasileira e Italiana

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

➤ Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

contando mais sobre a história por trás dos livros
e outros lados da história

➤ O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

O ambiente em si não é muito acolhedor
e me sinto sobrecarregado e com estresse.

Nome completo: Nicolas Mathews Charles do Nascimento

Idade: 17 anos

série/ano: 1º B

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Que elas passaram por muita luta por eles
ser negros e tem gente que tem até medo
de elas pessoas e passam fome.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Sim de onde das pessoas.

- O que é preconceito?

Quando a pessoa é magra, ou corada, e
quando usa óculos, e a cor do cabelo e a
altura as pessoas etc.

- O que é racismo?

É a aquela pessoa que não gosta de negro
e do jeito que é a pessoa.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Mulhera.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim mais só que não ligou não.

- Você se considera racista?

Não por que cada um tem sua natureza seu
jeito de ser.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Meu pai está ele trabalha no Brasil 6º
ano.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não eu gosto muito de Respeito.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Fazendo Reunião com as pessoas.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Eu acho que sim quando tem problema eles correm pra tentar ajudar da forma mais possível.

Nome completo: Fernanda Caroline Gomes Cavalcanti

Idade: 16 anos

série/ano: 9º

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Que por muito tempo foram discriminadas e houve muita luta de líderes por direitos iguais, apesar de não ser mais hoje, a comunidade negra teve grandes conquistas.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não; as negras são muito discriminadas hoje e por isso não têm grande credibilidade e oportunidades como os outros países.
- O que é preconceito?
É a discriminação do outro por causa de gostos pessoais.
- O que é racismo?
É a discriminação pela cor racial.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
Sim
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Nunca presenciei nada.
- Você se considera racista?
Não.
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Não sei responder.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

com matérias relacionadas a consciência negra.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Não. Sinto que estou sozinho para passar o tempo, não é agradável o tempo.

Nome completo: WUBLEY KAUÁ ALMEIDA SOUZA

Idade: 16 ANOS

série/ano: 2º Ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Eu sei que as negras foram escravizadas e trabalharam e sofreram muitas coisas de abuso

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não Brasil ainda é um país longe da igualdade

- O que é preconceito?

É quando uma pessoa fala algo negativo sobre ou um preconceito que pode machucar a outra pessoa

- O que é racismo?

É racismo é quando uma pessoa faz alguns comentários ou age com a intenção de ser cruel com as pessoas que são de outra cor

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim, eu me autodeclaro preta, meu pai é afro-brasileiro

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Já na escola, e na rua, me senti muito discriminada e triste por ainda existir racismo

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

➤ Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras? /

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

promover ações racial conscientes
aos alunos

➤ O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Não, me sinto deslocado pois há muita pre-
conceito.

Nome completo: Jonathan Luíz de Souza matos

Idade: 17

série/ano: 2

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que foi os índios que chegaram no Brasil, de pois chegaram portugueses e escravizaram eles.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Bom a maioria ~~está~~ compreendem e aceita, mas ~~ainda~~ ainda existe uma minoria que não aceita.

- O que é preconceito?

é um julgamento de uma pessoa que você conhece.

- O que é racismo?

é quando você não aceita a pessoa do jeito que ela é

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branca

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não, aceito todos dos jeitos que eles são

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Mãe - operadora de máquina, estudou até o 7º ano

Pachasta - ajudante em uma casa de material de construção.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não gostava

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Com palestra nos salões gerais, e
falando mais sobre isso com os seus
alunos

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Não, me sinto sufocada naquela escola

Nome completo: Emily Sara Campos

Idade: 16

série/ano: 1º ano

57

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
- Eu sei que com a chegada dos brancos elas foram escravizadas, maltratadas, julgadas, feitas de
diábolos e até mesmo abusadas e até hoje algumas
ainda são tratadas assim.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
- não. as pessoas são tratadas diferente só pelo
cor, raça, religião, etc. fosse mesmo um
país de igualdade e oportunidades não teria
tanta desigualdade em nosso país.
- O que é preconceito?
- É como se fosse uma discriminação na hora e se julga a
pessoa sem conhecer e manifesta discriminatória perante
pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento.
- O que é racismo?
- Racismo é o preconceito que uma pessoa tem por ela ser
diferente, um exemplo é a discriminação contra os
cores de cabelo ou penteados afro, como o black, tanto
para meninos quanto para meninas ~~negros~~ negros
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
- me considero branca
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
- Sim, eu discuti até porque
era meu irmão e não eu
posso lutar ele.
- Você se considera racista?
- não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
- técnico de refrigeração,
motorista, operadora de Centro
de Controle Operacional

- 58
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
não, muitas das vezes eles não tratam como
animais e até bandidos só pelo simples fato
deles serem negros.
 - Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Deviam ter mais ações educativas falando
sobre isso, mas muitas das vezes até os
professores tem o ato e não faz nada. Que jogam
nas companhias, pra lá, etc.
 - O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
não, muita das vezes as escolas e os lugares
que tem mais negatividade e pressão.

Nome completo: Karina Soares

Idade: 16 anos

série/ano: 2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que foi os indígenas que chegaram no Brasil, depois chegaram os portugueses e escravizados

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, ainda existe muito preconceito e claramente a maioria das oportunidades são dadas a uma pessoa Branca

- O que é preconceito?

Um julgamento sobre alguém, por deficiência, cor, exatidão

- O que é racismo?

Quando a pessoa não aceita a outra por causa da cor

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

parece

- Já presenciou uma situação de racismo? Como aqui e/ou sentiu?

não, ou não me lembro

- Você se considera racista?

não, aceito todos da maneira que são

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Em casa só tem a minha mãe e ela não trabalha, sua escolaridade é fundamental incompleto

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira tanto se portava comigo?

Não, normalmente não. Tratados com diferença, desprezo, desigualdade e preconceito.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Deviam falar mais sobre isso, fazerem mais palestra.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Bom, na exata que estudo, costumam ter acolhedores os condutores e professores, por alunos nem sempre todos.

Nome completo: Nudly Vitória de Souza

Idade: 16

série/anos: 1º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

QUE NO PASSADO ELAS NÃO TINHAM VALER NENHUM, NEM DIREITOS E SOFRIAM MUITO

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

NÃO, AINDA EXISTE MUITA DESIGUALDADE COM MULHERES, PESSOAS DE OUTRO GÊNERO OU CLASSE SOCIAL

- O que é preconceito?

VOCE JULGAR DE FORMA RUIM ALGO OU ALGUÉM.

- O que é racismo?

VOCE TRATAR ~~ALGUÉM~~ ALGUÉM RUIM E DE FORMA AGRESSIVA POR CONTA DA COR, RAÇA DIFERENTE

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

NÃO

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

SIM, FOI COM UM COLEGA DE ESCOLA E EU ME SENTI MUITO MAL POR ELE.

- Você se considera racista?

NÃO

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

AUXILIAR DE PRODUÇÃO (MINHA MÃE) ENSINO MÉDIO COMPLETO
ELETRICISTA (MEU PAI) ENSINO MÉDIO COMPLETO

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

NÃO

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim

Nome completo:  Sanyelly Eduarda

Idade: 16

série/ano:

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que desde sempre as pessoas negras sofrem racismo apenas por serem o que são. Foram escravizadas e usadas por brancos que se achavam melhor que eles.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, é nítido que há mais oportunidades para brancos e pessoas com mais escolaridade.

- O que é preconceito?

É tipo um julgamento que você tem da pessoa antes de conhecê-la.

- O que é racismo?

É você julgar a pessoa pela cor da sua pele.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Parda

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não que eu me lembre, só em vídeos, me senti muito mal por não poder ajudar.

- Você se considera racista?

Não, procuro sempre respeitar as pessoas, independente do que elas são.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Meu pai é pintor autônomo e minha mãe do lar. Eles não completaram nem o fundamental.

Ele não

➤ Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não, todos gostaríamos de ser tratados com
respeitos, sempre. ninguém gosta de desrespeito.

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Deveriam fazer mais palestras, prestar atenção
nos bullying que acontece lá e muitas outras
formas de combater.

➤ O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
Não, me sinto desconfortável em falar sobre
algumas questões, pois, a diretora mesmo é
homofóbica e faz muitos comentários ~~racistas~~
Machistas.

Nome completo: Ana Carolina Marchi

Idade: 18 anos

2º ano C

série/ano: ~~2º ano C~~

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Que eles foram escravizados no Brasil em
que os portugueses descobriram o Brasil.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, porque tem muita desigualdade e muitos
das negres não oportunidades como
qualquer outra pessoa.

- O que é preconceito?

Preconceito é uma ideia que se quando
você não aceita as diferenças de pessoas,
quando você despreza ou despreiza alguém.

- O que é racismo?

Racismo é uma forma de fazer
discriminação com alguém.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Negra!

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Mãe - Doméstica - Ensino médio completo

Pai - Doméstico - Ensino médio completo.

- 66
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Eu acho que a escola poderia fazer palestras falando sobre racismo para conscientizar as pessoas e não cometer racismo.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Sim, me sinto bem.

Nome completo: Thayane Silva Santos

Idade: 17 anos

série/ano: 2º ano - f

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

O histórico dos negres é uma grande luta no Brasil, a resistência contra a escravidão e a luta contra heranças desse tempo.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, O Brasil não é um país onde há igualdade de oportunidades.

- O que é preconceito?

Preconceito formado anteriormente, caracterizado principalmente por não ter lógica ou fundamento lógico.

- O que é racismo?

É uma discriminação que leva em conta a raça como fundamento de práticas que culmi-
nam em desvantagens e de privilégios.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branca

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim. Eu disse pra pessoa parar de falar merda.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

As duas pessoas trabalham na minha casa. Minha mãe, minha irmã e meu cunhado tem educação média completa.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Ninguém gostaria pra ser bem tratado

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

falar mais sobre o assunto, incentivar os alunos a comentarem com outras pessoas pra fortalecer o bem

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

com negros sim. normal, nada ruim

Nome completo: Yeda maria Lucente

Idade: 16y

série/ano: 2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

De que eles foram escravos e foram muito
maltratados.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, porque tem muita gente que não tem
muitas oportunidades por causa da cor
dela.

- O que é preconceito?

O preconceito é quando uma pessoa come
ça a falar mal de você. Por exemplo "você é
gorda", ou você é 4 olhos, ou você é anã". Isso que
é preconceito.

O que é racismo?

O racismo é quando a pessoa fala mal
ou julga ela só porque é negra ou tem
a pele um pouco mais escura, ou também
o cabelo é crespo ou cacheado.

- Você se autodeclara (relacionado à cor, raça ou etnia)?

Sim, eu me considero gorda,

- Já presenciou uma situação de racismo? Como aqui e/ou sentiu?

Sim, eu senti triste e com raiva de ver
uma pessoa praticando racismo com a
outra pessoa.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

A minha mãe trabalha em um super
mercado. E o grau de escolaridade dela
é até o ensino médio.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não. Porque eu ia ficar super mal e triste.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Ajudando a conversar com elas e ensi-
nando que não pode magoar as outras pesso-
as que têm a pele negra e que o cabelo é
cachado ou crespo.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Não. Tem escola que nem vai atrás de aju-
dar os alunos, mais algumas vai porque se
preocupar com os alunos e com a saúde
mental delas.

Nome completo: Maria Eduarda Germano dos Santos.

Idade: 37 anos.

série/ano: 3º ano.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

que antigamente pelas pessoas serem negras com escravização, hoje tem da diminuição, mas ainda tem muitos ~~o~~ racismo

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Sim, pois nesse país é muito preconceituoso

- O que é preconceito?

é o pensar pessoa

O que é racismo?

é jogar uma pedra pelo tom da sua pele.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, pessoas se xingando uma outra pelo tom da sua pele

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

fazendeiro, Auxiliar de cozinha
8^o, 1^o

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Se considerar mais com os alunos
fazer teatro e

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

sim, muito bem

Nome completo:

Jheniffer Valerys Ribeiro Rodrigues

Idade:

16 anos

série/ano: 1^o E

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
 que elas foram muito discriminadas por serem
 negras. São pessoas que não têm direitos.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
 Igualdade não, as pessoas negras têm menos
 oportunidades e mais coisas para lidar com a
 discriminação, como a violência etc...
- O que é preconceito?
 Preconceito é uma ideia que uma pessoa tem sobre
 alguém com base em características físicas ou
 sociais, sem conhecer a pessoa.
- O que é racismo?
 Racismo é uma forma de discriminação que se baseia na
 cor da pele ou na origem étnica.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
 Branco
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
 Não
- Você se considera racista?
 Não
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
 Mãe faz manicure 8º ano
 minha mãe trabalha 9º ano

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
 Não, porque é muito preconceito com eles, na minha parte é
 muita falta de respeito não trata-los igual todo mundo
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
 de uma maneira para pessoas negras, destruí-los.
 eles fazem eles se sentir igual outros fazem
 eles são normalmente igual outros bons pessoas
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
 Sim, Bom

Nome completo: *Antônio Carlos da Silva Gomes*

Idade: *15 anos*

série/ano: *1ª ANO*

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que foram escravizados ~~maltratados~~
humilhados

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

não, pois eles julgam as pessoas só por ser
negros ou deficientes ou algo do tipo. Há
mais oportunidades para brancos do que ne-
gros

- O que é preconceito?

é ser preconceituoso com uma pessoa só por
ela ser diferente de você.

O que é racismo?

tratar mal ou julgar uma pessoa pela sua
cor fazer piadinhas sobre sua cor ou cha-
mar de preto ou macaco.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sou negra.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

sim, é uma situação constrangedora

- Você se considera racista?

não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

auxiliante de cozinha. não chegaram a uni-
versidade no ensino médio.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
não, a sociedade se diz acolhedora mas
não é, eles maltratam os negros de
uma forma absurda.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
com mais palestra, cartazes e conscientização.
- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
não, me sinto pressionada

Nome completo: Maya Garcia Siqueira

Idade: 16 anos

série/ano: 2º C

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

O que eu sei, é que a vida das pessoas negras e afri-
câneas no Brasil, está extremamente precária. Além de serem
submetidas, a trabalhos forçados e desumanos, mesmo
estando num século onde temos mais oportunidades,
pessoas negras continuam sendo a minoria no Brasil.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois mesmo o Brasil sendo um país laico, a
maioria das oportunidades são dadas às pessoas
brancas e heteros e pessoas com o nível de escolar-
idade completo.

- O que é preconceito?

O preconceito é uma forma de julgamento, onde
uma determinada pessoa não se "agrada" com
uma determinada coisa em outra pessoa, como o
cabelo, cor de pele, nariz, forma do corpo entre outros.

O que é racismo?

O racismo se consiste na discriminação, de de-
terminada etnia (pessoas pretas), como diferenças
biológicas, cores, formas de cabelos entre outras coisas.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Negro

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, pois como eu sou uma pessoa negra me se-
nti diretamente atacado, mesmo não sendo amigo,
fiquei sem ^{uma} palavra ^{na} hora com o comentário.

- Você se considera racista?

não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Minha mãe trabalha ^{em} comércio, minha irmã
na prefeitura

➤ Você gostaria de ver tudo da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Não, pois não seria como "lapis", mesmo
isso não sendo a verdade do Brasil

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Teria palestras, mais representatividade negra,
e ensinando a diretoria sobre diversidade e racismo

➤ O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?
Não, a escola não ensina os alunos sobre diversidade, a diretoria é extremamente preconceituosa,
os professores caçam para o psicológico e emocional
dos alunos, fora que o ensino é ruim, e muito
os professores não estão preparados para
a aula.

Nome completo: Gabriel Germano

Idade: 16

série/ano: 2º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Não sei muito sobre.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois o Brasil continua sendo um dos países com mais homicídios contra negros, LGBT's e etc. É muita desigualdade e preconceito, muita gente precisa abrir a mente e começar a entender um pouco esse pensamento burro.

- O que é preconceito?

Preconceito é um julgamento formado antecipadamente, baseado principalmente por não ter lógica ou fundamento crítico.

- O que é racismo?

Racismo é um tipo de preconceito étnico, uma ação por causa da cor da pele em relação a uma etnia ou grupo social.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Sim.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não.

- Você se considera racista?

Sim, eu acho que quando eu vejo, em algumas ocasiões de vida, a gente tem um ato de racismo.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Trabalhante: pai = Ensino médio incompleto
autônomo / mãe = Ensino médio incompleto

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Trabalhando palestras sobre anti-racismo.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim,

Nome completo: Júlia Victória de Souza Moura

Idade: 17

século/ano: 3º ano

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Eles foram escravizados e sofrem muito até hoje

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, Porque há muita desigualdade com mulheres e também até pela sexualidade e os negros das pessoas negras seu até por causa da tatuagem e etc.

- O que é preconceito?

É um julgamento errado sem fundamento crítico

- O que é racismo?

Racismo é uma discriminação

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Não

- Já presenciou uma situação de racismo? Como aqui e/ou sentiu?

Sim, me senti muito triste com isso e fui para a cama para com uma coroa

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Trabalha na JBS e parou na 8ª série

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não nunca

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Poderia ajudar a lutar com essa discriminação

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim gosto de ser bem tratado onde eu
vou e também tratar as pessoas iguais

Nome completo: João Victor F. Bruno
Idade: 17 série/ano: 2-2021

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
Isso é continua sendo muito difícil, muita preconceito.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não, a gente é muito preconceituoso com pessoas com gêneros diferentes ou até com mulheres que celebradas in-empresas.
- O que é preconceito?
Não gosto de uma pessoa por ser diferente ou por ter gestos diferentes.
- O que é racismo?
Preconceito com grupo racial ou étnico.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Que eu me lembro não.
- Você se considera racista?
Não.
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Professores; Enxame Superior completa.
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
Gostaria que todos fossem tratados da mesma forma sem olhar a "cor".
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
Reforçando que ninguém é melhor que ninguém.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, as formas de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente.

Nome completo: João Lucas de Lima Leite

Idade: 18

série/ano: 2º 2021

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

R: As pessoas negras no Brasil passaram por uma fase difícil, lutaram pelos seus direitos, mas até hoje ainda a racismo e desigualdade.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

R: Não considero o Brasil ou melhor o brasileiro ainda tem que evoluir muito nessa questão.

- O que é preconceito?

R: É um julgamento formado antecipadamente, muito das vezes sem bases ou fundamentos certos.

- O que é racismo?

O racismo é um tipo de preconceito contra uma raça ou etnia.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

R: Sim, me declaro pois sou descendente de negros.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

R: Sim, muitas a minha raça foi quebrar o chão mas também me senti ofendida.

- Você se considera racista?

R: Eu não me declaro, mas devido a nome Cucasão, Danado de graças teres como um pouco sem preconceito.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

R: /

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

R: Não gostaria pois ainda existe gente preconceituosa que não está preparada para respeitar. Por isso ainda temo que evoluir e termos empatia.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

R: Promovendo vários eventos contra o antirracismo e eventos culturais dessa raça.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente:

R: Não. Bom cada um tem um tipo de pensamento e temos que ter nossa própria critica.

Nome completo: Luis Marcelo V. Oliveira

Idade: 17

série/ano: Turma 2/2021

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Sei que no passado sofriam muito. E que hoje em dia, isso ainda é recorrente. No mercado de trabalho, em lugares públicos e privados.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não exatamente. Essa frase ainda tem que ser generalizada, pois pessoas negras, principalmente mulheres negras não tem as mesmas oportunidades que uma mulher branca, por exemplo.

- O que é preconceito?

É uma crítica/ invasão de espaço com outra pessoa que vive de uma maneira diferente da outra.

- O que é racismo?

É a discriminação pela etnia, raça, ou cor de uma pessoa.

- Você se autodeclara (relacionada a cor, raça ou etnia)?

Não.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim. Com uma amiga que sempre passou por situações assim na escola, e em mercados. É uma situação muito triste de se presenciar.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Vendedora e trafegista de rotas. Ensino médio completo.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

De maneira alguma.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Dando aulas sobre educação africana, falando sobre as lutas e dificuldades que sempre enfrentaram.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim. No mercado por exemplo, você ser observado e até mesmo seguido, por acharem que você pode roubar algo. Ou também a estranheza de pessoas com indivíduos de outra etnia que fazem parte de cargos mais elevados em determinada empresa.

Nome completo: Bárbara Gomes Gonçalves

Idade: 17

série/ano: 2-2021

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Que elas sempre foram escravizadas, por pessoas brancas, que se achavam no direito de diminuir, maltratar, e escravizar - los por causa da cor da sua pele.

- Considera este país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não. Pois eles vivem muita das vezes, algo que ainda não tem conhecimento. Um exemplo disso, é as empresas que não dão oportunidade para os jovens, pois dizem que eles não tem "experiência" mais como eles vão.

- O que é preconceito?

É tudo aquilo que você menospreza alguém, por ela ter a cor da pele diferente, ou pela situação de vida que ela tem. Exemplo: ter uma renda menor que é racismo?

Ofender alguém, ~~por~~ pela simples fato dela não ter a cor da pele igual a sua.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Eu me autodeclaro Parda.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Nunca presenciei, mais se eu presenciasse eu automaticamente iria ajudar, a pessoa que estivesse sendo atacada, ou iria me impor.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Na minha casa mora eu e minha mãe, minha mãe sempre trabalhou como empregada.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não, desejaria ser tratada assim e também não goste que a sociedade trate pessoas negras de tal forma ruim.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Com projetos, falar mais sobre o assunto e explicar, esse problema mais nas matérias e nas atividades do dia a dia assim conscientizaria muito mais.

90

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Dependendo do ambiente, nem sempre me sinto bem, pois as pessoas costumam excluir outras e muitas das vezes sem motivo algum.

Nome completo:

Amanda Sousa dos Santos

Idade: 17

série/ano: Turma 2-2021

1-continuação: E nos dias de hoje ainda se retratam o racismo, com palavras, e até mesmo com agressões como nos tempos passados.

2-continuação: Tem experiência, se eles nunca trabalharam antes. Não faz sentido, está se um dos motivos para, a sociedade não ser um lugar com igualdade de oportunidade.

5-continuação: Com palavras para defender.

7-continuação: Doméstica, pois ela não conseguiu terminar os estudos, e tem o grau de escolaridade incompleto, por falta de oportunidade, pois ela tem que escolher entre trabalhar para sobreviver ou estudar.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

tem parte fundamental na construção histórica da nação

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

não, pois aqui existe muita desigualdade por conta dos preconceitos

- O que é preconceito?

É um Julgamento formado anteriormente caracterizado principalmente por não ter lógica

fundamento

- O que é racismo?

É uma discriminação sobre a raça da pessoa

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Pardo

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

não, nunca

- Você se considera racista?

não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

meu pai trabalha na loja de Peças dele, e formado
minha mãe trabalha em mercado tem ensino médio

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

não, pois tem muito preconceito no Brasil e principalmente sobre a cor de pele

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

ter profissionais negros trabalhando nas escolas; dar apoio às vítimas de casos de racismo.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Não entende

Nome completo: Carlos Adriano Rodrigues Junior

Idade: 17

série/ano: 3º ANO finalizado

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
As pessoas pretas do Brasil são, em sua maioria, descendentes das pessoas pretas que foram escravizadas na época do Brasil colônia.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
Não. O Brasil, apesar da sua diversidade é um país extremamente racista, machista e homofóbico. Logo, é muito mais complicado ter boas oportunidades nesse lugar sendo uma pessoa preta, mulher, LGBT+ ou pobre.
- O que é preconceito?
É a discriminação de algo que é diferente do ~~ser~~ "normal" e do "bom" pela sociedade.
- O que é racismo?
Racismo é a discriminação racial, julgar e humilhar alguém pelo seu tom de pele ou etnia.
- Você se autodeclara (relacionada a cor, raça ou etnia)?
Branca.
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
Sim.
- Você se considera racista?
Não.
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
Minha mãe tem o ensino médio completo e trabalha como diarista.
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
De maneira nenhuma.
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
~~Começando a contratar mais pessoas pretas e negras~~
~~estudantes~~ ensinando a história do Brasil de verdade e não da maneira que sempre ~~tem~~ ensinados.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim. Quando nos sentimos acolhidos em algum lugar
não nos sentimos tanta vontade de ir embora.

Nome completo:

Idade:

série/ano:

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Pessoas negras sofreram e sofrem até hoje por conta do passado, onde eram escravos, pois antigamente acreditavam que aquele povo eram escravos.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois muitas pessoas ainda tem muito preconceito.

- O que é preconceito?

Quando não respeita a diferença do próximo e cita como uma forma de ofendê-lo.

O que é racismo?

É quando você usa uma diferença da pessoa para humilhá-la.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branco.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, pessoas que eram próximas ficaram chamando o outro de preto na intenção de ofender, e também usavam características negativas para zoar o próximo.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

mercado, não completou o ensino médio.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Ensinando desde cedo a respeito o próximo e, mostrando seu passado

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

não

Nome completo: Julia Queini Yokota Maciel

Idade:

série/ano:

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étno-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

QUE FOI UMA GUERRA QUE MUITA GENTE LUTOU E MORREU PARA A LIBERDADE E RESPEITO PARA COM ESSAS PESSOAS, POR A MANEIRA DE AS PESSOAS NEGRAS COMO DIFERENTES.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

BRASIL NA MINHA OPINIÃO É UM LUGAR DE OPORTUNIDADE PARA QUEM É BRANCO, E SE EXISTE MUITA A OPORTUNIDADE DE UMA PESSOA NEGRA OU TRANS TER UM SERVIÇO DONO DE QUALQUER PESSOA OU ATÉ ESTUDO, POR ATRAVÉS DE MUITA LUTA.

- O que é preconceito?

O ATO DE UMA PESSOA NÃO ACEITAR A OUTRA POR SER DIFERENTE.

- O que é racismo?

O ATO DE UMA PESSOA NÃO ACEITAR A OUTRA POR SER NEGRA, TER O CABELO MAIS CREPIDO QUEO OUTRA...

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

SIM, PARDIA, AFRODESCENDENTE.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

SIM, ACNO QUE RACISMO COMEÇA DESDE QUE VOCÊ ENTRA NO ÔNIBUS E NÃO APENAS UM LUGAR É A PESSOA DO LADO É UMA PESSOA NEGRA, E POR ESSE MOTIVO, VOCÊ ESCOLHE FICAR DE PÉ AO SENTAR COM ELA. PRESENCIO MUITO ISSO DIARIAMENTE, E ACNO ISSO MUITO TRISTE POR PORQUE

- Você se considera racista?

NÃO, POR TERMO PESSOAS QUE SÃO MUITOS IMPORTANTES NA MINHA VIDA E SÃO NEGRAS, E EU SEI RELACIONAR COM TODAS AS AULAS E PALESTRAS QUE

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

MÃE: AUXILIAR DE PRODUÇÃO EM NÍVEL MÉDIO COMPLETO

PAI: ELETRICISTA INDUSTRIAL: TÉCNICO EM MECÂNICA; CURSOS PROFISSIONALIZANTE.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

NÃO

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

FAZENDO CAMPANHAS, PUNDO AQUELE ALUNO QUE CHAMA O OUTRO DE MACACO NA BRINCADEIRA...

98

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

SIM, AIS É, IMPORTANTE VOCÊ SE SENTIR ACOGIDA EM ALGUM
LUGAR, SABER QUE VOCÊ NÃO ESTÁ ALI SÓ.

Nome completo: MARIA EDUARDA SÁVIO DE OLIVEIRA

Idade: 17 ANOS

série/ano: 2 - 2021

É UMA PESSOA TRABALHADORA, E AGORA TODOS OS DIAS PARA TRABALHAR, OU ATÉ
ESTUDAR COMO TODAS AS OUTRAS QUE ESTÃO NAQUELE ÔNIBUS.

NÃO NUNCA VIDA TODA COM A REALIDADE (ROTINA, DIA A DIA), DE SE POR
NO LUGAR DE UMA PESSOA NEGRA.

ENSINO MÉDIO COMPLETO.

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Chue muitas passaram, pela escravidão, pelas torturas, pelos abusos e pela morte.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não. O Brasil ainda é lugar cheio de preconceitos, sendo que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBT'S.

- O que é preconceito?

Acho que é, aquele olhar discriminatório sobre o ser humano pela cor, etnia, alguma deficiência e etc.

- O que é racismo?

Pessoas que te julgam pela sua tom, de pele. Por terem uma cor "diferente" da "padrão".

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Preto. Pois existem vários tons de preto.

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim. Porém não agi de forma alguma, por medo, mas me senti bem mal pela pessoa.

- Você se considera racista?

Não. Pois consigo identificar isso em mim.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Meu pai trabalha, mas não sei com o que e ele completa apenas o ensino médio. Minha mãe, não trabalha e não completa o ensino médio. Minha irmã ainda tá no quarto ano, do fundamental 2.

➤ Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

➤ Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

➤ O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Nome completo:

Idade:

série/ano:

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?
SEI BOM POUCO, MAS ELAS LUTARAM MUITO PARA DERM LIBERTADE.
- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.
NÃO, A TEM LUGARES E EMPRESAS QUE NÃO DÁ OPORTUNIDADE PARA PESSOAS COM OUTRA ETNIA OU RAÇA DIFERENTE
- O que é preconceito?
É QUANDO VOCÊ OLHA DIFERENTE PARA ALGUÉM POR CAUSA DA ROUPA, COR, POR SUA SEXUALIDADE
- O que é racismo?
É PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO OU ANTAGONISMO POR PARTE DE UMA PESSOA.
- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?
NÃO
- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?
NÃO, MAS SEI QUE É BOM DIFÍCIL PARA ELAS, ENTÃO NÃO ME SENTIRIA BOM SE VISSSE
- Você se considera racista?
NÃO
- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?
BAUCARIA, ENSINO SUPERIOR
- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?
NÃO A SOCIEDADE É MUITO MALTRADA COM AS PESSOAS NEGRAS
- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?
ELA PODERIA FAZER EVENTOS OU UMA ROTA DE CONVERSA SOBRE ISSO, PRECONCEITO DISCRIMINAÇÃO E TUDO MAIS

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

COM CERTEZA, ~~NINGUÉM~~ NINGUÉM GOSTARIA
DE FICAR EM UM LUGAR ONDE VOCÊ
SABE QUE NINGUÉM QUER VOCÊ ALI OU
SEJA TE TRATANDO MAL.

Nome completo: LEONARDO ASTOLPHO

Idade: 16 ANOS

série/ano: 2º ANO

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais

Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Não sei explicar muito, mas lembro que já vi
folhetos usarem e terem essa situação de preconceito.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não. Por causa da desigualdade que existe aqui, pois
antes mesmo de falar o seu voto.

- O que é preconceito?

É ter uma visão que a diversidade de
cor, religião, cultura...

- O que é racismo?

É ter uma visão que a diversidade de
cor...

- Você se autodeclara (relacionada a cor, raça ou etnia)?

Branca

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, desconfiança

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Minha mãe é contadora, minha irmã é funcionária
e o meu irmão é advogado. Minha mãe tem no
3º grau, minha irmã tem o 2º grau e meu irmão tem o 3º grau.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Fazer mais atividades relacionadas para que os alunos se encaixem no papel.

- O ambiente escolar é acolhedor? Como você se sente na escola?

Sim.

Nome completo: Jeticia Silva Perce

Idade: 17 anos

série/ano: 2ª série

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Que as pessoas negras foram escravizadas e isso durou 1000 anos até a abolição.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pois ainda falta muito mais oportunidade e ainda não são todos que respeitam a diversidade.

- O que é preconceito?

É um julgamento formado antecipadamente que muitas das vezes é sem fundamento crítico.

- O que é racismo?

É o ato de acreditar fisicamente e mentalmente uma pessoa negra. Discriminando ela por apenas ser de uma cor diferente.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Não.

- Você se considera racista?

Não.

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Meu pai é autônomo. Ele parou no 8º série e mãe tem 40 anos.

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Sim, só acho que as pessoas devam melhorar e ser mais antirracista.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Criando mais aulas uma visão mais crítica e aberta das coisas.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente:

Sim. Pois tem gente que quando lutamos por uma sociedade que nós tem os mesmos privilégios que o resto da pessoa acha que somos muito crítico que lutamos por algo errado.

Nome completo: Gustavo Nunes Antonio

Idade: 16 anos

série/ano: 2-2021.

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Foram trazidos como escravos, tirados de suas terras de origem, perdiam toda sua dignidade e nome em sociedade, muitas lutas e guerras para terem direitos mínimos de cidadania.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, pelo fato da sociedade ser capitalista, e com o capitalismo vem a desigualdade, de gênero, social e o racismo. Foi o contexto de escravidão, onde pretos e indígenas perderam todos os seus direitos sociais.

- O que é preconceito?

Preconceito é começar quando a pessoa vê outra como inferior, seja pelo modo de falar, por alguma deficiência, por crença, religião, trabalho, nível social, lugar de origem, etc., características físicas etc.

- O que é racismo?

Quando não se entende pensar de uma etnia ou raça ~~apartado~~ específico com atitudes negativas e fixas.

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Branco

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, diversos vezes na escola com o bullying ocorrido com alunos pretos e em lugar onde pretos são muito perseguidos por serem negros que pensam brancos. Me senti enganado nos regimes não consigo ter nenhuma atitude a respeito.

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Ensino médio (pai) Ensino superior (mãe)

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não, pois sabendo toda a discriminação que eles passam todos os dias por serem quem são é desumano e não consigo imaginar como é sentir isso na própria pele.

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Completando mais a história dos pretos em sociedade e não romantizando a luta do Brasil, porque muitas coisas aprendemos apenas fora da escola por exemplo muitas coisas.

➤ Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, pois se você vive em um ambiente onde pugna uma pauta que você não concorda, não te trata de modo diferente e com exclusão tanto em trabalho, escola e família. Isso não se cabe a todos, mas é recorrente.

Nome completo: Gabriel Santos Ferraz

Idade: 17

série/ano: Turma 2-20

Pesquisa Qualitativa e Quantitativa Sobre as Relações Étnico-Raciais/ Representação social

- O que eu sei sobre a história das pessoas negras no Brasil?

Antigamente eram escravos e muito mal
tratado.

- Considera esse país um lugar onde há igualdade de oportunidades? Justifique sua resposta.

Não, é muito diferente as oportunidades
de pessoas

- O que é preconceito?

Julgamento formado antes de conhecer direito
algo

- O que é racismo?

prática muito comum contra a cor de pele
negra

- Você se autodeclara (relacionado a cor, raça ou etnia)?

Pardo

- Já presenciou uma situação de racismo? Como agiu e/ou sentiu?

Sim, me senti ofendido como se tivesse feito
coisa.

- Você se considera racista?

Não

- Qual o trabalho das pessoas que moram com você? Qual o grau de escolaridade delas?

Meu pai trabalha em uma destiladora de uva amarel, e tem um médico completo. Meu irmão é lido e em um comp

- Você gostaria de ser tratado da forma que a sociedade brasileira trata as pessoas negras?

Não

- Como a escola poderia contribuir para uma formação antirracista?

Removendo de alguma forma pessoas que praticam
o racismo.

- Você considera que a forma de tratamento e/ou sentir-se pertencente tem influência sobre a permanência em algum ambiente? Comente

Sim, importante para uma boa relação.

Nome completo: João Vitor Santos de Azevedo

Idade: 17

série/ano: 3.º ano

Por que a diversidade incomoda mais que a desigualdade

Porém na minha opinião a desigualdade hoje
muito das vezes é tratada de uma normal,
onde ai se está criado e a desigualdade
não muitas pessoas criam dificuldades e
problemas para se lidar com as
diversidades.

Eu acho que a diversidade incomo-
da mais que a desigualdade.

Nome: Gustavo Nunes Lintonis
Série/ano: 2-2021,

idade: 16 anos

data: 02/12/22